VANGA

CONFISSÃO DE UMA VIDENTE CEGA

KRASIMIRA STOYANOVA

Tradução: Amadeu António

VANGA - CONFISSÃO DE UMA VIDENTE CEGA

Krasimira Stoyanova

SUMÁRIO

«… E assim nasce a lenda do milagre» Fenómeno

«Eu vivo não para mim — para as pessoas» 38 Vida digna de admiração 47 Início • • • • • • 3D 60 82 Cada um tem direito à felicidade Vanga — a curadora… O ser humano e a sua saúde espiritual 91 Em visita a Vanga Mensageiros celestes

«… eles olham com os seus olhos e não veem; ouvem com os seus ouvidos e não compreendem… Não há nada oculto que não venha a ser revelado; nada escondido que não venha à luz. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!» Evangelho segundo Marcos, cap. 4 (12, 22, 23)

Há quanto tempo foi isto? Será que aconteceu realmente, ou foi em sonho, talvez numa visão acordada? De qualquer modo, não importa. Contarei como ficou gravado no meu coração, impresso na minha alma.

Eis-me de pé na margem de grandes águas. Compreendo que é um oceano, mas será mesmo um oceano? Para nós, humanos, o oceano parece sem limites, mas na realidade as suas ondas quebram algures no horizonte, contra as margens. As vastas extensões aquáticas que se estendem perante o meu olhar mental não têm margens, não têm fim, tal como não têm princípio. E isso

é o tipo de mistério, de profetas, de videntes e de… sempre. A memória deles preserva-se em mitos e lendas aos quais damos crédito, e nada mais. A nossa… vive ao nosso lado, é tão humana como nós, e contudo, é um ser humano-fenómeno. Perguntamo-nos porque razão foi precisamente ela agraciada com capacidades sobrenaturais, e porquê? Só podemos admirar-nos.

Se não é água, então é um mistério maravilhoso, profundo e sem limites. Diante dele, eu própria sou apenas um grão de areia, um pequeno ser humano a quem o destino concedeu ver e ouvir. Tendo visto e ouvido, tento explicar o inexplicável. Não riam de mim se não conseguir cumprir a minha tarefa. Não riam.

O inexplicável é o fenómeno Vanga.

O inexplicável é a revelação da vidente cega búlgara, que, ao que me parece, sabe tudo e sobre todos: aqueles que morreram e partiram, mantendo connosco uma ligação misteriosa; aqueles que vivem entre nós, percorrendo, como eu, o breve caminho terreno de pecado e tristeza; aqueles que ainda não nasceram e, portanto, nada podem contar sobre o seu destino à minha Vanga. Poderá ou não poderá — esses conceitos primitivos, embora perfeitamente reais para nós, simples mortais, não têm significado para Vanga. Ela não pondera sobre a sua essência terrena; para ela, eles nem sequer existem. É o que penso, embora possa perfeitamente estar enganada.

Sendo uma materialista comum e perfeitamente sensata, tento limpar de superstições primitivas — que tão rapidamente criam raízes mesmo nas almas endurecidas pelo materialismo — os factos de que tenho conhecimento fidedigno por estar próxima de Vanga.

Conseguirei levantar este fardo insuportável? Não tenho a certeza. A própria Vanga não me aprova, resmunga, ouvindo o ruído dos meus passos e o farfalhar do vestido:

«Um livro assim não pode ser escrito agora. Pensa no que estás a tentar: mostrar aos cegos o invisível, explicar aos materialistas a essência daquilo que para eles não existe na natureza.»

Pergunto a mim mesma, ao meu «eu» interior, e ouço a resposta: «Tenta, atreve-te.» A natureza deu-nos órgãos dos sentidos bastante imperfeitos, dos quais, no entanto, nos orgulhamos terrivelmente, e só a curiosidade ilimitada e a capacidade de sonhar nos tornam humanos. É o que me parece. A quem me corrigir sensatamente e me colocar no caminho da verdade, ficarei grata. E, por enquanto, continuo.

Não é uma curiosidade ociosa, nem o desejo de me tornar famosa (de modo nenhum!) que move a minha pena. Move-a o amor por uma simples búlgara, conhecida de todas as pessoas do mundo (cada um que vem ter com ela ouve palavras sinceras, por trás das quais há apenas uma coisa — a verdade), que aspira de toda a alma à grande ideia de fazer o bem e mede as ações tanto dos que morreram há muito (e recentemente) como dos seus contemporâneos — vizinhos na casa a que chamamos Terra.

…com capacidades sociais, sim

…porquê? Só podemos admirar-nos, extasiar-nos diante dela, quando com espantosa precisão penetra na espessura do passado e do… de ontem, prevê o futuro do ser humano e da sua linhagem, do Estado, do povo, penetra na vida oculta da natureza através do olhar escondido. Para ela não existe o conceito de «natureza inanimada». Tudo o que nos rodeia é um todo único, um único sistema, que vive e se desenvolve segundo as suas leis internas, cujo conhecimento só agora começamos a abordar. Não nos perdoarão se não tentarmos descrever com a maior precisão possível hoje em dia, com as forças e conhecimentos que possuímos, explicar o fenómeno. Para não transmitir aos nossos descendentes o mesmo que os nossos antepassados nos deixaram: mitos e lendas.

Quero pedir humildemente a todos, incluindo, e sobretudo, aos grandes homens da ciência moderna: não se afastem com desdém daquilo que hoje parece incompreensível e até contra a natureza. Aos humanos comuns não é dado compreender até ao fim o desígnio divino, e já será bom da nossa parte que descrevamos conscienciosamente o que vimos.

E eis o surpreendente: a própria Vanga prevê aos nossos cientistas a rápida decifração dos seus segredos. Leiam, registos das suas palavras: «Aproxima-se o tempo em que a ciência fará grandes descobertas no domínio do imaterial. Os cientistas poderão ler a informação sobre o amanhã e sobre o nosso e o próximo Cosmos. Acreditam ou não, ajudar-lhes-ão muito livros antigos quase esquecidos.

Com a sua ajuda serão finalmente decifrados muitos mistérios antigos.» Haverá, sei-o, sinto-o e acredito em Vanga, que haverá mistérios próximos e distantes revelados, e a mente humana, conhecendo-se melhor, em muito maior plenitude do que hoje, lançar-se-á para novas distâncias mágicas. Belos veleiros navegam para o pôr do sol, e o nosso pensamento segue-os para onde nos espera o mistério mágico, doce como fruto do paraíso. Vanga, a sacerdotisa cega…

Pergunta: Tem importância para ti quando ocorre uma ação ou outra — no presente, no passado ou no futuro?

Resposta: Essas bagatelas não têm para mim qualquer significado. Não sei o que é uma "máquina do tempo", mas o passado e o futuro desenham-se perante o meu olhar mental com igual clareza.

Pergunta: O que vês, tia, é-te dado como informação sobre o homem morto ou sobre o homem vivo?

Resposta: Exatamente da mesma forma, tanto sobre o vivo como sobre o morto: como informação sobre o homem e como esse homem concreto.

Pergunta: Cada pessoa tem o seu próprio "código", uma cifra pessoal, conhecendo o qual se pode decifrar a "linha de vida" da pessoa, o seu destino?

Não houve resposta.

Pergunta: Como se manifesta concretamente o futuro de uma ou outra personalidade — vês apenas os principais acontecimentos ou vês toda a vida por inteiro, numa sequência de eventos? Em resumo, é como um filme ou de outra forma?

Resposta: Como uma fita de cinema.

Pergunta: Lês os pensamentos?

Resposta: Sim.

Pergunta: E à distância?

Resposta: A distância não tem importância.

Pergunta: Consegues ler os pensamentos de pessoas que conhecem outras línguas, mas não o búlgaro? (A própria Vanga não conhece outras línguas.) A pensamento transmite-se por palavras ou de outra forma?

Resposta: Não existem barreiras linguísticas. Habitualmente ouve-se uma voz, e a língua é sempre búlgaro.

Pergunta: Consegues "chamar" a informação que te interessa de um determinado segmento de tempo previamente indicado? (E queria perguntar à maneira moderna: consegues chamar ao ecrã do teu display informação de um bloco de memória?)

Resposta: Sim.

Pergunta: Se ouves rádio, a informação recebida provoca imagens visuais?

Resposta: Não, não provoca.

(Penso que aqui também há "mérito" do nosso rádio, cujas emissões são na maioria das vezes muito monótonas, lânguidas e aborrecidas; não é de admirar que a Vanga em geral não goste de rádio.)

Pergunta: A profundidade das tuas visões depende da seriedade da pergunta posta e da força da personalidade de quem te procura?

Resposta: Sim, isso é importante.

Pergunta: E depende da condição de saúde, não só tua, mas também do estado nervoso de quem pergunta?

Resposta: Não depende.

Pergunta: Se acontece que vês com a visão interior que te foi dada do alto uma desgraça próxima ou mesmo a morte da pessoa que veio ter contigo, consegues fazer algo para que a desgraça possa ser evitada?

Resposta: Não, nem eu nem ninguém mais já pode fazer nada.

Pergunta: E se as desgraças, mesmo catastróficas, ameaçam não apenas uma pessoa, mas um grupo de pessoas, uma cidade inteira, um Estado, pode-se preparar algo antecipadamente?

Resposta: É inútil.

Pergunta: A sorte de uma pessoa depende da sua força interior, moral, das suas capacidades físicas? Pode-se influenciar o destino?

Resposta: Não se pode. Cada um percorrerá o seu caminho, e só o seu.

Pergunta: Como consegues determinar com que tristezas veio o visitante ter contigo?

Resposta: Ouço uma voz que fala sobre essa pessoa, aparece diante de mim a sua imagem, e torna-se clara a causa dos sofrimentos.

Pergunta: Tens a sensação de que o teu dom de clarividência está programado do alto?

Resposta: Sim. Pelas forças superiores.

Pergunta: Que forças são essas que tanto influenciaram em ti?

Não houve resposta.

Pergunta: Como é habitualmente recebido o "sinal" dessas forças ultraterrenas?

Resposta: Na maioria das vezes soa uma voz.

Pergunta: Vês aquele que chamas "forças superiores", ou aqueles que assim designas?

Resposta: Sim. Tão claramente como uma pessoa vê o seu reflexo numa água calma.

Pergunta: Eles formam-se a partir de "pontos luminosos, piscando como vaga-lumes sobre as dálias"?

Resposta: Eu diria que sim.

Pergunta: Podem essas forças materializar-se, adquirir, por exemplo, carne humana?

Resposta: Não, não podem.

Pergunta: Se quiseres entrar em contacto com elas, consegues? Ou só elas devem tomar a iniciativa?

Resposta: Na maioria das vezes o contacto acontece por vontade delas. Mas também eu posso chamar essas forças — elas estão em toda a parte e por toda a parte, ao lado.

Pergunta: Pode-se precisar alguns detalhes mais pequenos por desejo de quem faz as perguntas? Obténs resposta se fizeres esse tipo de perguntas esclarecedoras?

Resposta: A resposta soa, mas muito nebulosa. E em geral é bastante difícil.

Pergunta: A essência do homem é uma simbiose de vários dos seus corpos, como que fundidos num só? Talvez devamos falar da unidade das suas diferentes hipóstases, como a casca física, o espírito, a alma? (A mim própria esta pergunta parecia-me e ainda me parece gigantescamente difícil, extremamente complicada; demorei muito a reunir forças antes de a colocar a Vanga.)

Resposta: Sim, pode-se. Um juízo justo.

Pergunta: Como te aparece a pessoa morta sobre a qual te perguntam — como uma imagem definida, como um certo conceito sobre o homem ou de outra forma?

Resposta: Aparece claramente a imagem visível do morto e ouve-se a sua voz.

Pergunta: Então o morto é capaz de responder a perguntas?

Resposta: Ele tanto faz perguntas como pode responder às que lhe são feitas.

Pergunta: A personalidade conserva-se após a morte física e o enterro?

Resposta: Sim.

Pergunta: Como percebes tu, tia, o facto da morte de uma pessoa — apenas como o fim da existência física do seu corpo?

Resposta: Sim, apenas como a morte física do corpo humano.

Pergunta: Ocorre "renascimento" da pessoa após a morte física?

Vanga não respondeu.

Pergunta: Que tipo de ligação é mais forte — a de parentesco por sangue ou a espiritual?

Resposta: Mais forte é a ligação espiritual.

Pergunta: Todos os humanos no planeta são uma família, pois todos pensam: constituem uma comunidade de razão, num certo estágio de evolução. Existe paralelamente à razão humana outra, mais perfeita, mais elevada?

Resposta: Sim.

Pergunta: Diz, tia, de que origem é esse super-raciocínio? Ele penetra apenas o espaço próximo da Terra ou todo o Cosmos, chegou-nos como herança de antigas civilizações desaparecidas ou foi enviado por mensageiros do nosso futuro? De onde vem e onde "se localiza"?

Resposta: Esse raciocínio começa e acaba no Cosmos, é eterno e infinito, tudo lhe está subordinado.

Pergunta: Existiram antes na Terra grandes civilizações altamente organizadas?

Resposta: Sim.

Pergunta: Quantas foram, quando acabou o seu tempo?

Não houve resposta.

Pergunta: Querida tia, poderá a nossa civilização humana moderna ser percebida, suponhamos, como a infância de todo o raciocínio único e inteiro, cuja existência tu estás tão firmemente convicta?

Resposta: Sim, pode. É uma comparação correta.

Pergunta: Existe no Universo outra razão que tenha atingido o mesmo estágio de desenvolvimento que a da nossa civilização?

Não respondeu.

Pergunta: Diz, tia, ocorrerá alguma vez o encontro com representantes de outras civilizações?

Resposta: Sim.

Pergunta: É verdade que visitam a Terra aqueles navios interplanetários que se chamam tão primitivamente "pratos voadores"?

Resposta: Sim, é assim.

Pergunta: De onde vêm?

Resposta: De um planeta que na língua dos seus habitantes se chama Vamfim. Assim, pelo menos, soa-me esta palavra incomum — Vamfim. Esse planeta é o terceiro a contar da Terra.

Pergunta: É possível, por desejo dos terráqueos, o contacto com os habitantes desse planeta misterioso? E com que meios — técnicos ou, talvez, telepaticamente?

Resposta: Os terráqueos são impotentes nisso. O contacto é estabelecido conforme a vontade dos nossos hóspedes.

Repito: abstive-me conscientemente de comentários. As minhas perguntas não foram, claro, casuais; estão ligadas a acontecimentos concretos, e só as coloquei a Vanga quando me parecia que ela estava mais predisposta a ouvir-me atentamente. Sobre os acontecimentos concretos falarei mais adiante, tenham paciência. Agora volto ao meu prefácio. Embora talvez não seja propriamente um prefácio, mas simplesmente um texto explicativo. Não está excluído que tenha de dar ainda alguns esclarecimentos ou precisões.

Vanga é uma pessoa profundamente religiosa, acredita em Deus, na Sua existência. Mas a uma pergunta do jornalista K. K. (guardo a gravação magnética da conversa), que lhe fez uma entrevista ainda em 1983 — se tinha visto Jesus Cristo —, Vanga respondeu assim: "Sim, vi. Mas Ele não é de todo como está representado nos ícones. Cristo é uma enorme bola de fogo, na qual é impossível olhar, tão brilhante é a luz. Só luz, nada mais. Se alguém te disser que viu Deus e Ele era exteriormente semelhante a um homem, sabe que aí há falsidade."

Considero que a qualidade mais surpreendente do seu dom sobrenatural (ou, aliás, talvez perfeitamente natural?) é a facilidade com que Vanga consegue deslocar-se no tempo e no espaço: do passado distante ao futuro mais indefinido, algures ali, nas profundezas dos tempos, fracamente piscando. Não a sua hipóstase física, claro, mas a sua essência espiritual. (Aqui precisamente faltam palavras, faltam catastroficamente, ou a mim só, ou à linguagem humana em geral.)

… Perto da aldeia de Prepechene, entre as cidades de Sandanski e Petrich, estende-se o vale de Rupite, amplamente conhecido na Bulgária pelas suas fontes minerais quentes. A oeste é como que fechado por uma pequena montanha, densamente coberta de arbustos e floresta miúda como lã de ovelha, chamada Kojuh. Ao pé dela outrora corria o riacho azul Struma; agora o leito enche-se de água só durante as cheias e as chuvas torrenciais. No calor o riacho seca completamente, e o seu leito arenoso brilha ao sol como vidro puro. Ali Vanga tem uma pequena casa, onde passa os seus dias na tranquilidade e paz da natureza não destruída pelo homem. Ali recebe também os visitantes.

Todos os anos a 15 de outubro, quando no calendário eclesial está o Dia de São Pedro, Vanga reúne convidados. À mesa modesta sentam-se vizinhos, amigos, conhecidos. A refeição é tranquila, sem libações nem discursos solenes. Então Vanga celebra precisamente o Dia de São Pedro? De modo nenhum. O motivo para o modesto banquete é outro — ninguém adivinharia. Leio as minhas notas datadas de 1985. Eis o que contava Vanga: "Nesse mesmo dia, há mil anos, aqui ocorreu uma forte erupção vulcânica. Correntes de lava inundaram uma grande e rica cidade, milhares de pessoas pereceram no fogo.

E as pessoas que viviam aqui eram altas e bem proporcionadas, muito belas, vestiam-se de branco com reflexos metálicos. Na cidade havia teatros e

bibliotecas; mais que qualquer outra bênção, os seus cidadãos valorizavam a instrução, honravam profundamente a sabedoria, sentiam-se em pé de igualdade mesmo com os reis. Pelo meio da cidade corria um rio azul, que levava as suas águas por um fundo coberto de areia dourada. Nesse rio batizavam os recém-nascidos, e as crianças cresciam saudáveis, transformando-se gradualmente em jovens fortes de corpo e saudáveis de espírito…

As principais portas da cidade estavam adornadas com grifos de asas douradas — os protetores da cidade. Perto erguiam-se três grandes templos: de Santa Petka, da Santa Mãe de Deus e de São Pantaleimão. As profundezas terrestres ardentes respiram ainda hoje, e a água mineral é aquecida pelo seu hálito. Escutem, hão de ouvir inevitavelmente os suspiros dos que há muito pereceram. E eis que me atrevo a pedir-vos, meus convidados: enquanto estivermos vivos, lembremo-nos em oração silenciosa de todos os que pereceram tão subitamente, no auge e na grandeza da alegre vida terrena. Será que lhes cabia morrer? E não estará aqui escondido um profundo sentido profético?"

— A dolina de Rupite atrai muito fortemente a Vanga — diz a sua irmã Liubka —, e eu não consigo perceber porquê exatamente. Se aqui aconteceu uma desgraça há muito tempo, o que temos nós a ver com isso? Um infortúnio antigo não devia influenciar-nos. Embora não… influencia, sim, e eu, e muitas outras pessoas, sentimo-nos aqui como que num estado de espírito oprimido. Mas à Vanga ouvem-se vozes que não se ouvem longe destes lugares; elas agitam-na, e ela escuta com enorme atenção vozes que ecoaram há mil anos. E ela ainda nos lembra que a sua casinha foi construída no local de um antigo santuário de culto pré-histórico, portanto, num bom lugar.

O meu irmão Dimitar também está sempre pronto a meter uma palavrinha quando se fala da tia. Ele fala, e o rosto dele, normalmente simples e igual a tantos outros dos nossos vizinhos, ganha uma expressão importante: Dimitar adota um «ar professoral». Mais um bocadinho e começa a «profetizar». De qualquer modo, o que diz faz sentido.

Eu não sou historiador nem arqueólogo. (Ninguém o suspeita.) No entanto, gosto de fuçar em livros antigos. Sobre a origem de alguns monumentos históricos até criei as minhas próprias versões. Digo com

sinceridade que fico contente quando as minhas modestas suposições são confirmadas por escavações arqueológicas.

Li que na dolina de Rupite existiram realmente santuários antigos. Não só os arqueólogos, mas também os moradores comuns encontram aqui uma infinidade de fragmentos de objetos de culto. Parece-me que a olaria, os ofícios manuais e a arquitetura atingiram na dolina um nível notavelmente elevado. Não é preciso ter muita imaginação para adivinhar, entre as pedras, os degraus de ricos templos trácios; e se não se importar de sujar as calças e rastejar de joelhos entre os destroços, pode-se encontrar uma moeda romana esverdeada pelo tempo. E não só romana. A vida na dolina fervilhava. Para cá acorriam peregrinos de lugares próximos e distantes, para rezar nos templos claros e solenes, e também para curar feridas do corpo nas fontes minerais quentes.

Os velhos gostam de contar histórias ouvidas na infância sobre como se realizava o ritual de cura pela água. Ainda desde a véspera, cada sofredor cavava, com a força que tinha, uma pequena cova na areia. De manhã lá se acumulava água mineral quente. Ao nascer do sol, obrigatoriamente ao nascer do sol, quando os primeiros raios iluminavam o cume ondulado da montanha Kojuh, enchiam um recipiente esculpido numa abóbora — uma abóbora seca e oca — e derramavam a água sobre si. Uma e outra vez enchiam e derramavam. Olhavam para o sol matinal ainda pouco intenso e rezavam a Deus, pedindo saúde e forças espirituais. Rezavam em pensamento. Pelo ritual, durante todo o tempo em que durava o «lavatório ao nascer do sol» — assim se chamava —, era preciso manter silêncio absoluto. Considerava-se também que a cada um que realizasse o ritual com fé sincera e profunda a cura fazia efeito. O resultado chegava depressa, e até doenças antigas eram curadas.

— Há outra crença — continua o meu irmão a «profetizar» —, e ela afeta muito a minha psique, obrigando-me a percorrer um labirinto de suposições das mais estranhas, a construir hipóteses, cada uma mais incrível que a outra. Assim, diz-se (quando os ouvintes pedem para explicar onde se diz, quem diz, Dimitar fica em silêncio profundo e pensativo) que na praça da cidade se erguia uma grande estátua de um cavaleiro. O cavaleiro não era outro senão o próprio São Constantino. A estátua foi retirada do pedestal e escondida quando os janízaros chegaram a estas terras abençoadas.

Pessoalmente, acho que podia ser também uma estátua do deus trácio Heros, pois foi exatamente aqui que os arqueólogos encontraram placas com a sua imagem. Compreendo que a questão é em grande parte puramente escolástica e que um dia a ciência dará uma resposta precisa. O importante é outro. Falemos do que está ligado à minha tia — Vanga. A estranheza está no facto de as suas primeiras visões estarem ligadas precisamente ao cavaleiro.

Eles «encontravam-se» junto ao poço, quando Vanga ia buscar água. O cavaleiro e a sua voz avisavam-na dos testes que se aproximavam, de quem e quando esperar desgraça; foi ele quem disse a Vanga que ela estava destinada a tornar-se vidente — «prever aos vivos o destino, ouvir e compreender a voz dos falecidos». Os primeiros «encontros» aconteceram há muito tempo, há 30 anos, quando Vanga se instalou na dolina. Não tem intenção de se mudar para outro lugar.

Nós, búlgaros, somos em geral muito apegados às lendas em que o personagem principal é um cavaleiro. Afinal, os cientistas ainda não sabem quem nem quando esculpiu na rocha o «retrato» cujo nome histórico é «Cavaleiro de Madara». Os especialistas supõem que na rocha está representado o cã Tervel ou algum outro guerreiro da época do Primeiro Estado Búlgaro. Mas eu penso: não será esse o cavaleiro que outrora se erguia no meio da praça de uma bela cidade e que, centenas e centenas de anos depois, começou a aparecer à nossa Vanga, aparecendo normalmente só na véspera de acontecimentos decisivos para o destino?

Parece-me que não foi por acaso que a titi escolheu a dolina de Rupite; há por perto muitos lugares bem mais pitorescos. Vanga diz que aqui absorve energia cósmica em plena medida. O fluxo energético «é atraído» para o leito seco da Struma, porque ali, nas profundezas da terra, está sepultado um grande segredo, e a decifração desse segredo é a chave para ler a antiga história do povo búlgaro. Que energia é essa que atraía peregrinos desde tempos imemoriais, que ainda hoje alimenta o dom profético de Vanga, não me atrevo a julgar.

Mas apetece-me subir a um alto púlpito e dali chamar aos nossos académicos e doutores: venham cá, amigos, cavem a areia, partam as pedras, penetrem também na essência do código gravado pelo Altíssimo no céu alto — as misteriosas e eternas letras estelares —, forcem o pensamento, voem nas asas da fantasia alimentada por factos, e o antigo segredo hão de revelar-

se-vos — tem de se revelar! Venham, espera-vos a glória, e não só entre colegas cientistas: glória mundial.

Assim raciocina o meu irmão Dimitar; confesso que nem sempre é fácil penetrar no sentido das suas cruzadas verbais. Perguntávamos muitas vezes a Vanga: porque vives aqui, havendo tantos lugares bem mais abençoados por perto? Muda-te para mais perto da água pura de nascente, dos arbustos orvalhados onde de manhã os rouxinóis e os tordos cantam tão docemente. Ora, tia, porque te afeiçoaste a este «deserto» tão triste? E o que ouvíamos quase sempre como resposta? Quase sempre a mesma coisa, enigmática e incompreensível para simples mortais:

— Tenho de ficar aqui durante um certo tempo. Aqui estou bem, enquanto estou bem: a energia flui através de mim da terra e do cosmos por uma ponte invisível; absorvo-a facilmente, respiro-a como um bálsamo vivificante. Diante do meu olhar mental arde uma chama infernal que, outrora, desde tempos imemoriais, queimou esta terra. O fogo tudo consumiu e fundiu, tudo o que antes era impuro purificou da mácula. O segredo da purificação pelo fogo escondem-no as montanhas; estão bem perto, sinto a sua presença.

— Só tu, tia, sentes a ponte por onde flui a energia, ou outros também podem «pisar» nela?

— Eu e as aves. Será que os vossos ouvidos estão fechados ao ruído das asas de inumeráveis bandos de pássaros? Não ouvem as vozes tristes das aves que partem no outono e os seus chamamentos alegres, os seus cantos triunfantes na primavera? Lugares como esta região montanhosa atraem energia, e as aves sabem captá-la; carregam-se dela. Voam de uma «ponte» para outra, sem se cansarem. (Esta conversa é bem recente, verão de 1988.)

Como já disse acima, Vanga não é muito faladora. Mas há nela um estado de espírito especialmente sereno, e então é preciso ouvi-la com atenção: quem tem ouvidos, ouça. Vanga continua:

— Fui deixada exatamente aqui! Para aqui devem vir os desesperados e os que perderam a esperança; para aqui se dirigem, como as aves encontram um ponto de orientação. Quem tem sede de salvação encontra o caminho. A mim resta apenas ler os nomes da sua alma, sem ouvir a língua que é tão faladora, tão capaz de tudo misturar e confundir que nem cem mentes descobrirão a verdade. E mais: tenho de ler não só o ontem e o hoje, mas

também dar a direção certa para o amanhã. Mas estou tão cansada! (Verão de 1988.)

Afastamo-nos de Vanga, que ergueu o rosto para o céu e se fechou em si mesma; nenhum músculo se mexe, nem um cabelo se agita. Na concentração ela parece petrificar-se, e um terror reverente enche os nossos corações humanos. Onde está ela agora? E se a sua alma partiu por um instante para falar com o próprio Deus? Ou talvez a sua alma, como uma menina nas correntes solares de um riacho quente, se banhe em poderosos fluxos energéticos — desconhecidos, insondáveis —, que fluem do cosmos para a terra e, como vapor, sobem ao céu? Quem sabe… Sabem-no ela e as aves. Como é extraordinário e precioso que o segredo o saibam ela e as aves!

Nós, os sobrinhos, nada compreendemos; a mãe diz: Há tantos anos que estamos juntos! Desde o dia em que nasci, pode-se dizer que nunca me afastei dela, e ainda assim continuo na mais completa ignorância — donde vem à irmã tal capacidade? Que capacidades são essas? Não sei. Como não se chamou à nossa Vanga: vidente, adivinha, curandeira, oráculo. Para mim ela é uma enigmática profetisa, para quem o passado, o futuro e, claro, o presente são igualmente claros. Há muito que desisti de explicações, não as procuro, sabendo que não encontrarei nada, não tento espreitar para dentro do laboratório da sua alma, embora na verdade não haja necessidade: Vanga está toda aberta, mas não com olhos comuns é preciso olhá-la. Não, não com os que temos na cara, mas com outros bem diferentes. É assim que penso e assim que creio.

Enfim, a mãe é uma mulher do campo, ocupada com as tarefas quotidianas da casa; nunca lhe interessou nem convém tentar penetrar no mundo interior da irmã. Ora bem, será ela a única que olha para a porta escancarada sem ver nada? Quantos cientistas vieram ter com Vanga, para, como se diz, bater palmas, arregalar os olhos e ir embora sem ter compreendido nada! «Permitam-me, aqui há um milagre, um milagre indubitável», dizia o cientista soviético Mikhailov. «Não acredito que ela tenha podido ouvir a voz da minha mãe, morta há 10 anos. No entanto, só a minha mãe sabia o que Vanga me disse. Então os milagres existem?»

A médica soviética Z. M. pediu modestamente a Vanga que lhe falasse dos antigos curandeiros populares e dos seus métodos de tratamento. Z. M. é uma especialista séria e qualificada, e quando a profetisa começou a citar nomes de curandeiros (só especialistas como Z. M. os conhecem), métodos

de trabalho, a médica ficou imensamente surpreendida: «Parece que Paracelso era seu amigo pessoal.»

A um conhecido historiador búlgaro Vanga contou em pormenor, como se lesse um livro fascinante, os principais acontecimentos do século XII, as guerras que então varreram a terra búlgara, os heróis das grandes vitórias e os que abandonaram ignominiosamente o campo de batalha. O historiador, grande conhecedor dessa época, não duvidou de nenhum facto apresentado. Além disso, ouviu e soube muitas coisas sobre esse tempo pela primeira vez. Eis aí as autoridades das antigas escolas, eis aí o conhecimento preservado pelos trabalhos dos antigos — longe de tudo, pelo contrário, só uma pequena parte nos chegou através dos pergaminhos cobertos pela poeira dos séculos.

Aqui vai mais um curioso exemplo de como Vanga concebe Deus, ou, diria eu, o absoluto (não, não me atrevo a invadir as complexas construções filosóficas das publicações académicas; desde os tempos de escola tenho medo de revistas de filosofia; simplesmente a palavra «absoluto» me pareceu muito apropriada): segundo a sua profunda convicção, Deus lembra-lhe um olho vigilante que nunca dorme. «Ninguém se esconde em casa, ninguém se oculta na sombra de uma árvore, nenhum ato bom ou mau passa despercebido. E não pensem que são livres de fazer o que querem; nas suas ações ninguém é livre, tudo está predeterminado. Pode-se apenas experimentar sentimentos: alegria por um bom ato, amargura e arrependimento por um mau.» Assim pensa Vanga.

Ela é indiferente à nossa vaidade terrena; tudo o que é terreno lhe parece pequeno e sem interesse. As pessoas sabem que ela é completamente desinteressada, mas as pessoas são pessoas; provavelmente não há país de onde ela não tenha recebido um presente, só que presentes ela não precisa de todo. Assim é a vida: um menininho na distante Coreia cresce como uma erva à beira da estrada, sem receber dos pobres pais nem um presente no dia do seu aniversário, enquanto um sheik árabe, dono de reservas de petróleo, rico como Creso, recebe novas oferendas com cara de tédio. Não há justiça no mundo, e Vanga sabe disso.

Não será por isso que é indiferente tanto à fama como aos presentes? Sim, sei que para ela são iguais (como se ela, ainda em vida, tivesse subido acima de tudo o que é humano, instável e fugaz, breve no tempo e apenas aparentemente longo) o menino coreano mendigo e o sheik árabe milionário.

Não se trata de indiferença insensível, mas de uma supersensibilidade. Desenvolvendo a metáfora, digo assim: Vanga vê que o menino mendigo, forte de espírito e corpo, se erguerá até às alturas da alegria humana e da glória terrena, enquanto o rico entregará todo o seu ouro para se curar de uma doença maligna, e nada conseguirá. A balança oscila, e só a fé na justiça final de qualquer decisão do Destino é o verdadeiro apoio do homem na sua vida terrena passageira.

… Quero agora passar para o papel uma recordação minha, mas infantil e pura, do arco-íris. A minha pena avança sem tropeçar nas inumeráveis descrições de arco-íris que se espalham em centenas de livros que li, e naquelas que nunca vi com os meus olhos. O arco-íris que está agora diante de mim não é só meu, mas Nosso; significa que ainda não o viram os poetas apaixonados pelo céu, nem os cientistas homens que sabem que o arco-íris não é mais que um fenómeno físico ligado a uma particular «refração dos raios de luz nas gotas de água», nem os filósofos, pois é difícil «encaixar» o arco-íris nas construções imutáveis, muitas vezes escolásticas.

Pois bem, depois de uma chuvinha que molhou a poeira avermelhada de julho na dolina de Rupite, ergueu-se no céu um arco-íris. Estava tão perto, brilhava com cores inimaginavelmente belas e, o mais incrível de tudo, parecia-me uma ponte maravilhosa lançada sobre o nosso mundo; chamava para uma terra desconhecida e cheia de milagres, atravessava o riacho, a montanha Kojuh: era preciso ir depressa, o caminho não era longe. Sob o encanto dos sonhos infantis, sentei-me em silêncio no degrau da casinha de Vanga e de repente ouvi a sua voz:

— Pega numa cadeirinha, filhinha, e dá-me a mão; vamos para o prado, quero passar por baixo do arco-íris. Está tão baixo que teremos de nos curvar. Pode-se fazer uma vénia ao arco-íris, não é verdade, filhinha?

Ela via o arco-íris com os olhos da alma tão claramente como via tudo aquilo de que falava às pessoas. Perguntei a Vanga:

— Diz, tia, o que representa o arco-íris — símbolo de beleza, ramo de cores vivas que só podem florescer no céu?

— O arco-íris é apenas uma recordação — respondeu ela. — Recordação do dilúvio universal. Leste que, pelos pecados dos homens, foi enviada uma punição: durante quarenta dias choveu. A água inundou a terra, afogaram-se as criaturas vivas, afogaram-se, claro, também as pessoas.

Sobreviveu Noé e com ele, na arca, «de cada criatura um par». Noé, na sua arca, embora não tivesse perdido completamente a fé na salvação, desesperou de lutar contra as ondas, e então no céu surgiu o arco-íris. Sob o arco-íris brilhavam de neve os cumes das montanhas; dali voava uma pomba com um ramo de oliveira no bico. Era o sinal: estás salvo, porque acreditaste.

— Tia, mas isso é uma lenda bíblica, nada mais. E o que pensas tu própria do arco-íris?

— Ai, minha querida, não te posso contar nada diferente. Lenda, dizes tu? E de onde vêm as lendas? A arca de Noé está mesmo ao lado da minha casinha. Basta dar dez passos e toco com a mão no seu flanco quente, coberto de musgo. A madeira aquecida pelo sol é tão agradável ao tacto!

Ela calou-se e mergulhou novamente nos seus pensamentos, em algo tão profundamente escondido que eu jamais conseguiria vislumbrar em toda a eternidade. O arco-íris chamou-me, mas eu não corri; provavelmente nunca mais me chamará. Lembro-me de um caso assim. Uma manhã, bateram timidamente à porta da casinha. Espreitei pela janela e vi uma mulher modestamente vestida e aqueles que vinham com ela: um monge muito cansado, com o rosto abatido, e uma velhinha curvada ao seu lado. Vanga saiu ao encontro deles. Era muito cedo; os raios de sol mal iluminavam o rosto cego de Vanga, muito calmo, quase como uma máscara. Com voz serena, baixa mas muito segura, dirigiu-se precisamente ao monge:

— Não precisavas de vir tão longe.

— A minha mãe está doente, só tenho esperança em ti.

— Doente? Tu és monge, a tua mãe é a Igreja. Deves viver e trabalhar só para a Igreja. Fizeste voto à santa mãe-Igreja e morreste para o mundo.

O monge, ainda muito jovem, perturbou-se e corou. Depois de um minuto de silêncio, continuou já em voz muito baixa, quase caída:

— Trouxe comigo uma parente. Ela ainda é jovem, mas quer entrar para o mosteiro e tornar-se freira. Não sei o que lhe aconselhar.

— Permite-me — disse Vanga —, a tua parente não é assim tão jovem, ela tem família.

— Sim — confirmou o monge —, tem família, marido e duas filhas. O problema é que o casamento está completamente desfeito.

— Ora aí está: a mãe abandona os filhos ao acaso do destino e esconde-se atrás dos portões da igreja. Que ideia! Não se pode esconder de nada; em toda a parte verá os olhos chorosos das crianças, as lágrimas dos filhos queimarão a mãe desertora. Vão embora, não deviam ter vindo tão longe.

Já mencionei nas minhas notas caóticas que Vanga consegue "ler" toda uma vida humana, do nascimento à morte. E vê exatamente os fios de que é tecida a trama de qualquer ato humano. Para explicar o meu pensamento, vou relatar uma pequena história, conhecida de muitos, sobre ladrões. Eis o que aconteceu. Numa igreja antiga, um pouco deteriorada pelo tempo, trabalhavam restauradores: jovens cultos e bem formados. Quem diria que eles tramavam algo mau — roubar ícones. E fizeram-no tão habilmente que ninguém suspeitou deles; procuravam os ladrões por toda a região, enquanto os nossos restauradores continuavam a renovar os frescos murais sem pestanejar. Estavam certos de que tudo estava bem encoberto.

Só quando as buscas terminaram num fracasso total é que decidiram recorrer a Vanga. Ela disse logo quem eram os ladrões, enumerou em pormenor tudo o que tinham roubado, sorriu ao pensar na ingenuidade humana, desvendou toda a cadeia lógica do crime e da encenação. Os "cultos" ficaram chocados, confessaram tudo e arrependeram-se amargamente. Pelo que me lembro, o tribunal levou em conta o seu pedido lacrimoso de clemência.

E eis outra história do mesmo género, mas alegre. Na nova casa, aqui em Rupite, roubaram-lhe um vestido. Um vestido bonito, de veludo, que lhe ficava muito bem. Vanga, ao descobrir o roubo, não se aborreceu.

— Não faz mal, aquela infeliz que o levou vai alegrar-se com o vestido e depois sofrer de vergonha. Não saberá como devolvê-lo. Não é preciso trancar o armário; o vestido volta em breve.

Uma semana depois, o vestido estava pendurado nos cabides no armário. Vanga limitou-se a sorrir enigmaticamente.

E pouco tempo depois — que azar! — novo roubo. Os ladrões viraram tudo do avesso, provavelmente à procura de tesouros; afinal, se Vanga é "bruxa", deve ter tesouros. Claro que não encontraram nada e, irritados, levaram alguma ninharia. Lembro-me bem de termos chamado a polícia. Os polícias, sem quebrar muito a cabeça com as possíveis versões deste caso aborrecido, perguntaram diretamente a Vanga:

— Tu própria suspeitas de alguém?

— Para quê suspeitar — respondeu ela —, são jovens desordeiros. Não faz mal, eles mesmos trarão o que levaram e porão no lugar.

Dois dias depois chegou uma verdadeira "delegação": os ladrõezinhos menores de idade e os pais. Os mais velhos choravam, os pequenos estavam de olhos baixos. Como se diz, ardiam de vergonha. Vanga sentou-se no degrau, ficou em silêncio e depois leu uma pequena lição aos patetas.

— Nenhum roubo fica nunca em segredo, nem ficará. Tu roubas, e alguém vê o roubo. As pessoas de coração sensível percebem que a tua consciência está inquieta, suspeitam de algo errado e, pouco a pouco, o teu mau ato revela-se. Pode-se fugir ao desprezo das pessoas, mas de si próprio ninguém se esconde. Vão, que nada parecido volte a acontecer-vos. Nunca.

Ouviram eles a minha Vanga? Penetraram no coração com as suas palavras verdadeiras? Infelizmente, não sei.

Ah, Vanga, se fosses vidente! Como é bela a dolina de Rupite de manhã, como são leves, quase incorpóreos, os véus de nuvens no céu perolado da aurora, como a petinha infla suavemente o peito vermelho para saudar o novo dia, como a andorinha rápida risca o azul com a asa leve… A manhã é um banquete para os olhos que ainda sabem ver.

Mas Vanga conhece outra coisa — a contemplação, e eu não sei que cores ardem diante do seu olhar interior quando mergulha na sua alma atormentada. De repente os seus olhos cegos abrem-se muito, como janelas ao encontro do sol, e ela olha, sim, ela olha e vê algo desconhecido, ultraterreno, misterioso. Passam alguns minutos, a luz apaga-se, o rosto de Vanga, que há pouco estava extraordinariamente inspirado, como que se apaga e volta a parecer uma máscara habilmente esculpida.

Às vezes ficamos as duas sentadas no degrau, falamos de tudo, o pensamento salta de assunto em assunto, e de repente Vanga adormece. Uma vez aconteceu que eu lhe lia um livro, uma obra de ficção, com heróis e enredo cativante. Durante algum tempo ela ouviu, eu entusiasmei-me e lia com expressão, mudando a entoação, destacando com o tom a fala do autor, as réplicas dos personagens. E então notei que a minha eloquência se perdia no vazio — Vanga dormia. Atónita, calei-me, mas Vanga, sem abrir os olhos, disse: «Continua a ler. Não estou a dormir.

Apeteceu-me ver como as pessoas realmente viviam na época descrita neste romance histórico.» — «E então?» — perguntei, sem encontrar pergunta melhor. «Vou entristecer-te: no livro a heroína principal é mentira. Tenho muita pena, o livro está bem escrito, não só a ti, a muitos agrada, mas lá tudo é falso. Transporte-me por algum tempo para aqueles anos em que ocorrem os acontecimentos descritos. Pena, mas tudo isso é falso.» Assim disse Vanga, repetindo várias vezes. Guardei o livro no armário, pensando que nunca, nunca seria escritora. Os meus leitores, penso, já entenderam que então tomei o caminho certo. Quanto às notas sobre o vivido e o visto, qualquer um que queira pode fazê-las. Não é verdade?

Nós, simples mortais, mesmo os mais inteligentes e perspicazes de entre nós, representamos o mundo que nos rodeia numa única plano. Vanga, num plano completamente diferente. Os nossos mundos e o dela giram em órbitas distintas, por isso, aliás, não me atrevo a raciocinar, interpretar, comentar; limito-me a ter a ousadia de relatar documentalmente, tanto quanto a memória permite, o que soube.

Uma tarde tranquila e quente; o cheiro embriagante do tabaco perfumado anuncia chuva próxima, as dálias amarelas ardem, uma joaninha rasteja por uma folha de gerânio. Vanga aproxima-se da borda do canteiro, inclina-se para as flores. Os lábios abrem-se, ela pronuncia algumas palavras, como se conversasse baixinho com um amigo íntimo.

— De que falas, tia? E com quem?

— Não vês com quem — com as flores. O gerânio acabou de me dizer: sou o melhor remédio para os nervos desarranjados. Tão engraçado, eu já o sei há muito.

Permito-me perguntar aos mais sábios dos meus concidadãos, aos sábios do nosso querido planeta Terra: expliquem-me o mecanismo de receção e reprodução da informação que Vanga tão habilmente põe em funcionamento. Sei que ninguém me responderá, nada de compreensível ouvirei. E então pergunto a Vanga:

— Tia, como vês tu?

— Sabes, filhinha, tudo acontece por si só e de forma bastante simples. Vem ter comigo uma pessoa, e com ela irrompe na minha vida a vida dela, com todas as alegrias e paixões, insucessos e dores. No meu cérebro abre-se uma janela pela qual observo a vida do meu visitante. Não importa se fala ou

cala. Até é melhor se calar, porque as imagens da sua vida que vejo são acompanhadas por um relato pormenorizado; ouço perfeitamente claras as palavras que nem tu nem ninguém mais ouve.

— Contar uma vida inteira leva muito tempo.

— Claro. Mas os acontecimentos principais não são assim tantos.

— Tia, eu ando a anotar algumas coisas; procura para mim exemplos interessantes.

— Ora, para quê procurá-los? Eu escondo-os? Tu própria sabes tudo. Bom, se queres, anota, por exemplo, a história da chinesa Sun. Houve uma artista chinesa chamada Sun. Estudou em Sófia, onde se casou com um búlgaro. Ainda em 1971 veio uma vez visitar-me. Eu disse-lhe então: voltarás para os teus, tornar-te-ás uma pessoa famosa e respeitada. Vejo o teu país, os teus lugares natais, campos inundados de água, rebentos verdes de arroz, casas baixas, as pessoas trabalham muito, mas são pobres, nem calçado têm, andam com sandálias de madeira e cordelinhos. E o país é belo pela beleza do trabalho humano incansável. Compreendes-me?

E ainda disse à chinesa: pobre, o teu filho está doente, foi acometido de paralisia; só uma pessoa pode ajudá-lo — tu. Consola-te, conseguirás vencer esta grave doença, o teu filho sarará. Depois Sun partiu para a China, começou a estudar acupuntura e, alcançando sucessos surpreendentes, pôs de pé muita gente, curou também o seu filho. Voltou a visitar-nos na Bulgária, e agora vejo-a na pátria. Agora é muito conhecida na China, está feliz.

Entre muitas celebridades mundiais, por assim dizer de classe mundial, visitaram Vanga também artistas. Uma vez encontrei aqui Svetoslav Rerikh. Estava de passagem pela Bulgária — vinha da Índia, creio que para Amesterdão. Sentou-se em silêncio diante de Vanga, e a tia falava com voz serena e calma, habitual, sem entoações e até como que sem emoções. Ela via (escrevo intencionalmente este verbo sem aspas) o gabinete de trabalho de Rerikh, via um grande vaso de cerâmica cheio de terra bem cuidada, e nele uma flor — um lírio branco, quase alabastro, como símbolo de beleza celeste e pura. Vanga disse: «É o maior ornamento espiritual da tua casa.

O belo lírio brilha para mim com a prata das neves eternas do Tibete e dos Himalaias. Foi de lá, do Tibete, que começou a história da humanidade; é lá que se devem procurar as suas raízes, é lá que está a explicação de muitos enigmas surpreendentes e estranhos da vida terrena do homem e das

pessoas. O teu pai — continuou Vanga, dirigindo-se a Rerikh — não era apenas um artista, mas um profeta inspirado. Todas as suas pinturas são visões, predições. Estão cifradas, mas um coração atento e sensível indicará ao espectador o código, e o sentido das telas tornar-se-á claro. Deves continuar com todo o zelo a obra do pai. Assim está predestinado.»

Não me lembro se Rerikh disse algo ou não; lembro-me só de que partiu em profunda meditação: sombras como de nuvens passeavam-lhe pelo rosto.

Vanga desloca-se facilmente para um ambiente completamente diferente, «visita» países de que nunca ouviu falar antes e fala não em geral, mas de forma concreta, como, por exemplo, sobre o lírio alabastro-puro — favorito de Svetoslav Rerikh, de que ele nunca falara a ninguém. Ora, que é isso de lírio de Rerikh! (Se eu fosse poeta, chamaria assim um ciclo de poemas: «O Lírio de Rerikh».) Eis que chega uma vizinha. Por algum assunto, claro, principalmente para falar com a tia. A vizinha veio vangloriar-se — como é que não? — de como tudo em casa está arrumado e enfeitado. Não é nada como os outros, diz ela, e os vizinhos são desleixados, preguiçosos e desastrados, nem maridos nem filhos (os meus não gostam…).

Enfim, a conversa habitual. A nossa Vanga, pelo visto, já estava farta, e começou a dizer à vizinha: a cortina da janela está rasgada, as paredes sujas, o chão no meio do quarto tem uma mancha, na gaveta da cómoda a roupa interior está encardida, não melhor que a de uma velha. «Não és dona de casa nenhuma, não imagines mais, não gosto de gente assim.» A vizinha, envergonhada, foi-se embora depressa. Agora, pelo visto, a casa dela está em ordem.

A Vanga não custa nada, estando no presente, a conversar com o visitante, espreitar por um segundo para o passado. Assim, a um dos nossos visitantes disse de repente, sem mais nem menos, que na família dele havia alguém com a alcunha de «turco». O nosso visitante não sabia disso e sorriu incrédulo — não seria fantasia? Mas pouco tempo depois voltou a visitar-nos e contou que, durante a guerra, o tio dele surpreendeu a mulher com um vizinho e matou-a por ciúmes. Desde então chamavam-lhe «turco».

Em 1944, um camponês da aldeia de Kromidovo, no distrito de Sandanski, soube que o seu filho fora morto pelos alemães perto de Novo Selo, na Macedónia. Quando se tornou possível, o camponês viajou para lá na esperança de desenterrar o corpo e trasladá-lo para a terra natal. Foram abertas sete sepulturas, mas o camponês não reconheceu o filho. O infeliz

dirigiu-se então a Vanga. Ela disse-lhe que a sepultura procurada ficava na margem do riacho, junto a um grande arbusto. Quando a abriram, do bolso do casaco do morto caíram documentos e uma fotografia — nela estava o filho do camponês de Kromidovo.

A um jovem D. G. foi introduzida uma forte infeção numa barbearia: no rosto surgiu um terrível eczema, apareceram furúnculos, ele sofria muito. Os medicamentos não ajudavam. O infeliz foi ter com Vanga. Ela nem quis ouvir a história da barbearia suja e ordenou imediatamente que pegassem um pouco de lodo do rio e o misturassem em partes iguais com cinza comum; depois, que colocassem um compressa dessa mistura no rosto. O doente assim fez, e ao fim de um dia as feridas começaram a secar, e em breve tudo desapareceu sem deixar rasto. A outro doente os médicos não conseguiam de modo nenhum pôr um diagnóstico. Vanga disse que ele tinha aderências na zona do diafragma e aconselhou-o a ir tratar-se «nas águas» na Alemanha, acrescentando que regressaria curado. Tudo aconteceu exatamente assim.

A um oficial que partia para a frente de batalha, ela avisou: não te lances ao ataque montado a cavalo. Ele, no ardor da primeira batalha, esqueceu o conselho; o seu cavalo foi morto por um estilhaço, e o próprio oficial, gravemente ferido, sobreviveu por milagre.

Em 1979 chegou a ela o famoso ator soviético Vyacheslav Tikhonov. Vanga disse à irmã: «Que espere um pouco na rua, tenho de receber um sinal de que já posso recebê-lo.» Foi exatamente nesse momento que Tikhonov transpôs o limiar. Vanga irritou-se e perguntou em tom descontente: «Porque não cumpriste o desejo do teu melhor amigo Yuri Gagarin?» Tikhonov ficou em silêncio, perplexo, e Vanga continuou: «Quando Gagarin partiu para o seu último voo de teste, veio despedir-se e disse, sorrindo alegremente: queria fazer-te um presente, mas não tenho tempo para compras; compra um despertador, põe-no na mesa — será a recordação de mim.»

O ator, ao ouvir aquilo, quase perdeu os sentidos; deram-lhe valeriana. Ao recobrar-se, confirmou que tudo fora exatamente assim: esquecera-se de comprar o despertador por causa da confusão após a morte de Gagarin.

Vanga acrescentou então: «Gagarin não morreu, foi levado!» Como, porquê, para onde exatamente — não disse.

Ao escritor Yulian Semyonov, Vanga disse: «Tens de trabalhar muito e completar o filme com mais algumas séries» (referia-se ao famoso filme

«Dezessete Instantes de Primavera»). «Mas não te apresses, ainda estás "descalço" para as séries seguintes. Primeiro vai a Espanha, lá encontrarás um certo Vladimir que te contará muitas coisas interessantes. E o teu plano de terminar o livro com a morte da heroína é inverosímil. Numa vida assim deve ser diferente: deixa a heroína viver, e o livro será verdadeiro.»

A um conhecido engenheiro, Vanga descreveu em pormenor toda a disposição da sua casa; depois deteve-se na situação familiar desse engenheiro e, pouco depois, com um sorriso, observou: «No sótão tens uma quantidade de tralha, parte guardada em arcas; lá está também a máquina de escrever do teu avô falecido.» O engenheiro, atónito, recordou realmente que o avô tivera uma velha máquina de escrever, mas não sabia onde a tinham guardado após a morte do avô. Vanga sabia. A esse engenheiro ela também indicou um erro substancial nos cálculos, por causa do qual o resultado final saía errado. O engenheiro corrigiu o erro e ficou muito satisfeito com o conselho.

Há muitos anos veio ter com Vanga um conhecido pintor. Conversaram longamente. Ao despedir-se, o artista ofereceu a Vanga a sua tela «Cristo com os discípulos no meio de um grande campo». O quadro é até hoje a única decoração da casa de Vanga. Ela disse então ao artista: «Trabalhaste muito, mas és pobre e não tens nada. Esforça-te por conservar o teu elevado espírito, a tua resistência à vida, a tua fé na tua vocação. Esperam-te grandes dificuldades. Na tua vida haverá uma grande derrota, e depois partirás sozinho.»

Passado algum tempo, chegaram a Vanga hóspedes indesejados: eram os pais de uma jovem que se casara com esse artista contra a vontade do pai e da mãe. Vanga, juiz severo e inexorável, pronunciou a sua sentença: «Sim, a vossa filha casou-se com o artista que odiais, sem saberem porquê. Ele, embora pobre, é honesto. Não conseguirão trazer a vossa filha de volta, porque ela e o marido foram unidos pelo amor.» Mesmo assim, os pais, usando toda a força, destruíram o casamento. E que aconteceu? Ficaram órfãos dois filhos. O pai deles, quebrado e solitário, abandonou a casa e a pátria. E os pais dessa mulher não celebraram por muito tempo a sua «vitória» sobre o odiado artista. A filha deles morreu pouco depois num acidente de automóvel. Assim, infelizmente, cumpriu-se o que Vanga previra.

Há muitas histórias assim. A sua força está em serem absolutamente verdadeiras.

Assim, uma mulher, residente em Montreal, viajou pelo mundo na esperança de encontrar um sábio curandeiro que a ajudasse a superar uma grave crise espiritual. Criminosos mataram o seu marido e raptaram o único filho. O assassino foi apanhado, mas o filho desapareceu como se tivesse caído na água. Algum tempo depois, a polícia informou a mãe dilacerada de que o filho fora encontrado no fundo de um lago. Foi então, no desespero, que essa mulher partiu pelo mundo em busca de um curandeiro e chegou ao limiar da pequena casa de Vanga. Era no verão de 1987.

— Realmente, foste atingida por uma grande desgraça — disse-lhe Vanga —, mas responde-me sem esconder nada: o menino não foi gerado por ti?

— Não — respondeu a mulher —, eu e o meu marido adotámos o rapaz, tirámo-lo de um orfanato.

— Então ouve — continuou Vanga —, o menino está vivo; levaram-no da Austrália, agora vive numa grande cidade, frequenta a escola. Os novos «pais» fazem tudo para que o menino te esqueça a ti, a tua casa, a pátria. Em breve receberás uma notícia do teu filho, e em abril do próximo ano — informações detalhadas sobre ele. Ainda vos esperam muitas provações, no fim das quais se encontrarão.

O seguimento desta triste história foi o seguinte: o assassino do marido daquela mulher foi julgado; um deles confessou que o menino fora realmente raptado, que estava vivo e se encontrava numa família rica e nobre. Resta esperar pelo desfecho — o futuro encontro da mãe e do filho.

A um pobre professor de desenho de Petrich, doente ainda por cima, Vanga predisse que na velhice ele seria rico e amplamente conhecido. Alguns anos depois, o professor ganhou na lotaria desportiva primeiro 20 mil levas, depois mais 10 mil. Pôde dedicar-se a sério à sua paixão — a pintura — e alcançou certos sucessos. O público começou a interessar-se pelas suas pinturas, e apareceram compradores.

— Vocês simplesmente não veem — diz Vanga —, ao meu lado está uma mulher alta e bela, vestida de branco e azul. Quem vem ter comigo já traz consigo, pela sua própria presença, várias imagens da sua vida; e aquela que está sempre ao meu lado diz-me as palavras necessárias, eu ouço-as e transmito-as a todos vocês.

Vanga lê pensamentos? Sim, muitas vezes diz aos visitantes o que eles pensaram há pouco, há uma hora ou ainda antes. Lê pensamentos à distância. Os pensamentos de estrangeiros, cuja língua Vanga, claro, não conhece, ela lê com a mesma facilidade que os de um búlgaro. Não existe barreira linguística. Ela ouve uma voz que fala em búlgaro, não importa se ao lado está um chinês ou um inglês.

Ela conta, e eu apresso-me a anotar na grossa caderneta o que ouvi.

— Recentemente veio ter comigo um romeno cujo filho se afogou no Danúbio. O infeliz estava convencido de que o filho fora empurrado para a água por um rapaz malvado, e essa ideia não o deixava em paz. Eu olhei para o que aconteceu e contei-lhe. O filho dele não sabia nadar, enredou-se nas algas do rio, assustou-se, debateu-se e afogou-se. Ninguém tem culpa na desgraça. Vi bem o lugar onde aconteceu o acidente, pude descrevê-lo com todos os pormenores.

Entre as perguntas que os visitantes mais variados fazem a Vanga, muitas se repetem. Assim, por exemplo, pessoas vindas de países muito diferentes perguntam-lhe frequentemente: se ela prevê algo fatal no destino de uma pessoa, então provavelmente pode evitar o desfecho trágico. «Não — responde sempre Vanga —, isso não está nas minhas forças. Ninguém vence o destino. A vida de uma pessoa está estritamente predeterminada.»

Uma vez veio ter com Vanga um jovem; conversaram calmamente e já se despediam quando Vanga, como se se lembrasse de algo importante, disse: «Espero-te a 15 de maio. Que nada te impeça de estares comigo a 15 de maio. Aliás, não conseguirás.»

E aconteceu que a 15 de maio esse jovem foi convidado por um amigo para ajudar na construção de uma casa. Não era fácil recusar; decidiu ir ter com Vanga a 17 de maio. Mas no dia fatídico, 15, foi atropelado por um comboio; o maquinista não conseguiu travar, os travões falharam. Vanga esperava ansiosamente a visita desse rapaz em casa, viu mentalmente tudo o que aconteceu, tentou de algum modo ajudar, mas não conseguiu.

Nas minhas notas dirijo-me não só aos relatos de Vanga, mas também aos da minha mãe Liubka. Eis uma história divertida que a minha mãe me contou uma vez:

— O meu sogro — professor, pintor autodidata e violinista caseiro — decidiu «criar» (foi assim que ele disse) um retrato de Vanga, que aceitou

posar para ele. Durante as longas sessões ela ficava em silêncio e só duas ou três vezes repetiu, dirigindo-se ao meu sogro: «Tio Boris, aconteça o que acontecer, não vendas o anexo da casa nem o teu violino.»

O sogro ficou muito intrigado com esse conselho, pois justamente estava a pensar em vender o violino e dedicar todo o tempo livre à pintura. E eis o que aconteceu dez anos depois. A nossa casa em Sandanski era velha como o mundo; num belo dia, o velho edifício ruiu. O sogro, nesse momento lamentável, estava sentado no meio do quarto a tocar pensativamente no violino. Sobreviveu por milagre, escapou apenas com um leve susto. Nesse desabamento repentino, o anexo não sofreu; foi para lá que nos mudámos enquanto construíamos uma casa nova.

Entre os visitantes de Vanga esteve um antigo búlgaro A. H., que emigrara há muito para a Áustria. Vivia lá bem, encontrou uma noiva rica, casou-se e ele próprio enriqueceu. Contava tudo isso em silêncio a Vanga, que o ouvia, e depois acrescentou: «Tudo me corre bem, mas sinto saudades da pátria, estou a consumir-me.» Veio à Bulgária para a festa anual da colheita no outono. Vanga disse-lhe que, segundo a tradição, no início dessa festa era preciso sacrificar um cordeiro e preparar o prato ritual — o kurban. «O cordeiro — ordenou Vanga ao seu hóspede — tens de o comprar e sacrificar tu, senão acontecerá uma desgraça.»

Não sei como tudo se passou, mas o búlgaro «austríaco» não comprou o cordeiro, não preparou o antigo prato. A festa pareceu correr bem sem os rituais antigos, mas o hóspede da Áustria morreu subitamente e foi sepultado na Bulgária, unindo-se para sempre à terra da sua pátria, pela qual tanto sentia saudades. Vanga disse uma vez no círculo dos seus familiares: «Estou presente em todos os pontos quentes do planeta, vejo confrontos militares, sou testemunha de terríveis derramamentos de sangue, prevejo cataclismos e desastres naturais. Vocês dormem de noite, e eu folheio as páginas da existência humana e vivo as tragédias de muitos e muitos.»

Ouço e passo para o papel o relato da mãe.

— Há muitos anos, exatamente a 1 de novembro de 1950, várias mulheres vizinhas decidiram ir juntas ao Mosteiro de Rila. Foi com elas a minha sogra; foi também Vanga, que desejava muito assistir à solene liturgia na igreja pelo dia de São João. A liturgia foi muito bela e muito longa. Perto do fim, Vanga começou a inquietar-se muito: virava a cabeça, escutava algo com tensão. Pouco depois começou a convencer as peregrinas que estavam

mais perto dela a partirem imediatamente para qualquer lado, só a não ficarem ali. Mas quem iria embora sem ouvir até ao fim a solene oração, quem abandonaria assim de repente um lugar santo? Em resumo, Vanga entrou sozinha no autocarro e regressou sozinha a casa.

Sobre o vale do rio Rila, refletindo-se nos brilhantes cúpulas da igreja, crescia lentamente uma nuvem negra de tempestade. Encheu todo o céu, trovejou, o raio atingiu uma velha árvore coberta de musgo, e começou. Um verdadeiro fim do mundo! Torrentes de água, cascatas desabavam do céu sobre a terra. O Rila transbordou, arrastava pedras, levava árvores inteiras com raízes, as estradas foram inundadas, muitas aldeias, casas arrastadas. Os meus parentes ficaram tão assustados que não conseguiram pôr a salvo os seus pertences, e a corrente levou tudo, como se uma vaca tivesse lambido com a língua.

A sogra chegou a casa encharcada e enregelada, muito assustada com tudo o que vira. Depois dessa história caiu doente e esteve muito tempo acamada.

… Como uma longa fita, a vida humana desenrola-se perante o olhar mental de Vanga, toda diante dela — do dia do nascimento à morte. Claro que ela própria não sabe porque acontece assim, porque vem ter com ela uma pessoa completamente desconhecida e, como que, entrega-lhe um certo rolo; nele estão letras visíveis só para ela, um relato longo ou curto sobre o destino dessa pessoa. E nem da vontade da própria Vanga nem da vontade do visitante depende entregar ou não esse rolo à profetisa.

A fórmula (se se pode falar aqui de fórmula) é esta: veio — trouxe a sua biografia. E ponto final. Será então verdade que desde o primeiro dia de vida de uma pessoa o seu destino já está estritamente predeterminado, «programado»? Mas por quem? E porque é que o misterioso «programador» revela tão generosa e simplesmente os seus segredos ultrassecretos a uma mulher cega, a uma vidente cega? (Que estranha e surpreendente combinação: cega — vidente!)

Uma vez trouxeram a Vanga uma jovem que se sentia muito mal, não conseguia abrir os olhos, as pálpebras fechavam-se sozinhas. Vanga, sem perguntar nada, proferiu a sua sentença: vão imediatamente para Sófia, procurem os melhores médicos, embora já nada se possa fazer, a rapariga morrerá em breve. Os pais em pranto foram-se embora com a infeliz filha, e Vanga ficou sentada, com as mãos impotentes caídas no chão. E eu penso:

que desgraça, que destino amargo saber o fim fatal próximo e não poder ajudar.

Sei que há quem inveje Vanga, dizendo que ela tem fama mundial, que em toda a parte conhecem Vanga… Ai, como é pesado este fardo de fama, por vezes insuportável. Aqui está ela sentada diante de mim, com as mãos impotentes caídas no chão, e cala-se pesadamente; as forças vitais abandonaram-na — pobre da minha tia…

A minha mãe, creio que já disse ou não, mas recordo: a mãe é completamente incapaz de fantasiar, de exagerar; lembra-me um pouco um gramofone: na mesma placa, sempre a mesma melodia. Pois bem, ela diz:

— Lembro-me bem da visita a Vanga de um muito importante sofiano. O hóspede da capital não veio sozinho, trouxe duas mulheres. Portava-se com grande dignidade, falava como se desse ordens; os sapatos brilhavam de negro, as faces bem barbeadas. Não sei porquê, mas apeteceu-me muito perguntar-lhe quantos anos tinha. Era tão autoconfiante que não se percebia: jovem ou de idade respeitável. Embora fosse muito embaraçoso, perguntei: «Desculpe, quantos anos tem?»

E de repente esse importante senhor riu alegremente e respondeu: «Sou um velho toco, participei na Primeira Guerra Mundial como oficial. Por algum milagre regressei vivo do inferno e desde então cuido-me com todo o cuidado, só de mim. E continuarei a fazer o mesmo. Eis o segredo da minha eterna juventude.»

Vanga estava presente na nossa conversa e calava-se, mas às últimas palavras do oficial bateu com o pé e disse com desgosto: «Eh-eh, chega-te, até aqui e basta!» Não compreendemos as palavras de Vanga. O sofiano partiu em breve, levando as suas damas. Três dias depois uma delas informou que o seu senhor falecera subitamente.

«Até aqui e basta» — disse Vanga; foi ela quem disse, mas quem lho disse a ela? Quem?

Nas minhas notas há testemunhos curiosos de outros parentes. A minha irmã Anna, médica de profissão, recorda:

— Desde pequena vivi no «campo de atração» de Vanga, não só eu, claro, todos os nossos familiares e próximos. Lembro-me bem de que os médicos recusavam categoricamente reconhecer o dom extraordinário de

Vanga. Que coisas não diziam da pobre da minha tia: que era charlatã, especuladora astuta que tinha todo um estado-maior de espiões para recolher dados prévios sobre a «clientela», e a ela própria só restava, assumindo um ar misterioso, profetizar; diziam também que era adivinha, que praticava magia negra e sabe-se lá o quê. Quando eu era criança, as crianças vizinhas troçavam de mim, dizendo que eu era sobrinha de uma adivinha.

Mas Vanga deixava passar todas essas patranhas pelos ouvidos, e ninguém, nem os mais exigentes, podia censurar-nos: vivíamos pobremente, não tínhamos roupa de festa. Vanga nunca cobrava «honorários» a ninguém, por isso falavam dela provavelmente por simples inveja humana. Infelizmente, é assim muitas vezes, foi ontem, será amanhã.

Passavam os anos, e quase todos os dias vinham ter com a minha tia pessoas estranhas. Ela não recusava ninguém. E chegou um dia em que a medicina oficial, na pessoa do doutor Georgi Lozanov, apareceu na nossa modesta casa. Gentil e sensível, muito atencioso, Georgi Lozanov tornou-se quase um dos nossos. Ele recolhia e acumulava factos. Ele e os seus colaboradores mais próximos puseram as investigações numa base científica, procuraram (e não encontraram) definições científicas para o «fenómeno Vanga». Foi então que apareceu essa definição hoje amplamente conhecida — «fenómeno Vanga».

Eu própria, como médica, encarava tudo o que via com bastante ceticismo. A medicina clássica ensinava-nos que era perfeitamente possível conhecer o homem, desvendar todos os segredos da sua psique. Nem teoricamente se admitia que nas profundezas da psique humana pudesse restar algo incognoscível. E eis que Vanga, «obscura», derrubava facilmente a minha «firme posição materialista». Sabendo que ela não entende nada de medicina, nunca compreenderei como faz diagnósticos infalíveis. Bom, diagnósticos. Mas como prevê o destino? As suas predições cumprem-se com uma precisão quase fatal.

E cheguei à seguinte conclusão: não podemos, nós os instruídos e inteligentes, envaidecer-nos tanto, orgulhar-nos tanto dos conhecimentos adquiridos. Nem sequer sabemos o que é isso de «conhecimento», não somos capazes de definir a escala do «conhecimento» em relação ao «não-conhecimento». «Sei que nada sei» — que aforismo profundo!

Nós, búlgaros, devemos alegrar-nos por viver na nossa pequena e modesta terra uma mulher surpreendente — Vanga. O Altíssimo foi muito generoso connosco. Claro que as capacidades fenomenais de Vanga são estudadas e continuarão por muito tempo a atrair a atenção minuciosa de cientistas de diversas profissões. Quem sabe, talvez aos mais talentosos, aos mais atentos de entre eles, se abra uma janelinha para o misterioso mundo cego da nossa vidente Vanga. Assim pensa Anna, médica e pessoa próxima.

E para quem já folheou estas páginas, penso que será interessante conhecer Vanga mais de perto. Ouvi muitas vezes e estou convencida de que a biografia de uma pessoa fora do comum é mais interessante que o mais cativante dos romances. Aliás, não sou eu quem deve julgar. Repito: a minha tarefa é muito modesta: passar para o papel apenas o que sei com plena certeza.

«EU VIVO NÃO PARA MIM — MAS PARA AS PESSOAS»

A casa de Vanga em Petrich atrai uma multidão de visitantes. O que os leva até aqui, o que os atrai de longe, de lugares vizinhos? Um quer que a sábia mulher o ajude a desatar o nó apertado das desavenças familiares; outro procura remédio para uma doença incurável; o terceiro é movido pela simples curiosidade humana de ver Vanga com os próprios olhos, de se convencer pessoalmente de que tudo o que ouviu não é invenção de mentes ociosas. Como se fosse possível, olhando uma pessoa uma vez, decidir se ela possui um dom milagroso ou não. Mas o caminho para Petrich está aberto a todos, e eles vão para a casinha de Vanga; se alguém contasse, poderia chegar a cem pessoas por dia…

Os habitantes de Petrich já se habituaram há muito tempo ao facto de que à porta da casa de Vanga «há sempre uma multidão de gente, sempre uma fila heterogénea», e não prestam a mínima atenção aos forasteiros. Penso que poucos dos nossos concidadãos refletem sobre que pessoa extraordinária é a sua vizinha, que vive aqui desde 1942. Tanto a Vanga como os visitantes se tornaram rotina para os petrichenses, e não há nada de especial nem sequer nessa própria rotina. Um conhecido escritor, creio que F. M. Dostoiévski, disse que o homem é um ser que se habitua a tudo. Assim, se perguntarmos a um habitante da cidade quem é afinal essa famosa Vanga deles — feiticeira, vidente ou, por exemplo, curandeira —, ouviremos uma resposta simples e clara: vizinha, conterrânea. E é tudo. Mas será mesmo tudo?

Vanga nasceu a 31 de janeiro de 1911 na cidade jugoslava de Strumitsa, numa família de pequeno proprietário rural. Do pai, fisicamente forte, curtido pelo trabalho árduo na terra pobre, herdou grande resistência ao esforço físico e, além disso, uma honestidade cristalina, amor pela justiça e repulsa pela mentira e pela astúcia. Da mãe também recebeu uma boa herança: herdou dela um carácter alegre, amor pela pureza nos sentimentos e pela limpeza da casa — esse particular asseio era o único culto de Vanga.

A menina nasceu prematura, de sete meses, muito fraquinha, com as orelhas coladas à cabeça e os dedos das mãos e dos pés colados. Ninguém podia dizer se sobreviveria. A criança ficava deitada, embrulhada numa fralda e numa pele quente de carneiro, e mal se ouvia o seu choramingo. E como na região de Strumitsa havia o costume de não dar nome à criança se houvesse pouca esperança de que sobrevivesse (a mortalidade infantil era muito alta), a menina ficou algum tempo sem nome. É interessante também o costume popular da época para escolher o nome da criança: a avó saía à rua e pedia à primeira mulher que encontrasse que dissesse um nome. Assim fez a avó desta pequenina: saiu à rua e ouviu de uma mulher que passava: «Perguntas como chamar à menina? Chama-lhe Andrómaca.»

Naqueles anos em Strumitsa e nas aldeias vizinhas muitos tinham nomes gregos, mas à avó esse nome sonoro não agradou; ficou à porta de casa e pouco depois viu outra mulher. «Como chamar à criança?», perguntou-lhe esta. «Não há nome mais melodioso que Vangélia — portadora da boa nova. Nome grego maravilhoso, que a tua neta se chame Vangélia.»

A avó, e depois todos os outros, aceitaram esse nome, e ficou para a recém-nascida: Vangélia, Vanga…

Os pais sabiam quem estava ali deitada, embrulhada na pele quente de carneiro? Provavelmente não.

Pande Surchév, pai de Vanga, via a sua vocação, o sentido de toda a sua vida, no trabalho da terra. Mas eis o problema: raramente o camponês tem a simples felicidade de cultivar o pão em paz. Hoje está no campo, amanhã no campo de batalha — assim foi desde sempre. Pande entrou para um destacamento de partisans; havia muitos deles então a lutar pela liberdade da sua terra contra o jugo turco. Os partisans chamavam-se chetniks; os turcos odiavam-nos e temiam-nos.

Pande não teve sorte no campo de batalha: numa das lutas foi feito prisioneiro e enviado para prisão perpétua na cadeia «Yedi Kule». Os prisioneiros não tinham esperança de salvação, e só com a Revolução dos Jovens Turcos de 1908, quando foi proclamada a monarquia constitucional, é que ele, como muitos dos seus companheiros de infortúnio, viu a luz da liberdade. Pande Surchév regressou a casa.

Mas em casa já não encontrou ninguém vivo. Os pais tinham morrido enquanto ele combatia e estava na cela escura de «Yedi Kule»; o irmão partira dos lugares natais para parte incerta… Que fazer? E então soube que a comunidade urbana de Strumitsa estava a distribuir casas e terrenos abandonados pelos turcos. Decidiu procurar a sua sorte em Strumitsa.

Deram-lhe um quartinho numa casa velha na própria extremidade da cidadezinha. Tudo ali se mantinha a custo, tanto as casas como os pátios; e a terra mal cuidada dava pouco. No entanto, o ar doce da liberdade embriagava todos os habitantes daquele rincão: ainda que com fome, era alegre. Camponeses, pequenos artesãos, comerciantes de pequeno e médio rendimento — todos se levantavam cedo ao amanhecer, trabalhavam com ardor, viviam em harmonia.

Quando o sino de cobre da torre da igreja dos Quinze Santos Mártires começava a tocar, automaticamente faziam o sinal da cruz sérvios, búlgaros, ciganos e até a numerosa família do turco Pol-baba, que não quisera abandonar o lugar onde se estabelecera e partir para a Turquia. Brincavam que ele não partira porque as rosas não o deixaram. De facto, no jardim de Pol-baba as rosas floresciam da primavera ao outono, espalhando um aroma maravilhoso por toda a vizinhança.

O novo proprietário de terras viveu em paz e harmonia com os vizinhos. Tinha bom carácter, e gente assim é amada em toda a parte. Viveu algum tempo sozinho, mas depressa encontrou uma moça simpática, fina como um junco, hábil e alegre; chamava-se Paraskeva. Gostaram um do outro, namoraram algum tempo como noivo e noiva, e depois convidaram convidados: com honesta festa e casamento. Os jovens eram felizes. Em 1911, como já disse, nasceu Vangélia.

Os pais conseguiram criar a criança frágil; a menina começou a ganhar forças, mas aconteceu a desgraça — três anos depois, no segundo parto, Paraskeva morreu. Pande ficou triste, desgostoso, não encontrava lugar para si, e ainda por cima veio a guerra.

A Primeira Guerra Mundial batia às janelas das casas pacíficas. Mobilizaram também Pande, que foi servir no exército búlgaro. A menina foi levada para a família de uma vizinha, uma turca muito bondosa e justa chamada Asanitsa. Como num só dia passaram os três anos terríveis e trovejantes da guerra, do pai de Vangélia não havia nem sinal nem notícia. Os vizinhos decidiram que a menina ficara órfã completa, mas num belo dia o pai voltou para casa, incrivelmente magro, só pele e osso, mas inteiro e são. A menina chorou de alegria.

O pai e a filha começaram a viver no mesmo quartinho antigo, e começaram tempos difíceis. Vangélia já tinha sete anos. Magrinha, de olhos azuis, cabelos loiros, muito esperta, a menina já não lembrava em nada o frágil rebento que aparecera à luz do dia. O pai compreendeu depressa que à criança faltava tanto o carinho parental como a severidade parental. Era preciso casar-se, mas quem precisava de um viúvo, sem casa decente, com uma criança pequena ao colo?

No fim da guerra, o poder em Strumitsa passou para o prefeito sérvio. Muitos soldados e oficiais búlgaros, que regressaram da terrível guerra, foram obrigados a abandonar a terra natal. E Pande sonhava partir, pois agora obrigavam os habitantes a falar e a escrever em sérvio. Mas para onde partir com uma criança? Pande ficou, para alegria das crianças vizinhas ficou também Vanga, a menina mais alegre e sociável do pátio.

Vanga adorava que cada objeto em casa tivesse o seu lugar certo e seguro. E o mais inesperado. Uma vez o pai decidiu ir pescar e pediu ao vizinho que esperasse literalmente um segundo enquanto ele ia buscar as canas. O segundo foi pouco; procurou-as por toda a casa — desapareceram, como se uma carpa as tivesse levado para a água. Vanga observava com prazer toda aquela agitação e só depois disse que «as canas se prenderam no chapéu».

O pai ergueu a cabeça: as canas estavam convenientemente pousadas nos pregos cravados na parede, mesmo junto ao teto. Da mesma forma, da próxima vez procurou longamente os sapatos de palha, passou muitas vezes em volta de um velho caldeirão esquecido de todos, sem se lembrar que os sapatos estavam lá dentro.

Considerando que sozinho não conseguiria lidar com a criança e com a casa, Pande decidiu casar-se pela segunda vez. Continuava sem grande

esperança de sucesso, pois era pobre, viúvo e com uma criança ao colo, mas, para sua própria alegria, encontrou depressa uma dona de casa.

Naqueles tempos confusos, as autoridades sérvias emitiam frequentemente ordens absurdas. Uma delas, de caráter plenamente medieval, dizia: todas as mulheres que, de um modo ou de outro, estavam ligadas a oficiais ou soldados búlgaros deveriam, juntamente com as famílias, abandonar imediatamente Strumitsa. Uma das raparigas mais belas da cidade, noiva de um oficial búlgaro, chamada Tanka, preparava-se precisamente para o casamento.

E eis que surge esta ordem absurda e disparatada! Para não serem desonradas e expulsas de Strumitsa, os pais de Tanka apressaram-se e casaram-na discretamente com Pande. A pobrezinha sentia-se profundamente infeliz, embora tivesse encontrado no marido um homem bom e trabalhador. No povo diz-se: aguenta-se — acaba-se por gostar. Foi assim desta vez: Pande amava a mulher, e ela tornou-se uma dona de casa cuidadosa e uma boa mãe para a menina.

Os dias correram em bem-estar e compreensão mútua. Pande era bom lavrador e dono de casa forte; pouco a pouco o seu lote de terra aumentava e chegou depressa aos 10 hectares. Pande até contratava trabalhadores na primavera e no outono para semear e colher a tempo, e as pessoas começaram a tratá-lo respeitosamente por «chorbadzhi Pande» (senhor Pande). Mas, ai, o bem-estar foi temporário. Sobre a região de Strumitsa voltou a desabar uma tempestade. O comando sérvio colocou a si próprio o objetivo absurdo seguinte: «Transformar em sérvios o maior número possível de habitantes locais».

Encontrou-se um dirigente muito «zelo» para essa ação selvagem, um tal Popchevski, cuja crueldade impressionou literalmente toda a gente: a vida humana para ele não valia mais que um «grosh» de cobre. As autoridades sérvias deram-lhe o «direito» de dispor da vida das pessoas ao seu bel-prazer. E ele decidiu, antes de mais, livrar-se daqueles que simpatizavam com os búlgaros e, naturalmente, daqueles que eram búlgaros por nacionalidade. Uma das primeiras vítimas do servo sérvio foi o pai de Vanga e a sua família. Pande foi preso, tiraram-lhes toda a terra. E justamente chegara a época da ceifa, quando as pessoas colhiam o trigo nos campos. A colheita perdeu-se, a família empobreceu — desde aquele ano terrível e por muito tempo.

Quando o pai voltou da prisão, cruelmente espancado e aleijado, a mulher dele estava em trabalho de parto, junto dela afadigava-se a boa parteira. Tanka deu à luz um menino, a quem chamaram Vasil. O ano do seu nascimento foi 1922. O pai foi trabalhar como pastor nas aldeias vizinhas Bosilovo e Dabilia. Pastor, jornaleiro e o último dos pobres — assim ficou até ao fim da vida.

Todo o dia ele passava nos pastos, e em casa afadigava-se a mulher com duas crianças — Vanga e Vasil — e, é preciso dizer, Vanga ajudava muito bem a sua nova mãe nos afazeres domésticos. Já tinha 11 anos. Vanga tomava conta do irmãozinho, inventava jogos em que ela própria podia participar. E uma vez inventou um novo jogo que preocupou um pouco os pais. No pátio, na rua, junto à casa num canto escondido, escondia algum objeto, quase sempre um brinquedo simples; depois voltava para casa, fechava bem os olhos e começava, como cega, a procurar às apalpadelas o que escondera. Jogava teimosamente, uma e outra vez, no jogo de «cega», e nenhuma ameaça ou proibição do pai e da madrasta conseguia detê-la.

… Em 1923 a família mudou-se para Novo Selo, para casa do irmão de Pande, Kostadin. Este enriquecera, casara-se vantajosamente, mas não teve sorte: não tinha filhos. Quando Kostadin compreendeu em que situação difícil estava a família do irmão, decidiu convidá-lo para junto de si, para que juntos cuidassem do gado e para que os seus não passassem fome em Strumitsa. O pai e a mulher aceitaram.

Começou uma nova vida. Como a mais velha, a Vanga de 12 anos tinha uma obrigação séria: todos os dias levar o burrinho até ao curral fora da aldeia e dali trazer para casa dois bidões de leite.

Uma vez, num dia de verão, regressava à aldeia com duas primas; as meninas decidiram ir beber água à nascente «Chashma Khanska». O caminho era curto — duzentos metros. Como aconteceu o resto, ninguém percebeu. De repente veio um furacão. O céu escureceu, levantou-se um vento terrível que quebrava ramos grossos das árvores e os levava junto com a poeira pelo ar.

As meninas ficaram petrificadas de terror, o vento atirou-as ao chão, e a Vanga, como uma folha seca, foi levada para o campo aberto. Quanto tempo durou esse furacão, ninguém sabe. Mas quando o vento acalmou, as meninas correram para casa a chorar, sem Vanga. Só uma hora depois a encontraram no campo, coberta de ramos, soterrada em areia. Estava quase louca de

medo e de uma dor terrível: os olhos cheios de areia ardiam como agulhas, ela não conseguia abri-los.

Em casa trataram-na, lavaram-lhe os olhos com água limpa, mas nada ajudou. Recorreram a curandeiros, àqueles que sabiam curar doenças com rezas, fizeram-lhe compressas, deram-lhe água mineral e «água santa», untaram com bálsamos, mas também isso não trouxe alívio. Os olhos da pobrezinha encheram-se de sangue, as pálpebras incharam. Desesperados de a poder ajudar ali na aldeia, o pai decidiu voltar a Strumitsa e procurar lá um bom médico. Na verdade, estiveram nessa aldeia muito pouco, cerca de três meses, e parecia que tinham vindo só para que os olhos de Vanga adoecessem. Pensamento horrível, que não dava sossego ao pai de Vanga.

Na cidadezinha depressa se espalhou a notícia da pobre menina; vinham pessoas, ofereciam infusões de ervas, pomadas, contavam histórias sobre o poder milagroso dessas ervas, mas, claro, ninguém conhecia um remédio eficaz contra tal doença.

Por fim encontraram um oftalmologista profissional. Examinou Vanga e disse que a situação era muito grave, pois a inflamação progredia; era necessária uma operação urgente para salvar a visão. Para isso era preciso muito dinheiro, tinham de ir a Belgrado. A família fez tudo para juntar a quantia necessária — cerca de 500 levas em dinheiro atual. Venderam literalmente tudo o que havia, embora o que se pudesse vender numa família pobre? A velha máquina de costura que restara da primeira mulher, a única ovelha que tinham e parte do escasso traste. Pande ainda pediu emprestado algum dinheiro — no fim conseguiu juntar mal e mal metade da quantia necessária. E o tempo da operação aproximava-se…

Um dia antes da operação levaram Vanga para Belgrado com um vizinho que era mais abastado e ia visitar o filho. Apesar de Pande desejar muito estar ao lado da filha nesse momento difícil, decidiu não ir para não gastar dinheiro na viagem; o dinheiro já não chegava.

Quando o vizinho levou Vanga ao hospital, a impressão foi de que um parente rico trouxera a sua pobre parente e queria livrar-se dela o mais depressa possível. Foi exatamente essa a impressão que ficou ao doutor Savich, que no dia seguinte devia fazer a operação. Quando viu quanto dinheiro lhe dava o acompanhante, zangou-se muito com a sua mesquinhez e declarou com severidade e sem apelo: «Quando trouxerem a quantia

necessária, faço a operação!» Mesmo assim tratou um pouco os olhos da menina.

Ao regressar de Belgrado, Vanga ainda via, embora fracamente. O médico avisou-a de que para a cura eram necessários boa alimentação, limpeza e repouso completo. Claro que esses conselhos ficaram só como bons desejos, pois a vida da família continuava pelo antigo caminho — na miséria e na pobreza. Em 1924 nasceu mais uma criança — um menino, a quem chamaram Tome, e o pobre Pande voltou a trabalhar como jornaleiro nas aldeias para ao menos alimentar a família de cinco pessoas. A mulher, na medida das forças, trabalhava no campo, e Vanga tomava conta dos dois irmãos e geria a casa.

A alimentação escassa, as más condições de vida e, sobretudo, o tratamento negligente faziam efeito: a visão piorava. O véu desceu de novo, não se podia falar de nova operação, e passado algum tempo ficou completamente cega. Para sempre…

O desespero apoderou-se da menina. Noites inteiras Vanga chorava e suplicava a Deus que fizesse um milagre e a fizesse ver, mas o milagre não aconteceu. Passaram longos meses, e ela ainda não conseguia reconciliar-se com o facto de se ter tornado um fardo para a família e de estar completamente impotente; não sabia como encontrar uma saída para essa situação.

Os vizinhos aconselharam o pai a ir à cidade de Zemun, onde havia uma Casa para Cegos, e deixar lá Vanga. Disseram que a menina não passaria fome, que ali cuidavam das crianças infelizes. O pai concordou.

Em 1926 a família recebeu notícia da Casa para Cegos de que aceitavam Vanga. Ela já tinha 15 anos. Quando compreendeu que ia partir, que teria de se separar dos irmãos, do pai, da madrasta, que amara sinceramente, da casa natal, o seu coração quase se partiu de dor; a menina não parava de chorar.

Chegou o dia da despedida da casa natal. Magrinha e fraquinha, estranhamente calada, «olhava» para a manhã de primavera que chegava — ou melhor, escutava o dia que nascia. Agora só pelo ouvido percebia o mundo. Até os que veem não podem imaginar quanta coisa os rodeia. Eis uma leve brisa que se esgueira pela janela, enrosca-se como uma trepadeira e depois acaricia as folhas do gerânio e do cravo; pela erva nova corre como em patas de gato, balança no ramo mais alto da ameixeira. E ainda o sol terno e

suave, que lhe rasteja pelo rosto, aquece as faces, os olhos cegos… Esta imagem fica gravada na consciência de Vanga para toda a vida.

Na Casa para Cegos na cidade de Zemun tudo era novo, embora assustador, mas também interessante.

As crianças eram imediatamente vestidas com uniforme escolar rigoroso — saias castanhas plissadas e blusas com golas de marinheiro. Calçavam sapatos confortáveis. Pela primeira vez na vida cortaram o cabelo loiro de Vanga. Ela ficou embaraçada e, para sua própria surpresa, feliz. Durante muito tempo tocava às escondidas, acariciava a roupa nova e sentia-se uma rainha, pois nunca antes se vestira tão maravilhosamente.

O regime na Casa era rigoroso. De manhã os alunos ocupavam-se de coisas sérias: aprendiam o alfabeto Braille para cegos, estudavam todas as disciplinas escolares, aprendiam música. A nova aluna tinha um ouvido musical extraordinariamente desenvolvido e depressa aprendeu a tocar piano. As teclas pareciam não só emitir sons, mas contar-lhe sobre a casa — sobre os campos verdes de Strumitsa, sobre o céu azul sobre Novo Selo, sobre o pátio com flores coloridas, sobre o alegre murmúrio das águas do rio Trakayna, sobre a infância, sobre os queridos, sobre o sol claro e as altas estrelas. Que pena que a aula de música não pudesse durar o dia inteiro!

Depois começavam as aulas práticas. Ensinavam as crianças cegas a tatear para pôr as coisas nos seus lugares, a pôr a mesa para o almoço, a arrumar o quarto. Claro que para quem vê isso não era trabalho difícil, mas as meninas cegas tinham de aprender a «ver» com as mãos — desenvolver uma sensibilidade e flexibilidade extraordinárias nos dedos. Vanga assimilava tudo com facilidade, e não havia professor que ficasse descontente com ela.

Os três anos passaram despercebidos. De uma adolescente franzina e frágil, Vanga transformou-se numa jovem esguia e bem disposta; o seu rosto magro irradiava profunda calma e satisfação. E passado algum tempo esse belo rosto iluminou-se com uma certa alegria interior. Ali, entre os alunos da Casa, havia um jovem chamado Dimitar, oriundo da aldeia de Gyoto, no distrito de Geveliya. Sempre que Vanga ouvia a sua voz, iluminava-se de alegria; o coração batia-lhe ansioso e feliz no peito. O jovem também a reconhecia pela voz, e ambos eram indizivelmente felizes quando estavam juntos. Num dia, o mais feliz da vida de Vanga, Dimitar declarou-lhe o seu amor e fez-lhe um pedido de casamento. Os pais dele eram ricos e não tinham nada contra ajudarem ambos.

Dias inteiros Vanga tentava imaginar como seria no papel de noiva — com um longo vestido branco e um véu delicado como o hálito de um anjo. Desfalecia de felicidade. A administração enviou ao pai notícia da decisão de Vangélia e Dimitar de se casarem, e todos esperaram a sua bênção.

VIDA DIGNA DE ADMIRAÇÃO

«Tende sobretudo amor ardente uns pelos outros, porque o amor cobre multidão de pecados.» Apostolo Pedro

Ah, que ano terrível, 1928! Em vez da esperada bênção paterna para o casamento, Vanga recebeu de Strumitsa uma notícia que a abalou mortalmente. O pai escrevia que a filha devia regressar imediatamente a casa para cuidar das crianças. Dois anos antes Tanka dera à luz o terceiro filho — uma menina — e, dois anos depois, após o nascimento do quarto, morreu.

Assim Vanga despediu-se do primeiro amor, da escola, do casamento que se aproximava e de uma vida mais ou menos feliz. O caminho de regresso a casa foi pesado e doloroso; ela compreendia perfeitamente que os três anos passados na Casa para Cegos na cidade de Zemun seriam os melhores anos da sua vida e nunca mais se repetiriam.

Desde então, a vida da jovem cega ficou marcada por uma pobreza infinita e por muitos sofrimentos que nem todo vidente suportaria. E coisa estranha: a jovem não se quebrou — dentro dela fortaleciam-se as forças da alma, que a ajudavam a resistir a todas as provações. Em casa, Vanga encontrou uma terrível miséria. As crianças, cada uma mais nova que a outra, estavam sujas e adoeciam por causa da fome constante. O irmão Vasil tinha 6 anos, Tome 4, e a mais nova, Liubka, apenas 2. E a cega Vanga tinha de ser tudo para elas: mãe, dona de casa e provedora. Mal regressou, o pai voltou a percorrer as aldeias em busca de trabalho como jornaleiro ou pastor.

É sabido que a vida testa até ao limite, sobretudo os pobres. O terramoto de Chirpan em 1929 fez-se sentir também na região de Strumitsa. Com o forte abalo, desmoronaram-se as pobres habitações dos necessitados; a casa onde vivia a família de Vanga também ruiu. Dos escombros, o pai improvisou uma barraca, rebocou-a com barro; era preciso viver naquele casebre. Dentro havia apenas um quartinho e uma entrada minúscula. Depois acrescentaram, também pequena, uma cozinha onde delimitaram a lareira, para poderem cozer pão, quando a família tivesse farinha.

Instalaram-se rapidamente, pois quase nada havia para transportar. Vanga, com o seu apego à limpeza e à ordem, esforçou-se por criar ali algum conforto. Num lugar bem visível do quarto colocaram um baú colorido que restara da madrasta; cobriram o chão de terra com esteiras; e num canto puseram uma cama, para a qual Vanga teceu uma colcha com fios velhos — «para ficar bonito»; dentro não havia mais nada. Junto à casa delimitaram um pequeno pátio e plantaram flores bonitas.

Nesta casinha, Vanga e Liubka viveram sozinhas durante longos anos; os irmãos, embora ainda pequenos, dispersaram-se pelas aldeias e trabalhavam como jornaleiros ou pastores para ao menos arranjarem sustento para a família.

Na cidade e nas aldeias vizinhas depressa souberam que a cega tecia depressa e bem; começaram a trazer-lhe novelos inteiros de fio. Em vez de dinheiro, davam-lhe pequenos objetos ou fio velho. Com trapos, fio e linhas coloridas, Vanga cosia roupinhas para as crianças; para si própria não cosia nada, pois quase nunca saía de casa. Todos conheciam a sua pobreza, e, quando morria alguma mulher no bairro, a roupa dela era dada a Vanga.

Ela aprendeu também a tecer; ensinou Liubka a atar os fios rotos, e a irmã mais nova tornou-se sua ajudante: as duas ficavam até tarde a ouvir o ruído do tear, o movimento incessante das agulhas metálicas, o bater ritmado do tear. De noite, Vanga dava livre curso à sua dor e adormecia em lágrimas.

De manhã levantava-se muito cedo, pois em casa nunca faltava trabalho. Vanga nunca gostou de ficar parada e não permitia que ninguém ficasse ocioso. Queria que tudo estivesse limpo e arrumado. Assim, às segundas lavavam a roupa, às terças varriam à volta da casa, às quartas consertavam a roupa. Liubka, embora ainda muito pequena, já cosia. Vanga ensinara-lhe a fazer outras tarefas domésticas e era muito exigente com a irmã mais nova. Ao apalpar um remendo novo numa peça de roupa e sentir que um ponto falhara, arrancava-o e obrigava Liubka a refazê-lo.

A pequena chorava, pois os dias eram curtos e o trabalho muito; não havia tempo para brincar com as crianças. Vanga achava que tinha de ser assim: misturavam o pão, varriam o chão de terra, caiavam as paredes por dentro e por fora, e aos sábados iam colher ervas para a sopa do almoço. Aos domingos, quando chegavam mulheres do bairro com coisas velhas, reuniam-se às vezes para conversar, partilhar notícias. Vanga era muito sociável, sentia finamente as pessoas, e as mulheres gostavam de falar com ela.

No bairro existia um curioso costume: na véspera do Dia de São Jorge (6 de maio), as raparigas colocavam uma marca num vaso de barro para vinho — chamavam-lhe «metka»; no dia seguinte, «adivinhavam» por ela o futuro. As raparigas vizinhas costumavam colocar o vaso junto ao poço, debaixo de uma grande e velha árvore. Bastantes vezes, talvez por compaixão, escolhiam Vanga como «oráculo». No dia seguinte, 7 de maio, ela tirava as marcas e contava às raparigas o seu destino. Essas histórias muitas vezes acertavam, mas a ninguém passava pela cabeça que ela própria possuía o dom da previsão.

Havia ainda outra festa — o Dia dos Quarenta Mártires, em que as raparigas adivinhavam: colocavam ramos atravessados sobre o riacho — faziam uma «ponte» — e acreditavam que de noite veriam em sonhos o futuro esposo, que atravessaria a «ponte» do outro lado. De manhã as raparigas corriam para Vanga, e ela… contava-lhes os seus próprios sonhos, a cada uma o seu sonho, o seu segredo.

Tudo isso parecia muito estranho, mas ninguém tentava explicar os milagres. O ambiente era alegre, festivo, e raramente se permitia a Vanga alegrar-se; a pobreza perseguia sempre a família, e era preciso trabalhar dia após dia. Muitas vezes passavam fome. Habitualmente, a comida era sopa de feijão, pão de milho ou água muito diluída, mas muitas vezes nem isso havia.

Raramente tinham ovos, e Vanga tentava guardá-los para o dia mais negro. Um dia, quando em casa acabou a farinha, o pai foi pedir um pouco emprestado a um camponês amigo e abastado. Este disse que tinha um saco de farinha preparado para venda; se tinha dinheiro, que comprasse. O pai levou o saco e foi para casa — o dinheiro Vanga arranjara; no dia seguinte a dívida seria paga. Farinha de trigo verdadeira — que alegria!

Vanga amassou logo o pão, e ainda quente partiram-no e comeram um grande pedaço cada um. Passada meia hora, as duas irmãs começaram a sentir-se mal, com náuseas e tonturas. O pai examinou a farinha e percebeu que estava metade misturada com erva daninha moída. Assim, o «gosto do pão bom» quase terminou em grande desgraça para a família. E aquele camponês nem vergonha nem consciência: «Eu não sei de nada.»

Quando as crianças pediam ao pai que lhes comprasse algo, ele prometia: «Quando vender a cereja, compro!» Mas no pátio nunca houve cerejeiras.

Numa das primaveras plantaram um canteiro de tabaco. Quando as folhas cresceram, cortaram-nas, secaram-nas e desfiaram-nas do amanhecer ao anoitecer. A matéria-prima pronta entregaram ao monopólio do tabaco, e pagaram-lhes tão pouco que mal chegou para comprar louça de barro; a velha estava completamente inutilizada.

Em 1934, Liubka começou a escola. Estudava bem. Vanga alegrava-se com o seu empenho, pois, ainda que em pequena medida, tocara na ciência na Casa para Cegos e sabia que felicidade era uma verdadeira escola. Apesar de ser sempre rigorosa com as crianças — e elas obedeciam-lhe em tudo —, com os estudos… os irmãos recusavam-se obstinadamente a ir à escola. O mais velho, Vasil, disse-lhe que, mesmo que tivesse tempo, não queria ir à escola.

Em Strumitsa criaram um clube de esperantistas, onde se reuniam quase todas as crianças das famílias pobres. Vasil e Tome inscreveram-se, começaram a frequentá-lo regularmente e estudavam, supostamente, esperanto. Muitas vezes obrigavam a irmãzinha Liubka a levar livros pela cidade, entregá-los a várias pessoas. Passado algum tempo ficou claro que no clube se estudava ilegalmente marxismo. Os dois filhos do antigo partisan Pande encontraram, de forma perfeitamente natural, o caminho para a verdadeira escola, onde aprendiam a verdade da vida. Os ideais do pai, as suas convicções e a própria vida indicaram-lhes o caminho certo.

E Vanga continuava a governar a casa e não se permitia relaxar diante das crianças ou, Deus me livre, queixar-se a alguém. Tornou-se apoio não só para as crianças, mas também para o pai, que as preocupações com o pão de cada dia curvavam tanto que por vezes caía em total desespero. Vanga infundia-lhe moderação, repetindo constantemente que viriam dias melhores, que viriam sem falta, já em breve…

Durante muito tempo sem conseguir fazer as contas baterem certo, o pai sonhava tornar-se (quem diria que tal ideia lhe passasse pela cabeça!) tesoureiro e um dia encontrar muito dinheiro. Uma vez Vanga disse-lhe que conhecia um lugar onde estava enterrado muito dinheiro antigo e descreveu-lhe o local. Ficava perto de Strumitsa: uma aldeia abandonada na margem do rio, uma floresta rala. Entre o rio e a floresta erguia-se uma rocha alta e escura, e o dinheiro, segundo Vanga, estava debaixo dela.

O pai ficou primeiro muito admirado e depois riu-se longamente e alto. Vanga ficou em silêncio. Depois lembrou-se de que existia realmente uma

aldeia abandonada por causa da peste, e as pessoas evitavam-na há muito; ninguém sabia de onde ela conhecia esse lugar. Disse que o vira em sonho. Então o pai propôs-lhe que fossem juntos à aldeia, para tentar a sorte — na vida há milagres. E foram, não a dois, mas em família. Vanga recorda que nesses lugares se orientava livremente, como se lá tivesse ido muitas vezes.

Foi exatamente como ela descrevera. Passearam à beira do rio junto à rocha, e o pai decidiu voltar depois com uma pá para desenterrar o tesouro. Mas depois aconteceu-lhe algo que o fez cair e partir o braço; já não pôde cavar.

A desgraça passou-lhes ao lado. Mais tarde construíram uma barragem no rio, fizeram um reservatório, e se ali havia dinheiro, ficou para sempre debaixo de água, à espera de futuros caçadores de tesouros.

Pouco depois deste caso, desapareceu uma ovelha do rebanho que o pai guardava. O pai chegou a casa muito zangado, pois não tinha dinheiro para pagar ao dono. Vanga acalmou-o, dizendo que a ovelha fora roubada por um homem da aldeia de Monosintovo. Descreveu-lhe pormenorizadamente a aparência dele.

O pai ficou admirado; nem ele conhecia tal pessoa, quanto mais Vanga, que nunca saía além do pátio e não tinha conhecidos nessa aldeia. Surpreendido ao extremo e bastante inquieto, começou a interrogá-la mais pormenorizadamente, e ela respondeu que tudo isso lhe aparecera em sonho. Muitas vezes repetia com tristeza que sonhava com vários acontecimentos desagradáveis que depois geralmente se cumpriam. Provavelmente, essa foi a fase inicial da sua clarividência. O pai foi à aldeia indicada por Vanga e encontrou realmente a ovelha no rebanho do homem que ela descrevera.

No fim de cada ano, a comunidade fazia listas dos cidadãos mais pobres de Strumitsa e dava-lhes pequenas ajudas em dinheiro. Na véspera do Ano Novo, Vanga e Liubka esperaram longamente na entrada da Casa da Comunidade por esse dinheiro. E os funcionários demoravam-se, embora alguns deles, ao passar pelas duas irmãs, as lamentassem sinceramente: Vanga ficava horas descalça no chão de cimento gelado, e os pés ficavam-lhe azuis de frio. Liubka usava sapatos de sola de madeira sobre os pés nus.

Uma mulher, ao vê-las tão infelizes e enregeladas, disse: «Se não têm nada para calçar, ficassem em casa, no quente!» Na casinha delas raramente

havia calor. Quando havia tempo, as irmãs iam para fora da cidade, à floresta de pinheiros, e ali apanhavam pinhas. Esse combustível durava muito pouco; no quarto reinava um frio húmido, parecia que todos os correntes de ar do mundo se encontravam ali.

Essa têmpera forçada salvava-os das constipações durante algum tempo. Mas em 1939 Vanga adoeceu com pleurisia. Durante cerca de oito meses esteve entre a vida e a morte, emagreceu terrivelmente, tornou-se leve como uma pena. Em dias de sol, Liubka colocava-a numa tina e levava-a para a rua. Às vezes o médico aparecia, mas não podia aconselhar nada e uma vez disse a Liubka que a irmã morreria em breve — a situação era desesperada.

Esta notícia espalhou-se rapidamente pelo bairro, e os vizinhos chamaram o padre para que fizesse o ritual da última comunhão. No dia seguinte, quando os trabalhadores do monopólio do tabaco recebiam os seus míseros salários, um deles, à entrada com o boné na mão, anunciou que estava a recolher dinheiro para o enterro da jovem cega mendiga.

Dois dias depois, Liubka foi buscar água ao poço — que ficava bastante longe da casa — e, ao regressar, quando chegou ao portão, deixou cair os baldes de espanto. Vanga, de cuja morte todos esperavam a cada minuto, levantara-se da cama, saíra para o pátio e varria cuidadosamente. Já não se podia dizer que estava «gravemente doente». Ficara apenas terrivelmente magra e mais pálida que o habitual, mas os movimentos das suas mãos eram firmes e seguros, como os de uma pessoa completamente saudável. Quando ouviu a voz de Liubka, disse-lhe: «Anda depressa começar o trabalho. É preciso varrer tudo, está tudo sujo — em breve muita gente virá cá.»

Esse ano de 1940 passou sob o signo de agitações em massa. O governo conduzia uma política antinacional próxima da Alemanha de Hitler. Por toda a parte eclodiam greves; as pessoas saíam em manifestações de protesto. Os rumores cresciam, cada um mais incrível que o outro. Começaram prisões em massa. Prenderam também o pai de Vanga — alguém o denunciou por dizer que tal política era fatal para o povo. Espancaram-no cruelmente, obrigaram-no a dizer os nomes dos que participavam na «luta antigovernamental». Mas ele não disse nada sobre os companheiros. Como conseguiu escapar da prisão, não se sabe. Mal recuperado dos espancamentos, voltou a trabalhar como jornaleiro nas aldeias.

Depois foram as filhas que adoeceram com meningite. Os hospitais recusaram-lhes camas, e só quando o médico disse que a menina morreria sem cuidados adequados é que concordou em interná-la num corredor do hospital. Durante cerca de duas semanas, Liubka lutou contra a grave doença; estava escrito que sobreviveria, e levantou-se. Quando regressou a Strumitsa, encontrou Vanga magra como um esqueleto. Enquanto Liubka esteve no hospital, ninguém passou o limiar da casa delas, e ninguém lhes levou nem água. Mas Vanga suportou e não se queixou. Alegrou-se muito com a irmã, por ela estar viva e saudável.

Aliás, a antiga saúde regressava lentamente. O médico prescrevia-lhe bons cuidados e alimentação saudável e, no mínimo, beber todos os dias um copo de leite de ovelha cru.

O pai decidiu, custasse o que custasse, arranjar leite e contratou-se como pastor na aldeia de Hamzali, para onde levou também as filhas. Agora havia leite suficiente, e Liubka recuperou gradualmente.

Todos os dias Liubka e Vanga iam buscar água; o poço ficava longe, no campo. Enquanto Liubka enchia os baldes, Vanga sentava-se numa pedra e ficava em silêncio, imóvel, sem prestar atenção a nada. Uma vez Liubka até se assustou, achou que a irmã perdera os sentidos e ia morrer. Paralisada de medo, ficou ao lado da irmã até Vanga sair do transe. «Não tenhas medo — disse ela —, não há nada de assustador, estava só a conversar com um homem. Era um cavaleiro que queria dar de beber ao cavalo. Disse-lhe que não se zangasse contigo por não lhe dares lugar, pois tu não o vês. O cavaleiro respondeu-me: "Não me zango, posso esperar; agora apanha aquela erva com flores brancas pequenas, chama-se erva-estrela e ajuda a curar muitas doenças."»

Liubka olhou à volta e só então reparou na erva que crescia em abundância junto ao poço. As flores pareciam realmente pequenas estrelas. A planta tinha um caule fino sem folhas, e no topo erguiam-se delicadas flores brancas ao encontro do sol. Até hoje Liubka não sabe o nome dessa planta, pois nunca viu nada igual noutros lugares, e naquela região ninguém conhecia uma planta com esse nome: erva-estrela. Mas naquela altura, ao ouvir as palavras da irmã, assustou-se ainda mais, pois não vira ninguém no campo. De que cavaleiro falava Vanga? Com quem poderia ela ter falado de verdade, sem abrir a boca?…

Era evidente que o destino lhes reservara adoecer naquele difícil ano de 1940. Depois das filhas, adoeceu o pai; na pele apareceram úlceras, começou uma infeção no sangue. Todo o verão Vanga e Liubka cuidaram dele, e por algum tempo pareceu haver melhoria; as filhas pensavam que Pande poderia recuperar. Quando Liubka perguntou a Vanga sobre isso, ela respondeu: «Não esperes, maninha, sei que o pai morrerá em breve. E nós ficaremos órfãs completas, sem ajuda nem apoio.»

Em setembro o estado do pai piorou muito; os dois filhos vieram para fazer turnos ao lado do doente. Pela primeira vez após tantos anos de separação, toda a família se reuniu. Queria-se dizer: para passarem fome juntos. Todas as manhãs os irmãos saíam para a praça do mercado à procura de qualquer trabalho. Vasil esperava à porta da Casa da Comunidade que alguém o contratasse como carregador, e Tome passava dias inteiros a lavar vísceras no matadouro para ganhar qualquer coisa e levar para casa. Muitas vezes voltavam de mãos vazias; eram tempos duros.

Uma vez, quando em casa não restava nem migalha de pão, o pai lembrou-se de um amigo e mandou Tome e Liubka pedir-lhe algum dinheiro emprestado. «Eu não dou dinheiro assim sem mais — disse o "amigo", Hristo Tudjarov, que nessa altura já enriquecera bastante. — Venham amanhã ao meu campo e apanhem o algodão que ficou na terra. Pago-vos.»

Na manhã seguinte, bem cedo, os filhos de Pande foram ao campo e passaram o dia inteiro a apanhar algodão. Era em outubro, com frio. Soprou um vento forte, as mãos gelaram-lhes e racharam. Quando à noite entregaram o algodão ao dono, este atirou-lhes aos pés três levas — para os três — e acrescentou que Liubka era pequena e não tinha direito a dinheiro. O dono fechou a porta; lá fora começara a nevar. No caminho de regresso a casa, os mais novos choravam de ofensa; as suas lágrimas caíram no pequeno bolo comprado para o pai doente.

Naquela noite, o pai sentiu que a morte se aproximava. Deitou-se e disse aos filhos: «Filhos, terão de viver e chegar ao dia claro. Peço-vos: quando vier algum soldado búlgaro, digam-lhe que ponha terra sobre a minha campa, que a Bulgária chegou!» No dia 26 de novembro de 1940, aos 54 anos, o pai morreu. O morto, lavado e vestido com o melhor que havia, ficou deitado numa esteira; nem o padre veio rezar por ele. As crianças não sabiam como o enterrar, pois também para esse triste ritual era preciso dinheiro, e eles, como sempre, tinham tanto quanto nos bolsos rotos de um mendigo.

Um vizinho, sacristão da igreja católica, teve pena dos órfãos, contou ao padre a morte de Pande, e decidiram enterrar o pobre gratuitamente. O pai morreu. E passado algum tempo, os soldados búlgaros chegaram a Strumitsa. Então os rapazes chamaram um soldado à campa do pai. Era Boris Yanev, da aldeia de Belyushets, no distrito de Sandanski; ele cravou a baioneta no túmulo e disse: «Dorme em paz, honesto búlgaro.» Mas isso foi depois.

Os dias correram na mais completa desgraça, e só a infinita paciência de Vanga, o seu forte carácter, ajudavam as outras crianças a não cair em desespero. Embora fosse a mais pesada de todas, ela aguentava-se como ninguém e dava exemplo de firmeza aos irmãos. Os órfãos acreditavam que também para eles chegariam dias melhores. Em breve os irmãos voltaram a trabalhar como jornaleiros noutras aldeias. Vanga e Liubka ficaram sozinhas por muito tempo.

INÍCIO

Na vida espiritual de cada pessoa chega um momento em que ela se convence de que deve resignar-se ao destino que lhe foi atribuído, de que, por mais bens que o universo ofereça, não encontrará o pão de cada dia se não cultivar com diligência o pedaço de terra que lhe foi dado. Henry Thoreau

Uma nova e terrível tempestade aproximava-se do mundo. Por toda a parte se falava da guerra iminente. Das lojas, do mercado, começaram a desaparecer produtos. Os mais abastados faziam provisões. Os vizinhos reuniam-se muitas vezes no pequeno pátio de Vanga. Até ao anoitecer ouviam-se as suas vozes inquietas. Vanga repetia muitas vezes que era preciso juntar dinheiro e oferecê-lo à igreja dos Quinze Santos Mártires.

Dentro de um ano começaria a guerra, avisava Vanga, e só a generosidade dos habitantes salvaria a cidade da destruição. Os vizinhos, como era habitual, eram avarentos e achavam que o ambiente geral de ansiedade era apenas pretexto para os seus avisos. Vanga insistia, dizendo que vira em sonho terríveis acontecimentos da guerra vindoura, que ela começaria em breve, em 1941, em abril. Talvez as vizinhas acreditassem nela, mas de que servia? O que podiam elas mudar nos acontecimentos fatais que se aproximavam?

Todo o ano de 1940 passou em ansiedade e incerteza. E no início de 1941…

«Ele era alto, louro e divinamente belo. A sua armadura de antigo guerreiro brilhava ao luar. O cavalo, com a cauda branca esvoaçante, escarvava a terra com os cascos. O cavaleiro parou no pátio, desmontou e entrou no quartinho escuro. Irradiava tanta luz que a casa ficou clara como o dia. Voltando-se para Vanga, o hóspede disse com voz profunda: "Em breve tudo se vai virar neste mundo, muita gente morrerá. Tu ficarás aqui e anunciarás aos vivos e aos mortos. Não tenhas medo! Eu estarei ao teu lado, sempre te ajudarei."»

Vanga perguntou à irmã: «Liubka, não viste o cavaleiro? Acabou de sair do nosso pátio a galope.»

«Que cavaleiro? — perguntou a irmã. — Sabes que horas são? Devias ter adormecido e sonhaste com ele.»

«Não sei, talvez tenha sido um sonho, mas era um cavaleiro muito estranho e um sonho estranho. Ouve o que vi…»

A ansiedade de Vanga transmitiu-se também a Liubka, e ambas não conseguiram dormir até de manhã.

A 8 de abril de 1941, tal como Vanga previra um ano antes, as tropas alemãs atravessaram a fronteira jugoslava. De madrugada, todos os habitantes de Strumitsa abandonaram as suas casas e esconderam-se: uns nos porões e nas arrecadações, outros na floresta, perto da cidade. Só Vanga e Liubka ficaram em casa. De repente, os vidros das janelas tilintaram e da rua ouviu-se o ronco de motores pesados. Tanques alemães entraram na cidade. Ouviram-se vozes estranhas e o tropel de botas — os alemães revistavam as casas, procuravam gado, aves, saqueavam. À porta de Vanga e Liubka apareceu um soldado.

As duas irmãs, pálidas como a morte de medo, estavam no pátio vazio. Muitos dos vizinhos, preocupados com o destino das duas órfãs, reuniram-se junto à porta. Quem chegou mais tarde juntou-se ao grupo. A cara de Vanga era irreconhecível. Em poucas horas transformara-se completamente. Estava de pé num canto do quarto, diante da lamparina acesa, e falava com voz alta, forte e segura (uma enorme tensão interior transparecia em cada palavra e em cada movimento). Os olhos cegos permaneciam os mesmos, mas o rosto estava tão mudado e inspirado que parecia irradiar uma luz intensa. Das suas palavras saía uma voz que não era a dela, uma voz estranha, que com espantosa precisão dizia nomes, lugares, acontecimentos.

Nessa altura, quase todos os homens da cidadezinha já tinham sido mobilizados ou levados para trabalhos forçados na Alemanha, e ela falava de cada um: se estava vivo, quando regressaria, o que lhe aconteceria. O espetáculo era tão impressionante que muitos sentiram vontade de cair de joelhos diante dela, como diante de uma santa. E aqueles a quem ela previra um regresso rápido regressaram realmente no prazo que indicara.

A fama de Vanga como vidente espalhou-se rapidamente por toda a cidade. Multidões começaram a acorrer à sua casa. Eis uma das suas primeiras predições.

A mulher do vizinho Milan Nartenov estava sentada no pátio de Vanga e chorava, pois há muito tempo não tinha notícias do marido. Chorava amargamente pelos seus quatro filhos, pois pensava que tinham ficado órfãos. Vanga olhou para ela e disse:

— Não chores, ocupa-te antes do jantar e prepara roupa para o teu marido, porque o teu Milan regressará a casa tarde da noite, só de roupa interior. Eu vejo-o. Está escondido num barranco perto da cidade.

A mulher pensou que Vanga dizia aquilo por pena, mas foi para casa. Preparou o jantar, tirou roupa do marido, esperou e esperou, e acabou por adormecer sem o ver. Perto da meia-noite, alguém bateu baixinho à janela; ao espreitar, a mulher quase desmaiou de emoção. No pátio estava o seu Milan, realmente só de roupa interior, com que fugira do cativeiro. Tinha passado tanta fome que comia tudo o que via, sem escolher, e só se admirava de a mulher o estar à espera, de saber que ele chegaria. «Ninguém podia saber disso, eu próprio não sabia se conseguiria regressar. Temia uma emboscada», repetia Milan sem parar.

Ainda no início da guerra, Vanga disse a uma velhinha vizinha, mãe de Hristo Pyrvanov, que o filho estava vivo, mas que regressaria só mais tarde. A noiva de Hristo não acreditou nessa predição tão vaga e casou-se com outro. Um ano depois, Hristo regressou vivo e saudável, e a primeira pessoa que viu foi a antiga noiva. De espanto, ela perdeu os sentidos. As crianças correram a contar a novidade à mãe de Hristo, cujo coração quase rebentou de alegria.

Estes dois casos foram muito discutidos não só na cidade, mas também nas aldeias vizinhas, o que, na verdade, foi o início da peregrinação de pessoas à casa de Vanga. Cada um queria saber sobre os seus entes queridos, e Vanga contava a todos. E passado algum tempo, o que previra cumpria-se.

Para ela, os problemas mais complicados da vida não tinham segredos; respondia a todos.

Vanga ficou famosa também como hábil curandeira das mais diversas doenças, curando principalmente com ervas medicinais. É interessante que os seus conhecimentos confundiam até os mais experientes homeopatas, pois recomendava aos doentes os remédios mais simples ou as ervas mais comuns, que, segundo os médicos, não tinham propriedades curativas. Mesmo assim, os seus tratamentos davam resultados surpreendentes e rápidos. Assim, curou uma mulher que sofria de perturbações mentais, mandando aos familiares que colhessem a erva que crescia em abundância na água do riacho mais próximo e regassem a doente com a infusão dessa erva do rio. A mulher acalmou-se; hoje tem 80 anos, alegra-se com a vida e cuida dos netos.

Vanga dizia aos camponeses que a visitavam, com absoluta exatidão, o que os preocupava, e aconselhava como aliviar o seu sofrimento.

A um camponês que roubara um leitão a uma pobre viúva, Vanga contou publicamente toda essa história feia. O homem foi-se embora, atormentado pela vergonha, e no dia seguinte a viúva encontrou o leitão à porta de casa.

Claro que casos tão impressionantes foram muito comentados em Strumitsa. Ao profundo respeito com que os vizinhos agora tratavam Vanga, juntou-se também uma espécie de veneração. Em pouco tempo, conquistou uma enorme autoridade em toda a região. As pessoas consultavam-na sobre as mais variadas questões, e ela ajudava a resolver antigas e profundas desavenças. Muitos atribuíam-lhe poderes sobrenaturais, abraçavam-na em lágrimas, beijavam-lhe as mãos, chamavam-lhe «bíblica profetisa». Todos concordavam que Vanga conquistara o amor e o respeito das pessoas; muitos viam nela a sua proteção e apoio.

Esse respeito sincero acompanha-a até hoje. Convidam-na constantemente para ser madrinha de recém-nascidos, para estar presente em casamentos — e não só no distrito de Petrich, mas literalmente em todo o país. Convidam-na também para vários rituais familiares. As pessoas acreditam que a presença de Vanga na sua casa traz bênçãos e harmonia à família.

«A 8 de abril de 1942» — conta Liubka —, veio ter connosco a avó Tina, nossa antiga amiga, e disse que hoje nos visitaria um hóspede importante. Explicou apenas que em 1918 ele se hospedara em sua casa. Saiu e, passado algum tempo, regressou com um homem de estatura média, olhos azuis, bigode bem tratado, vestido com um uniforme cinzento e calças de montar. Perguntou a Vanga se ela poderia dedicar-lhe algum tempo. A avó Tina sussurrou-me: olha bem para ele, é o rei búlgaro Boris.

Fiquei admirada; nunca me passara pela cabeça que o nosso casebre pudesse ser visitado por um rei. E Vanga, levantando-se para o seu lugar habitual no canto do quarto, antes mesmo de o hóspede ter tempo de perguntar algo, começou a falar com voz severa: «O teu reino cresce, estende-se amplamente, mas prepara-te para em breve teres de conter as tuas possessões dentro de uma casca de noz.» E repetiu: «Prepara-te.» Depois de um silêncio, acrescentou: «Lembra-te da data — 28 de agosto!»

O rei, sem perguntar nada, saiu muito perturbado. Morreu a 28 de agosto de 1943.

Após a sua morte, três mulheres de Sófia vieram ter connosco a Strumitsa. Vinha com elas outra mulher de Petrich. Explicaram que eram parentes do rei e pediram a Vanga que lhes dissesse o que esperava a família real. Ela respondeu: «Quando regressarem, amarrem uma fita vermelha sobre a cama real.» — «E não pode ser uma fita rosa ou branca?», perguntou uma delas. — «Não — respondeu Vanga —, só vermelha.» As mulheres foram-se embora e nunca mais voltaram. E a 9 de setembro de 1944, a bandeira vermelha da vitória foi hasteada sobre o antigo palácio real.

TODOS TÊM DIREITO À FELICIDADE

«Tende sobretudo amor ardente uns pelos outros, porque o amor cobre multidão de pecados.» Epístola de Tiago, cap. 3 (17)

Em 1942, a fronteira jugoslava-búlgara abriu-se, e começaram a chegar a Vanga pessoas de Petrich e de lugares mais distantes. Cada um queria saber sobre si próprio, sobre o futuro da sua família. Vinham também doentes na esperança de que Vanga os pudesse curar.

Uma vez vieram ter com ela alguns soldados do 2.º Regimento de Intendência do exército búlgaro. Entre eles estava um jovem soldado moreno

de 23 anos chamado Dimitar Gushterov, da aldeia de Kryndzhilitsa. Queria falar pessoalmente com Vanga, saber o futuro, que não lhe prometia nada de bom. Criminosos tinham matado e roubado o seu irmão comerciante perto da aldeia de Sklava. Ficaram órfãos três filhos, cuja mãe sofria de tuberculose.

Dimitar andava de um lado para o outro no pátio, sem se atrever a entrar. De repente, Vanga saiu da casa e chamou-o pelo nome: «Eu sei porque vieste. Queres saber os nomes dos assassinos do teu irmão; talvez eu to diga, mas tens de me prometer que não te vingarás. Viverás e serás testemunha dos crimes deles — no tribunal.»

Vanga nunca permitia que ninguém se vingasse. Acredita firmemente que o homem deve esforçar-se apenas por fazer o bem, pois os atos maus, incluindo a vingança, nunca ficam impunes. E a punição é sempre muito cruel; se não atingir o próprio vingador, torna-se certamente uma maldição para os seus descendentes. Perguntei-lhe muitas vezes porque é que isso acontece de forma tão injusta, e ela respondia sempre: «Para doer mais!» Não consigo compreender, recuso-me a interpretar. Não sei.

Lembro-me de outro caso. Há alguns anos veio ter connosco um camponês. Na família dele nasceram sete filhos, mas todos morreram pequenos; o último, o sétimo, morreu aos doze anos. Os médicos não conseguiam descobrir a causa, mas Vanga percebeu logo porque a natureza castigava tanto a descendência daquele infeliz. Não só lhe lembrou o que acontecera muitos anos antes, como contou pormenores que ele próprio já esquecera e, depois, acrescentou: «Deves saber que a causa de tanta desgraça não está na tua mulher. É preciso ser sempre bom, para não se sofrer a vida inteira.»

Mas voltemos ao encontro com o jovem soldado. Naquela altura, em Strumitsa, em 1942, Dimitar Gushterov ficou tão impressionado com o que Vanga disse que nem se lembrava de como saiu da casa dela. Não conseguia compreender como ela sabia o seu nome, como adivinhara o que lhe atormentava a alma. Depois voltou várias vezes a ter com Vanga, e conversavam longamente no quartinho pequeno.

A meio de abril, Vanga disse à irmã que Dimitar lhe pedira casamento e que em breve os dois partiriam para viver em Petrich.

Nessa altura, os irmãos não estavam com elas. Vasil servia como soldado em Dupnitsa, e Tome fora levado para trabalhos forçados na Alemanha. A 22

de abril de manhã, uma carroça pintada parou diante da casa de Vanga. Dimitar, emocionado, saltou para o chão. A carroça estava cheia de ervas aromáticas e flores, enfeitada com tapetes coloridos e vivos. A notícia espalhou-se rapidamente por toda a vizinhança, e de todos os lados começaram a chegar vizinhos, simples conhecidos, para se despedirem de Vanga. Alguns até a repreendiam por abandonar a terra natal. Vanga não os ouvia, pois não se despedia da pátria, mas das recordações pesadas, da pobreza e da vida órfã sem alegria. O futuro deles também não era inteiramente claro, mas esperavam que a jovem família tivesse dias felizes pela frente.

O enxoval da noiva era puramente simbólico: Vanga pôs aos ombros um lenço vermelho de lã que ela própria tricotara e, como recordação da casa dos pais, levou um caldeirão de cobre e um pequeno bidão de cobre. Era toda a sua bagagem. Liubka sentou-se ao lado, olhou pela última vez para a sua pobre casinha…

Na porta penduraram um grande cadeado enferrujado, e ninguém sabia quando voltaria a abrir-se.

A carroça balançava-se lentamente em direção a Petrich; os três futuros parentes iam em silêncio, vivendo a despedida de Strumitsa.

Chegaram a Petrich ao fim da tarde do mesmo dia e pararam na rua Opolchenska, 10. Saíram diante de uma casa inclinada que nem se podia chamar habitação. O telhado abanava e podia ruir a qualquer momento. Diante da casa havia um grande pátio por arrumar. Das janelas das casas vizinhas, dezenas de olhos observavam-nos com curiosidade; a fama de Vanga como profetisa chegara também a esta cidade. Alguns saíram para a rua; uma mulher começou a admirar-se em voz alta: como poderia uma cega ser dona de casa e, em geral, que trabalhadora poderia ser… Mas Vanga não prestava atenção a essas palavras.

Entraram num corredor escuro, longo e sujo. De ambos os lados havia dois quartinhos pequenos. Um deles tornou-se depois o quarto de dormir, e no outro Vanga recebia os seus numerosos visitantes.

«Havia ainda outro quarto, acrescentado mais tarde — recorda Liubka —, onde tinham feito um estrado de tábuas; em cima estava um colchão, e as almofadas eram sacos de lã cheios de palha de milho. Nessa "cama" dormiam a avó Magdalena, mãe do futuro marido, de 70 anos, os três filhos do filho

assassinado dela e ainda dois filhos de outro filho, além da mãe tuberculosa deles. A sujidade e a pobreza eram desoladoras.»

Assim, Vanga trocou uma vida cheia de pobreza e privações por outra não menos pobre e difícil.

A 10 de maio de 1942, Vanga casou-se com Dimitar e começou a governar a sua nova casa. Foi muito difícil para a jovem mulher. A avó Magdalena, com a franqueza típica das pessoas simples, não aprovou a escolha do filho e, logo no primeiro momento do encontro, disse: «Será mesmo este o teu destino?» Provavelmente esperava que o filho trouxesse para casa, onde, além de cinco crianças, jazia uma moribunda num canto, uma rapariga forte e saudável do campo que tomasse conta de tudo, pois para a avó Magdalena essas tarefas já eram pesadas. Vanga engoliu a ofensa em silêncio e depressa mostrou do que era capaz. Não a intimidavam nem as más línguas, nem a pobreza, nem quaisquer dificuldades; tinha não só um carácter forte, mas também muita experiência de luta pela vida, adquirida nas privações.

Com Liubka lavaram, limparam, puseram tudo em ordem. Era impossível encontrar um grão de pó. Uma característica que sempre se destacou: tudo tinha de ficar limpo e agradável à vista. Os habitantes das aldeias vizinhas começaram a vir fazer compras ao seu pequeno pátio. Organizaram-se, puseram ordem. Em toda a parte se sentia a mão firme de uma dona de casa hábil. Viveram como todas as outras famílias daquela época, mas isso não durou muito. Os rumores sobre o dom profético de Vanga espalhavam-se como círculos na água quando se atira uma pedra, e de novo começou a chegar gente à casa de Vanga.

O marido estava muito descontente com tal desenvolvimento; achava que, depois do casamento, Vanga deixaria as predições e se dedicaria só à casa e aos assuntos da família, como todas as mulheres casadas. Respeitava profundamente Vanga, amava-a e valorizava-a como pessoa e como mulher, mas achava que a sua vocação era servir as pessoas muito mais do que os laços familiares e que até a vida dela devia ser dedicada aos outros. Além disso, o seu dom extraordinário não lhe dava sossego, exigindo constante expressão.

Chegavam e chegavam a ela pessoas das mais variadas: civis e militares, doentes e atormentados; em todos os olhos brilhava a esperança de ajuda.

Naqueles anos, muitos jovens búlgaros combatiam contra o jugo fascista em destacamentos de partisans. Os seus familiares e próximos iam muitas vezes ter com Vanga na esperança de saber algo sobre os filhos. O partisan Asen Iskarov disse à mãe: «Não tenhas medo! Vai muitas vezes ter com Vanga, e ela contar-te-á tudo sobre mim.»

Tais visitas não passaram despercebidas à polícia.

Dois polícias, Dimitar Sugurov e Boris Lazarev, iam quase todos os dias ter com Vanga, ameaçavam-na, exigiam que contasse do que falava com os familiares dos «inimigos do poder». Mas Vanga calava-se. Então a polícia inventou outra coisa: começaram a obrigá-la a cumprir «serviço obrigatório de trabalho», do qual a cega Vanga fora anteriormente isentada.

Entretanto, foi declarada a mobilização dos reservistas. Dimitar foi incorporado no corpo de ocupação na Grécia. Ao despedir-se, disse a Vanga que, se regressasse vivo e são, lhe construiria uma casa nova, onde ela esqueceria para sempre os seus infortúnios. Mitko tinha mãos de ouro e vocação de construtor, embora não tivesse estudado em lado nenhum. Cumpriu a promessa só em 1947.

Ao acompanhá-lo, Vanga disse apenas uma coisa: «Cuidado com a água.» De facto, todos os que sobreviveram e regressaram depois sofreram durante muito tempo de malária e várias doenças renais contraídas na Grécia — por falta de água limpa, bebiam água podre de pântano.

Em 1942, vinha muitas vezes ter com Vanga a professora Maria Gaigurova, da cidade de Sandanski. Vanga e Liubka depressa se tornaram amigas dela. Maria tinha quatro filhas e dois filhos; os filhos serviam em Bitola. Vanga gostava de repetir: «Tia Maria, a minha irmã Liubka casar-se-á com um dos teus gémeos.» E assim aconteceu. Em breve Liubka conheceu Stoyan, o mais velho dos irmãos; gostaram um do outro e casaram-se pouco depois. (Acrescento que se trata dos meus pais.)

Tanto a própria Maria como o marido Boris receberam uma boa e variada educação. Boris, ou seja, o meu avô, tocava bem violino, dedicava-se à pintura e à matemática, lia em francês os clássicos no original. Como homem culto e educado no espírito materialista, não acreditava muito nas predições de Vanga e uma vez, quando ela esteve hospedada em casa deles, decidiu pôr à prova o seu dom. Perguntou-lhe: «Sabes o que aconteceu aos

ossos do meu pai, que foi morto pelos turcos perto de Melnik em 1912, e cujos ossos nunca foram encontrados?»

Vanga aconselhou-o a encontrar em Melnik um certo Petar, que fora testemunha dos acontecimentos e poderia contar em pormenor o que realmente acontecera. O professor ficou admirado e, continuando o «experimento», foi algum tempo depois a Melnik. Encontrou a família de Petar, que já tinha morrido. O filho contou-lhe pormenorizadamente sobre aquela batalha — sabia pelos relatos do pai falecido.

Resultou que o meu bisavô — que era padre e ao mesmo tempo um dos mais ativos combatentes pela pureza da língua búlgara, da escola búlgara e da igreja búlgara, tendo dedicado toda a vida a essa causa — fora preso pelos turcos como simpatizante de Yane Sandanski e cruelmente assassinado. O ódio dos turcos era tão grande que nem os ossos deixaram; em vez disso, enterraram o meu bisavô. E foi ao neto, Boris, que Vanga respondeu:

— Sheryo está na sepultura, Nikola está vivo. Eu vejo-o; há pouco tempo estava numa grande cidade, na Rússia, onde estudava — tornou-se cientista. Agora não está na cidade, está prisioneiro, num campo. Não te preocupes, ele virá na primavera. Espera-o; quando vires um senhor com roupa cinzenta e duas malas nas mãos, sabe que o irmão regressou.

Isso parecia incrível. O meu avô não conseguia acreditar nem que o irmão desaparecido se tornara cientista soviético, nem que estava num campo. E daquela vez não acreditou em Vanga e pensou que nunca saberia a verdade, que nunca se encontraria com o irmão. Passaram alguns dias, e uma manhã cedo um viajante cansado parou diante da casa de Boris Gaigurov. Vestia roupa cinzenta, e ao lado, no chão, estavam duas malas. Ninguém o conhecia. Também para Boris era desconhecido. Era o seu irmão Nikola. O irmão mais novo regressara à pátria após 22 anos de ausência. Nikola contou tudo o que Vanga dissera sobre ele.

Após a morte de Yane Sandanski, um dos grupos do seu partido começou a convencer os seus apoiantes de que era preciso agir em aliança com os comunistas; o outro grupo era contra. Começou a confusão, confrontos armados.

Ambos os irmãos de Boris Gaigurov, como ele próprio, pertenciam a um desses grupos. Ainda nos tempos de estudante na Faculdade de Direito da Universidade de Sófia, Sheryo tornara-se comunista e, juntamente com o

irmão Nikola, organizara em 1919 na cidade de Sveti Vrach o primeiro grupo comunista; foi eleito secretário do grupo. Por atividade comunista, ambos os irmãos foram condenados à morte e fugiram do país para salvar a vida.

Nikola chegou a Odessa. Após anos difíceis de fome, pobreza e privações, conseguiu obter educação e tornou-se engenheiro eletricista. Construiu centrais elétricas em todas as repúblicas soviéticas. Quando começou a Segunda Guerra Mundial e os alemães ocuparam parte do território soviético, ele foi feito prisioneiro e enviado para a Alemanha. Sofreu torturas e privações, mas conseguiu fugir do campo, escondeu-se durante muito tempo até se juntar a um grupo de búlgaros que trabalhavam em Berlim. Após muitas peripécias, conseguiu convencer os alemães de que era búlgaro, obteve os documentos necessários da Bulgária e de Sveti Vrach e decidiu regressar imediatamente ao seu país.

Nikola ficou tão impressionado como o irmão com as predições de Vanga e com a precisão com que descreveu a sua vida na União Soviética e depois na Alemanha.

Na primavera de 1944, na época da cereja, o marido de Vanga regressou da Grécia. Dele restava apenas metade. Devido à água podre que bebiam e aos ataques de malária, o seu fígado aumentou muito de tamanho, e era constantemente acometido de fortes calafrios. Mitko estava tão fraco que não conseguia segurar um machado nas mãos. No entanto, tinha de cumprir a promessa feita a Vanga ainda em 1942: construir-lhe uma casa nova. Em 1945, começou a construir. Tudo, exceto o trabalho mais pesado, fazia sozinho.

E no pátio agora reunia-se cada vez mais gente; todos esperavam ajuda de Vanga. Ela levantava-se antes do amanhecer, preparava comida para os trabalhadores que ajudavam Mitko na construção, amassava e cozia pão, e depois recebia os sofredores, infundia esperança e fé nas pessoas.

Um oficial de Sófia veio várias vezes a Petrich com a esposa; já os reconheciam, muitos invejavam esse «casal exemplar». Mas Vanga disse: «Não se apressem em invejar, o futuro mostrará se vale a pena invejá-los ou não.» Após a guerra, descobriu-se que o oficial era carrasco. Foi julgado e condenado à morte. Ao saber disso, Vanga disse aos seus visitantes: «Não invejem ninguém enquanto não virem o fim da sua vida.»

Mais um caso daqueles anos. Uma mulher de uma aldeia perto de Petrich perdeu a filha de três anos no barulho do mercado dominical. Procurou-a por toda a parte, mas sem resultado. A mãe desesperada não sabia o que fazer e foi ter com Vanga para perguntar sobre o destino da filha. Vanga disse que a menina fora raptada por ciganos no mercado. Agora as buscas eram inúteis; passariam muitos anos até chegar o dia feliz em que a mãe ouviria falar da filha e a encontraria.

Passados vinte e dois anos, essa mulher viajava para Blagoevgrad e, por acaso, na estação de Kresna, ouviu uma conversa de amigas. Pelo que disseram, percebeu que na aldeia mais próxima viviam apenas algumas famílias ciganas. Uma das jovens tinha tranças loiras, muito claras. Algo estremeceu no seu coração quando se lembrou das palavras de Vanga. A mulher foi imediatamente àquela aldeia, encontrou a casa e, ainda antes de entrar no alpendre, viu a cigana de tranças loiras. Pensou que o coração lhe ia rebentar de emoção. A jovem mulher não acreditou na sua história e disse que vivera toda a vida com ciganos, e o marido até queria expulsar aquela velha atrevida.

Mas a sogra mandou-o calar e contou o seguinte: muitos anos antes, os ciganos trouxeram-lhe essa menina, que haviam «pedido» a um camponês muito pobre num mercado de uma aldeia perto de Petrich. A cigana adotou a menina. Comovida, a velha mãe continuou a contar à filha sobre a sua infância, e então algo se iluminou nos olhos dela. Os olhos encheram-se de lágrimas, e ela lembrou-se de que no pátio da sua infância havia um poço fundo e uma enorme nogueira por perto. Sem duvidar que encontrara a filha perdida há tanto tempo, a mãe propôs-lhe ir à aldeia natal. Assim fizeram. A «cigana» reconheceu o pátio, orientou-se facilmente na casa. Na aldeia, o encontro foi tão emocionante que não se conseguiram conter as lágrimas.

Em maio de 1944, o irmão mais novo de Vanga, Tome, regressou da Alemanha e ficou em Strumitsa. E a 10 de junho, o irmão mais velho, Vasil, apareceu inesperadamente em Petrich para se despedir: dirigia-se a Strumitsa, para o destacamento de partisans. Nessa altura, no fim da guerra, na região de Strumitsa fora formada a Quarta Brigada Partisan da Macedónia, e muitos jovens se alistaram nos destacamentos de combate. Em segredo de Vanga, Liubka decidiu ir com ele. A decisão do irmão entristeceu Vanga — com lágrimas nos olhos, pediu-lhe que não fosse. Repetiu várias vezes: «Não vás, matar-te-ão aos 23 anos!»

O irmão insistiu, explicou que não acreditava em predições, e nesse mesmo dia, juntamente com Liubka, partiram para Strumitsa e depois para os partisans. A 8 de outubro de 1944, Vasil, que já era comandante de um grupo de sapadores, recebeu a ordem de fazer explodir uma ponte perto da aldeia de Turka. Por essa ponte passavam em retirada unidades do exército alemão. Vasil cumpriu a missão, fez explodir a ponte, mas não reparou que, na pressa, deixou cair a identificação pessoal. Depois, escondeu-se na casa de um amigo na aldeia, decidindo regressar ao destacamento de noite. Após a poderosa explosão, os alemães, ao desenterrar os restos da ponte, encontraram a identificação.

Um lenhador, capturado perto do local da explosão, lembrou-se de ter visto esse jovem na aldeia. Os alemães prenderam imediatamente todos os habitantes e levaram-nos para a igreja. Claro que Vasil também foi preso. Os alemães declararam abertamente que, se os habitantes não entregassem o partisan dentro de uma hora, a igreja seria explodida. Muitos ali conheciam Vasil de vista, sabiam que fora ele quem fizera explodir a ponte, mas calaram-se.

Compreendendo a situação sem saída, Vasil saiu da multidão e disse: «Fui eu.» Arrastaram-no para o pátio da igreja e, à vista de todos, começaram a torturá-lo cruelmente: deitaram-lhe chumbo derretido nas orelhas, espancaram-no, esfaquearam-no com baionetas e depois fuzilaram-no.

O corpo desfigurado foi ordenado que não fosse enterrado — como advertência para os outros.

Vasil morreu a 8 de outubro, exatamente aos 23 anos.

Em 1947, o marido de Vanga terminou a construção da casa e adoeceu gravemente. Nunca se recuperara completamente após o regresso da Grécia, e a construção da casa acabou por minar-lhe as forças. Mitko sofria de fortes dores no estômago, e um amigo aconselhou-o a beber todos os dias um copinho de rakia para aliviar a dor. Mitko começou a beber pouco a pouco e, sem dar por isso, tornou-se dependente do álcool; ficou sombrio e irritável, isolava-se num quarto, não falava com ninguém, só bebia.

Provavelmente, também ele vivia algum drama interior, muito pessoal, e não queria partilhá-lo com ninguém. Tanto os médicos como a própria Vanga aconselhavam constantemente Mitko a mudar de vida, mas ele não queria ouvir ninguém. Vanga andava pela casa como uma sombra, emagrecendo

visivelmente de sofrimento e preocupação, chorava noites inteiras. Sabia que não havia salvação para o marido; sabia-o com absoluta certeza, mas guardava tudo dentro de si e rezava a Deus por um milagre.

E as pessoas continuavam a chegar e a chegar a Vanga, e ela ouvia-as, dava conselhos, curava. Ninguém suspeitava da tragédia que se desenrolava na sua própria casa. Mitko «tratou-se» assim durante doze anos, até acabar numa cama de hospital. No hospital diagnosticaram-lhe cirrose hepática. Vanga estava desesperada. Mas não podia deixar de ficar ao lado dele. E passou muito tempo junto à cama do marido doente.

Quando o médico assistente lhe disse que a situação era muito grave, ela não respondeu nada. Num dos dias, o moribundo sentiu alívio e adormeceu. Vanga ficou ao lado dele até às seis da manhã. Depois disse: «Acompanhei-o até ao lugar que lhe estava destinado.» No dia seguinte de manhã, saiu e disse às pessoas que se reuniam todos os dias à sua porta, como sempre, que Vanga enterrara o marido na véspera e que não receberia ninguém. Mas ela protestou: «Não, eu receberei todos. Eles precisam de mim.»

A partir desse dia, nós, os sobrinhos de Vanga — Krasimira, Anna e Dimitar, e, claro, a nossa mãe Liubka — tornámo-nos testemunhas da sua vida amarga, solitária e de viúva, da sua tragédia pessoal e, ao mesmo tempo, da sua incrível e incansável vida em nome das pessoas. Parece que era esse o seu destino escrito: ser feliz com a felicidade que ela própria dava aos outros.

Recordo-a naqueles dias: com o lenço preto de viúva que nunca mais tirou, o rosto pálido, como que congelado. Todo o seu ser vivia uma vida interior, intensa, concentrada, distante de tudo o que a rodeava. E as pessoas continuavam a chegar, cada vez mais; pareciam vir de todo o mundo. Com os mais variados problemas, com as mais diversas perguntas, cientistas e completamente analfabetos, céticos e crentes, saudáveis e doentes, todos transpunham o seu limiar com medo ou ironia, desconfiança ou curiosidade. E ela não recusava ninguém.

Recordo um caso antigo. Uma jovem mulher culta veio ter com a minha mãe em Sandanski e pediu-lhe ajuda para chegar a Vanga, em quem acreditava muito. O filho dela estava gravemente doente, mas ela tinha medo de tomar qualquer decisão sem consultar Vanga. Eis o que ela contou:

«Em 1944, o meu pai, médico e materialista convicto, decidiu, por simples curiosidade, visitar Vanga. Em Petrich, diante da casa dela, havia muita gente; cada um esperava a sua vez. Vanga apareceu à porta e chamou o meu pai pelo nome carinhoso, nunca usado fora do círculo familiar. O médico, sem acreditar nos seus ouvidos, entrou, e ela contou-lhe muito do seu passado. O meu pai casara-se duas vezes — ela descreveu corretamente os casamentos dele, contou pormenores que nem as esposas do médico sabiam.

Depois falou do futuro. Disse que ele morreria dentro de catorze anos, de cancro. Falou sobre mim e sobre o meu irmão mais novo. Sobre mim disse que eu seria muito feliz no casamento, mas que o meu marido morreria em breve. Ficaria viúva, com um filho pequeno nos braços. Depois casar-me-ia de novo, e dessa vez seria um casamento infeliz. Quanto ao destino do meu irmão, Vanga disse que seria muito cruel: ele morreria num acidente aos 20 anos.

O meu pai ficou muito abalado com tudo o que ouviu, quis guardar segredo, mas não aguentou e contou à sua segunda esposa. Depois eu também soube do segredo.

Passou o tempo, e o meu pai adoeceu. Pensou que era uma úlcera. Fizeram-lhe duas operações — na segunda só abriram. Morreu de cancro em 1958, no dia exatamente indicado por Vanga.

Eu própria, com o tempo, casei-me, fui muito feliz no casamento, tivemos um filho. Mas inesperadamente o meu marido adoeceu e morreu. O meu segundo casamento foi muito infeliz e terminou em divórcio. E pouco antes disso, o meu irmão, ao correr para o elétrico, escorregou e caiu debaixo das rodas. Tinha vinte anos. Tudo o que Vanga previra ao meu pai cumpriu-se com espantosa precisão.»

Ou este caso. O filho dos nossos vizinhos, um menino de dez meses, teve febre durante três semanas — 38, às vezes 39 graus. Os médicos não conseguiam perceber a causa da doença; trataram-no com todo o cuidado, com vários medicamentos, mas sem resultado. Levámos o menino a Vanga; ela mandou banhá-lo numa infusão de ervas da floresta. Após o primeiro banho, a febre baixou; após o segundo, o menino acalmou-se e em breve sarou.

A própria Vanga disse uma vez a uma bailarina que, após partos difíceis, teve problemas no aparelho reprodutor. Os médicos achavam que ela nunca mais poderia dançar. A artista, triste, não sabia o que fazer. Alguém aconselhou-a a ir ter com Vanga, pois ela certamente saberia o seu futuro, saberia em que podia esperar.

A conversa aconteceu. E como a bailarina ficou feliz quando ouviu isto: não te preocupes, em breve recuperarás, terás mais dois filhos e dançarás para glória do teu teatro. Claro que pensarás que Vanga se enganou completamente com ela? Sim, em tudo. Após a morte do marido, que fora para Vanga um fiel apoio no caminho difícil da vida, ela já não conseguia sozinha lidar com a multidão de pessoas que esperavam à porta da sua casa, suplicando ajuda, aguardando conselhos.

Uma vez aconteceu que a multidão quase a esmagou. Depois desse incidente, após conversar com a irmã, a minha mãe, e também com o meu pai, Stoyan, pediu-lhes que se mudassem para Petrich, para ficarem ao seu lado e a ajudarem na medida do possível. Tínhamos acabado de construir uma casa nova em Sandanski, mas decidimos vendê-la e mudámo-nos para Petrich. Foi em 1966.

Penso que é necessário contar sobre a tia aquilo que ouvi do meu pai, Stoyan Gaigurov.

— Na minha família falava-se muitas vezes de Vanga. Os meus pais respeitavam-na profundamente e consultavam-na frequentemente sobre várias questões. O mais surpreendente é que ela previu o meu destino, mesmo sem me ver, quando ela esteve hospedada em nossa casa; eu estava no exército. Vanga previu que eu casaria com a sua irmã. A presença constante de Vanga na nossa vida não era só a de uma parente, mas de uma feiticeira extraordinária. Nunca conseguirei explicar a mim mesmo como ela conseguiu, ao nascer dos meus três filhos, prever o destino de cada um deles. Tudo aconteceu exatamente como ela viu.

Assim, à minha filha mais velha Vanga previu que ela estudaria línguas estrangeiras e se interessaria por hieróglifos. Após terminar o secundário, a minha filha quis entrar na Faculdade de Filologia Búlgara, mas aconselharam-na contra e ela entrou na de Filologia Turca. Assim teve de aprender uma língua estrangeira e, mais tarde, hieróglifos. À minha filha mais nova Vanga disse: tornar-te-ás uma boa médica. E a menina gostava muito de música, tocava maravilhosamente piano, sonhava com uma carreira musical. Não sei

como aconteceu, mas após terminar o liceu Anna entregou documentos para o Instituto de Medicina, concluiu-o e tornou-se uma boa médica, que ama sinceramente a sua profissão. Ao meu filho Dimitar Vanga disse que ele se tornaria técnico. E tornou-se.

Muitos, que encaram o dom de Vanga com cepticismo, ainda hoje acham que ela tem intermediários que recolhem previamente informações sobre as pessoas que vão ter com ela. Isso, claro, não só é incorreto como impossível, pois milhares de pessoas de todo o mundo acorrem a Vanga. Além disso, Vanga prevê o destino de recém-nascidos e até de crianças ainda não nascidas, vê pessoas e fala com elas, mesmo que tenham morrido há 100, 200 ou ainda mais anos, pessoas de quem nem os familiares mais próximos se lembram. Vanga sabe que remédio ou erva curativa ajudará uma pessoa gravemente doente, quando a medicina já é impotente. Como é que tudo isso acontece com ela? Eis a pergunta a que é preciso responder.

Quando Vanga percebeu que não conseguiria ajudar sozinha aos milhares de pessoas que dia e noite esperavam à porta da sua casa, pediu ajuda às autoridades. Ouviram-na com atenção, decidiram ajudar. E a partir de 3 de outubro de 1967, como ela própria disse, «entrei ao serviço do Estado». Foram nomeadas pessoas para manter a ordem no seu pátio, responsáveis pelo seu descanso e tranquilidade. Junto ao conselho municipal foi criada um serviço especial que regista todos os que desejam visitar Vanga.

Em resumo, Vanga recebeu reconhecimento oficial e, como já disse no início, tornou-se objeto de investigação científica no Instituto de Sugestologia e Parapsicologia, dirigido por Georgi Lozanov. Infelizmente, esse trabalho sério foi-se extinguindo gradualmente, e praticamente nada dos numerosos materiais foi publicado, pelo menos entre nós. Muitas pessoas gostariam de ler algo de fidedigno sobre Vanga, mas não há literatura, e assim cada um pode suspeitar que há algum segredo aqui, como que protegido até pelo governo da Bulgária. No nosso país, e não só, sobre Vanga espalharam-se os rumores mais incríveis. Esses rumores, por sua vez, alimentavam o interesse pelo seu dom fenomenal. Esse interesse levou à publicação, em 1966, na revista *Ogléd* de um material sobre Vanga.

O artigo intitulava-se «Parapsicologia e Vanga». Nele, além de algumas histórias, foi feita uma tentativa séria de análise dos factos conhecidos e, ao mesmo tempo, de colocação de várias questões. Outra questão é até que ponto essas descrições são verdadeiras, mas no fim do artigo, que tem cerca

de 20 páginas, penso que foi dito com justiça que o livro é provavelmente o ensaio mais profundo alguma vez escrito sobre a profetisa. Não sou eu quem deve julgar se é assim, mas li o livro com enorme interesse.

A capacidade mais surpreendente de Vanga de comunicar com os mortos causou uma grande impressão no conhecido crítico literário Zdravko Petrov. Numa revista de Sófia, ainda em 1975, ele publicou um material muito interessante, intitulado «A vidente búlgara». Reproduzo-o aqui com pequenas alterações.

«Até ao outono de 1972, eu dava muito pouca importância ao facto de que, na pequena cidade de Petrich, junto à fronteira grega, vivia uma profetisa que atraía a atenção de muitos búlgaros. Desde cedo de manhã até tarde da noite, o seu pátio está cheio de gente. Ela sabe o destino das pessoas desaparecidas, revela crimes, faz diagnósticos médicos, conta o passado. O mais surpreendente no seu dom é que ela não fala apenas do presente, mas também prevê o futuro.

As suas predições não têm uma sequência fatal. A sua própria experiência ensinou-a a ser muito cautelosa nas predições. Além disso, nem tudo o que é possível se torna realidade. Com o termo hegeliano de "realidade fragmentada" pode-se explicar não só a probabilidade como categoria filosófica, mas também o fenómeno Vanga. Sobre algumas coisas ela fala com uma precisão impressionante.

Durante uma das sessões em que estive presente, Vanga pediu ao seu "paciente" que lhe desse o relógio — normalmente as pessoas vêm com pedaços de açúcar. Ele ficou muito surpreendido por ela querer tocar precisamente no relógio. Mas Vanga disse-lhe o seguinte: "Eu não tenho nas mãos o teu relógio, mas o teu cérebro."

Uma vez, por acaso, fui passar férias a Petrich. Passei lá alguns dias. Assim, os meus conhecimentos sobre essa simples mulher dotada do dom da previsão alargaram-se um pouco. Fui visitá-la por um momento, ouvi-a e fui-me embora. Francamente, não tinha intenção de me submeter a nenhum dos seus "sessões". Parece que Vanga percebeu esse meu estado nos primeiros dias da minha estadia em Petrich, porque mais tarde disse a um amigo meu: "Ele veio sem querer saber nada sobre si próprio, e eu contei-lhe tudo." E riu-se com o seu riso característico.

Mas a parte mais interessante de toda esta história começa agora.

O meu amigo, que me apresentou a Vanga, tinha carro e propôs, depois do almoço, dar um passeio fora da cidade. Propôs não só a mim, mas também a Vanga e à irmã. Juntos fomos até perto da aldeia de Samoilovo, onde se encontram as ruínas de uma fortaleza construída pelo czar Samuil — objeto de investigações arqueológicas e restauração. No carro íamos em silêncio. Chegados, decidimos visitar a fortaleza e as escavações iniciadas. Como Vanga não podia deleitar-se connosco com a vista da antiga fortaleza, ficou no carro com a irmã. Elas conversavam entre si. Eu passeava por perto.

E de repente, quando estava a 7-8 metros do carro, Vanga começou a falar. Percebi que as suas palavras se referiam a mim. Ela surpreendeu-me logo com a primeira frase: "O teu pai Petar está aqui." Fiquei petrificado, como Hamlet contemplando o espírito do pai. Que podia responder? O meu pai morrera quinze anos antes. Vanga começou a falar dele com tantos pormenores que eu simplesmente fiquei de pedra de espanto. Não posso dizer nada sobre as minhas sensações de então, mas quem me viu diz que eu estava muito agitado e mortalmente pálido. Ela repetiu várias vezes que o meu pai estava diante dela, embora eu até hoje não consiga imaginar em que qualidade e em que projeção — no passado, no presente ou no futuro — ela o via. No entanto, Vanga até apontou para ele com a mão.

Obviamente, ela "recebeu informações" (como?!) sobre algum acontecimento da nossa casa, há muito esquecido até por mim. Para Vanga não existe o conceito de presente, passado ou futuro. O tempo na sua representação é um fluxo único e homogéneo. Pelo menos, essa é a impressão que tenho. Assim, ela contou-me facilmente sobre a vida passada do meu pai. Sabia qual era a sua profissão, que ensinava língua e direito civil na escola secundária de Sofia desde 1944. Depois Vanga começou a falar dos meus tios. Citou todos. Falou do meu terceiro tio, que morreu tragicamente. Ele próprio contou-me. A sua morte fora rodeada de mistério, e Vanga disse que a causa do assassinato fora traição. Surpreendeu-me muito também que ela dissesse de repente: "Quem na vossa família se chama Matei?" Respondi que esse era o nome do meu avô. Eu tinha cinco anos quando o enterraram num dia de janeiro. Já passaram muitos anos desde então. O facto de ela saber o nome do avô impressionou-me. Quando regressei a Sófia e contei aos meus amigos, um deles perguntou-me se eu pensara no avô naquele momento. Respondi: "Não!"

Raramente me lembro dele, mesmo em Sófia, onde há vários parentes com quem poderíamos falar dele. Nem os meus amigos mais próximos sabem

o seu nome. Vanga disse que ele fora um homem bom. Assim o conheciam os meus familiares. Ela falou longamente dos meus parentes, cerca de dez minutos. Falou também de uma sobrinha que se enganara ao entrar na universidade; até de pequenas coisas do quotidiano, por exemplo, que na minha casa o aquecimento a vapor estava avariado.

Depois aconselhou-me a apanhar mais sol, pois era necessário para a minha saúde. Eu realmente não gosto muito de sol, mas ela insistiu que eu devia passear mais. Disse: "Que o sol se torne o teu deus." Depois disse que eu tinha duas formações superiores ("duas cabeças", assim definiu), e os presentes acrescentaram que eu fizera especialização em Moscovo.

Depois Vanga falou dos guerreiros de Samuil. Eles passaram diante do seu olhar interior. Da história sabemos que, por ordem de Basílio II, foram cegados. Vanga perguntou-me quem os cegara, de que nacionalidade era. Fiquei muito embaraçado; na memória havia um vazio, esquecera completamente a história dessa dinastia real. Depois o meu amigo perguntou-me como podia eu ter esquecido a genealogia de Basílio II, conhecendo bem a história bizantina.

Provavelmente, estava simplesmente muito perturbado pela capacidade de Vanga de ver um passado tão distante. Em outras circunstâncias, Vanga perguntou-me quem eram os bizantinos. Ela contou que uma vez, quando estava na igreja da cidade de Melnik, ouviu vozes que disseram: "Nós somos bizantinos." Viu pessoas vestidas com roupas tecidas a ouro e ruínas de um banho romano debaixo da terra. Alguns nobres bizantinos foram realmente obrigados a abandonar a pátria e instalaram-se em Melnik. Ela falou também de outras figuras históricas.

Tentei compreender a sua surpreendente capacidade de ver o passado e o futuro. Entre nós houve um diálogo muito interessante.

Vanga começou a falar da morte. Não conseguíamos desviar os olhos do seu rosto imóvel. Obviamente, tinha visões. Contou alguns casos em que sentiu a aproximação da morte. Contou que viu a hora exata da morte do seu marido.

Depois contou como uma vez, enquanto cozinhavam ameixas no pátio, a morte "passou" sobre as árvores. Parecia uma balada. Na representação de Vanga, a morte é uma bela mulher de cabelos soltos. Tive a sensação de que diante de mim estava uma poeta, e não uma profetisa.»

A morte… É uma hóspede terrível e indesejada por todos, que corta os fios das nossas vidas. Mas, segundo Vanga, é uma projeção do nosso "eu" em algumas outras dimensões incompreensíveis para nós.

… Uma vez veio ter com Vanga uma jovem mulher de Sófia. Vanga virou-se para ela e perguntou:

— E onde está o teu amigo?

A mulher respondeu que ele estava morto, afogara-se há alguns anos ao tomar banho no rio.

Vanga descreveu o jovem, dizendo que o via como vivo, que ele próprio falava com ela.

— Vejo-o diante de mim. É alto, moreno, tem uma pinta na face. Ouço a sua voz. O rapaz tem um pequeno defeito de fala. A mulher confirmou tudo. Vanga continuou:

— Ele disse-me: "Ninguém tem culpa da minha morte. Caí eu próprio na água e parti a coluna." Pergunta a quem ficaram o seu relógio e outras coisas. Lembra-se de muitos, pergunta pelos conhecidos e amigos. Aconselha a amiga a casar-se em breve e garante que a escolha será feliz.

Um cientista espanhol, professor, contou a Vanga como a sua mãe moribunda fora bondosa e carinhosa. Mas passara a vida na pobreza. Vanga interrompeu-o e disse: Espera, vou contar-te como foi. No leito de morte a mãe disse: "Não tenho nada para deixar aos filhos da família." Tu ajudaste-a e cuidaste dela. E agora ela diz que tudo aconteceu exatamente assim. Perguntou-me o que aconteceu com aquele anel. E tu explicaste que um dia, quando já eras um cientista conhecido, durante umas férias à beira-rio, o anel escorregou do teu dedo e caiu na água. Procuraste-o, mas nunca o encontraste.

— Que fizeste tu, homem? Perdeste a ligação com a tua mãe! — exclamou Vanga.

O cientista abatido confessou que às vezes essa ideia lhe passava pela cabeça, pois, desde então, as desgraças começaram a persegui-lo em cada passo, mas, como cientista materialista, afastava esses pensamentos.

Há alguns anos, durante uma inundação, um casal perdeu o seu único filho. Seria lógico supor que a criança se afogara, mas eles não conseguiam acreditar nisso. Vieram ter com Vanga para saber o destino da filha. E Vanga

— este caso foi contado por ela própria — disse-lhes o seguinte: «Não chorem, tal é o destino da criança. De facto, ela já não está entre os vivos. Mas o corpo não está onde o procuraram. Está mais abaixo, onde o rio faz uma curva. Lá há grandes árvores, e o corpo ficou preso nas raízes. Eu vejo-o, como vivo. Ele estende-me a mão, chama-me para eu vos mostrar esse lugar. Ele quer que o enterrem.»

Passado algum tempo, os parentes dessa família vieram ter com Vanga e contaram que o corpo da criança fora encontrado exatamente no lugar que ela indicara. O corpo do infeliz menino foi retirado e sepultado.

Há milhares de casos assim; é impossível descrevê-los todos, e o tema, é preciso admitir, não é muito agradável.

Vanga vê não só o «reino dos mortos». Vê a destruição e o renascimento de cidades inteiras. Por exemplo, a cidade de Melnik.

— Aqui — diz Vanga — cada erva, cada pedra, cada palmo de terra é uma relíquia sagrada. Venho aqui com grande prazer e descanso melhor que em qualquer outro lugar. Carrego-me de força, energia, inspiração. Sento-me numa pedra qualquer e fico em silêncio. Ninguém deve perturbar-me. Tudo o que me rodeia fala comigo — as pedras, as ruínas, as sombras. A cidade conta-me a história de séculos passados. Vejo pessoas mortas há muito, templos destruídos, casas construídas há milhares de anos.

… Uma vez viemos aqui com a minha irmã. Ela levava o filho de seis meses. Pareceu-me que a alma dele me disse com a voz de Vanga: «Tia, vês Melnik? E tu pareces-te com ele.» Fiquei muito triste e chorei amargamente: «Porque como Melnik? O que queria dizer Vanga? A antiga história desta cidade ou a sua desolação e abandono? E porque associei essas palavras ao menino?» Até hoje não sei.

No início dos anos 70, Vanga sentiu um forte desejo de ir todos os dias a Melnik e receber ali os seus numerosos visitantes. Achava que o seu dom se revelava mais plenamente nesta cidadezinha, que ali poderia contar às pessoas coisas muito interessantes. Mas uma atividade deste tipo numa pequena cidade está ligada a vários problemas, e o desejo de Vanga não foi satisfeito. É pena; ficámos sem saber que revelações nos teria surpreendido Vanga. Mais um caso interessante.

Em 1983, o realizador P. K. partilhou com Vanga os seus planos de fazer um filme sobre Orfeu. Vanga disse que nada lhe sairia bem, pois a relação do

realizador com o herói lendário era completamente errada. Ela disse literalmente o seguinte (a conversa foi gravada em cassete):

— O dom de Orfeu não é celeste, é terreno. Ele ouvia a terra e cantava. Os animais selvagens ficavam parados a ouvi-lo, mas não compreendiam. Orfeu é terreno. Tocava e cantava para a folha do salgueiro, e para o próprio salgueiro. Deitava-se na terra, e a própria terra ouvia-o e cantava para ele. Orfeu cantava com a terra. Por onde passava, sempre tocava melodias. Os passarinhos cantavam para ele, e ele cantava para eles. Estava bem na terra e com as criaturas terrenas.

Para os sons do céu, muito mais belos, ele permanecia surdo. — Diz-me — dirigiu-se ela ao realizador —, ele era rico ou pobre? Como tu o vês? Por exemplo, vejo-o com roupa rasgada, com cabelos crescidos. Canta o tempo todo, todos os sons lhe dá a terra. Se ele é tão desleixado e descuidado, não é do céu. Tu, infelizmente, vês assim. E eu vejo coisas boas e más. Tenho de dizer que nem sempre me interessa muito isto. Sento-me simplesmente e penso: olha só, que coisas não houve neste mundo! Seria bom contar às pessoas! Seria bom, mas falta-me jeito…

Com prazer, Vanga conversa… com as flores. Considera-as seres vivos, como todos nós, as pessoas. Se eu conseguisse contar como ela cuida com carinho das suas flores junto à casinha em Rupite! Ela para obrigatoriamente diante de cada flor, acaricia-a, rega-a, sussurra-lhe algo. Diz que as flores também lhe contam muitas coisas interessantes. É simplesmente um conto de fadas, um belo conto de fadas! Mas eu sou testemunha, é verdade.

Mas em toda a sua vida há tanto de inexplicável… Se fores, após a morte de um ente querido, visitar Vanga, ela pode sentir-se mal com o contacto com essa morte recente; houve casos em que ela até perdeu os sentidos. Logo que percebe quem veio ter com ela, costuma dizer: «Não vieram de mãos vazias? Sem flores?» A informação sobre o falecido, que transmites sem dar por isso só pela tua presença, é conhecida também das flores, mas as flores conseguem transmiti-la sem ferir o ser humano, salvando-me assim dos choques. E ao mesmo tempo ela não gosta de bouquets, diz: «As flores são mais belas vivas: no prado, no canteiro, no vaso. O buquê é como uma multidão de pessoas, aí a individualidade está apagada. Cada flor tem a sua individualidade.»

A mãe recorda como uma vez Vanga lhe pediu para sair e chamar uma mulher que estava entre as pessoas reunidas no pátio. Vanga disse o nome

dela e que trabalhava como florista em Sófia. À pergunta de onde Vanga sabia que no pátio esperava uma florista, a vidente respondeu: «Os cravos acabaram de mo dizer. A mulher quer perguntar-me o que fazer com o filho completamente desregrado. Chama a infeliz, vou contar-lhe tudo.»

Sobre as flores, Vanga conversou longamente também com o escritor soviético Leonid Leonov, quando ele visitou a Bulgária em 1980. Disse, entre outras coisas, que invejava o seu enorme jardim cheio de flores maravilhosas e puras como olhos de criança. Com um sorriso cúmplice a Leonid Maximovich, observou: «Sei que também tu compreendes a linguagem das flores, ela é verdadeira e bela.» E depois repreendeu o seu mestre por ter oferecido ao Sindicato dos Escritores um grande filodendro que antes estava em sua casa. Aconselhou-o a arranjar outro, pois é precisamente o filodendro que estimula a inspiração. É a flor dos artistas e dos escritores.

Sobre flores, plantas e ervas medicinais, como já mencionei, Vanga conversou também com Svetoslav Rerikh. À pergunta dele sobre o significado das ervas medicinais na medicina, Vanga respondeu: «Aqui não se despacha com duas palavras. É um tema grande e separado. O mundo começou com a erva e acabará com as ervas. Tudo o que os homens deixarem na terra será coberto pela erva do esquecimento. As ervas de cada país são curativas só para as pessoas que vivem nesse país. Assim está determinado. Cada um deve tratar-se só com as suas ervas.»

Vanga — curandeira

«Bem-aventurados os que não viram e creram.» Evangelho segundo João, cap. 20 (29)

O estado de saúde humana, o diagnóstico e o tratamento de várias doenças sempre ocuparam Vanga de forma séria. Assim foi mesmo na infância. Ela acredita que quase todas as doenças podem ser curadas com ervas. Afirma que a Bulgária é um país abençoado nesse aspeto, pois aqui há muitas ervas verdadeiramente preciosas e curativas.

Vanga está convencida de que está próximo o dia em que a humanidade se livrará da terrível doença — o cancro —, que será encontrado um remédio contra o cancro. Diz: «Chegará o dia em que o cancro será acorrentado com cadeias de ferro.» À pergunta para explicar essa predição de som estranho, Vanga respondeu que o remédio contra doenças oncológicas deve conter muito ferro, pois é precisamente o ferro que falta agora na alimentação e na água potável humana. Acredita que, num futuro próximo, os cientistas

descobrirão mais um remédio necessário para restaurar as forças e a saúde do homem. O preparado conterá principalmente hormonas de cavalo, cão e tartaruga. À pergunta porque precisamente desses animais, Vanga respondeu: «O cavalo é forte, o cão é resistente, e a tartaruga vive muito tempo.»

Segundo Vanga, as ervas medicinais atuam especialmente bem se a pessoa se lavar com as suas infusões, pois as substâncias ativas são completamente absorvidas através da pele.

Ela nunca entra em contradição com a medicina oficial e reconhece os seus sucessos em várias áreas. Nesse sentido, o tratamento proposto por Vanga não rejeita os métodos tradicionais da medicina, mas apenas os complementa. Mas Vanga considera perigoso o abuso de medicamentos, pois «eles fecham as portas por onde a natureza, através da ação das ervas curativas, pode restaurar o equilíbrio perturbado pela doença no organismo do doente».

É preciso reconhecer que Vanga se interessa vivamente por todas as novas descobertas na área da medicina e considera correta a volta ao tratamento por acupuntura. Eis o que ela disse a um médico que a visitou e que se dedica à acupuntura:

— O tratamento com agulhas é um meio forte, mas para alcançar o maior sucesso é preciso usar agulhas não de metal, mas de barro, como faziam na antiguidade. Aquecê-las deve ser ao fogo vivo, e não com eletricidade, pois no organismo já há eletricidade suficiente, e tu, infeliz, ainda reforças a sua influência. O que pretendes ajudar, só atrapalhas a ação correta das agulhas no organismo.

O médico objetou que tal método seria um passo atrás. Vanga não concordou e respondeu:

— Sim, tudo volta ao seu lugar. Olha bem à tua volta e verás facilmente isso.

Pode-se destacar um conjunto de conselhos aceitáveis para todos e cada um de toda a sua prática curativa? Sim, pode-se.

Aliás, é preciso sublinhar que as ervas e a direção do tratamento que Vanga recomenda a diferentes pessoas para a mesma doença são, naturalmente, diferentes. Vanga sabe firmemente que cada pessoa é

absolutamente individual, e por isso, em caso de doença, exige um tratamento concreto para si. Quero apresentar alguns exemplos, confirmados pelos próprios doentes, de como, graças aos conselhos de Vanga, melhorou o seu estado geral de saúde. Muitos sararam completamente.

A um doente de leucemia que a procurou, Vanga aconselhou a beber sumo de raízes de malva, e a uma criança que sofria da mesma doença — a tomar sumo já das flores de malva.

A um doente de cirrose hepática propôs beber leite onde se misturasse farinha de trigo branca.

Aos pais de uma criança que batera com a cabeça e por isso dormia mal, aconselhou um remédio simples e eficaz: banhar o menino no orvalho matinal, que cobre abundantemente as ervas nas auroras de verão. Depois, envolver a criança numa fralda húmida. Os pais assim fizeram. Em breve o pai da criança veio pessoalmente ter com Vanga para dizer: o menino melhorou, está a recuperar rapidamente.

Vanga venera literalmente esse milagre do verão — o orvalho matinal, considerando que de manhã as plantas libertam muitas substâncias curativas, por isso é tão útil esfregar-se com orvalho não só aos doentes, mas também aos saudáveis, para prevenção.

A uma criança que teve febre alta durante três meses, Vanga aconselhou fazer um banho com infusão de bagos de uva ácida. A mãe assim fez — a febre baixou, a criança dormiu tranquilamente.

A um homem que sofria de eczema, mandou colher um ramo de flores silvestres e lavar os locais afetados com uma infusão forte e quente.

A uma mulher que sofria de sarna, aconselhou ferver cinco copos de cevada e esfregar a pele com o caldo.

A um jovem cujos rins doíam, aconselhou beber chá de sementes de abóbora.

A um trabalhador que se intoxicara com vapores nocivos na fábrica, aconselhou aquecer os pés todas as noites em água quente durante um mês.

A mulher que sofria de inchaço nas pernas Vanga mandou fazer um emplastro com cera, azeite de oliva e água, e cobrir com ele as partes doentes.

A uma criança com epilepsia mandou banhá-la em infusão de ervas da floresta. Segundo ela, tal infusão é um excelente calmante.

A uma mulher que há 10 anos sofria de dores no peito (Vanga disse que tinha inflamação da pleura), mandou fazer cataplasmas quentes de massa de pão amassada com fermento caseiro, adicionando vinagre, óleo vegetal e vinho azedo.

Aos que sofrem de tosse exaustiva Vanga aconselha beber chá de semente de linho e nunca beber água fria. Para prevenção de doenças cardíacas, recomenda beber chá de espinheiro durante quatro dias seguidos.

Para erupções na pele é muito bom tomar banho com infusão de casca de carvalho.

Aos asmáticos aconselha beber regularmente infusão de flores de tussilago.

Aos pais de uma criança com intestino doente mandou mantê-la numa dieta rigorosa, limitando drasticamente o teor de gordura na comida.

Em estados pré-infarto recomenda beber, durante quatro dias seguidos, de manhã em jejum, chá de espinheiro.

A uma mulher que sofria de enxaquecas devido a forte esgotamento nervoso mandou beber, todas as noites antes de dormir, uma colher de sopa de água com açúcar. E a outra paciente, também com forte perturbação nervosa, aconselhou ralar meio quilo de limões, misturar com mel e tomar uma colher de sopa de manhã e à noite.

No estágio inicial de diabetes recomenda beber decocção de folhas de amora, considerando que assim se pode parar a progressão da doença.

Vanga considera que a úlcera gástrica surge na maioria das vezes como consequência de comida de má qualidade. Não se deve, segundo ela, comer comida muito quente.

A asma é resultado de beber líquidos frios, sendo especialmente prejudicial beber água fria quando se está cansado.

A perturbação do metabolismo está geralmente ligada a uma alimentação incorreta.

A mastite nas mulheres ela explica pelo uso de roupa interior apertada e roupa desconfortável.

Os tumores surgem, como regra, em consequência de quedas ou outros traumatismos; podem aparecer bastante tempo depois do golpe. Os rins adoecem na maioria das vezes após constipações.

A infertilidade nas mulheres é resultado de vida sexual precoce, medo de gravidez indesejada, constipações frequentes e roupa interior desconfortável. Quase pelas mesmas razões explica a infertilidade nos homens.

Casos bastante curiosos descreve o meu irmão Dimitar Gaigurov. Aqui trago alguns dos seus registos: «Estando todos os dias junto da minha tia, tive oportunidade de observá-la atentamente; claro que estive presente em muitas das suas sessões. Não posso deixar de recordar o choque que vivi no início de maio de 1988.

Três dias antes daquele dia, a tia estava muito calada, absorta em si mesma, não queria falar com ninguém, pedia que não a incomodassem. No quarto dia chamou-me e mandou-me sentar ao seu lado. E de repente começou a falar comigo com uma voz desconhecida, que me deu arrepios na espinha. Disse literalmente o seguinte: "Sou a alma de Joana d'Arc. Vim de longe e dirijo-me para Angola. Lá está a correr muito sangue agora, e eu tenho de ajudar a estabelecer a paz." Após uma curta pausa, com a mesma voz, Vanga continuou: "Não acusem esta alma. Ela não é vossa. Ela não pertence a ninguém. Disso é testemunha a tua mãe (a nossa mãe Liubka), que a carregou no colo quando estava no leito de morte. Nessa altura, num instante, a alma dela partiu, e outra alma entrou no corpo. A tua mãe sarou para continuar a sua vida terrena. Mas agora a sua alma já não vos é próxima, a vós, filhos, e não pode reconhecer-vos." Nova pausa curta, e Vanga prossegue: "A tua mãe deve visitar Notre-Dame de Paris, onde tem de passar a noite em vigília de oração — assim vos serão revelados grandes mistérios sobre o mundo que vos rodeia."

Depois seguiu-se um longo silêncio. Vanga recuperava lentamente, desaparecia a terrível palidez, o rosto ganhava um leve rubor. Mas ainda por muito tempo ficou letárgica, quase sonolenta. Não consigo explicar que milagre se passou diante dos meus olhos.»

Recordo outros casos estranhos, principalmente relacionados com os seus métodos de tratamento.

Uma noite tarde chegou do povoado de Kolarovo o meu amigo B. P. Não veio sozinho, foi trazido pelo irmão. O meu amigo perdera subitamente o juízo. Pegou num machado e começou a atacar os seus próximos. Ficou tão furioso que os irmãos tiveram de o amarrar. Mudou completamente. Acordei a tia e perguntei o que fazer. Ela disse imediatamente: «Comprem um jarro de barro novo, encham-no com água do rio mais próximo e derramem a água três vezes sobre o doente. Depois atirem o jarro contra as pedras para que se parta em pedaços pequenos. Em caso algum olhem para trás ao ouvir o som do jarro a partir-se.»

Embora fosse muito incómodo, acordámos o oleiro que vivia ao lado. Ele ficou intrigado com a visita noturna estranha, mas deu-nos um jarro de barro. O rio em Petrich passa pelo centro da cidade, e a nossa casa fica na margem oposta. Descemos ao rio e fizemos tudo exatamente como a tia dissera. Sou grato à escuridão e à hora tardia, pois o nosso «espetáculo» junto ao rio pareceria muito suspeito a qualquer um. Mas o mais surpreendente é que o meu amigo recuperou os sentidos, dormiu profundamente a noite toda e acordou de manhã como uma pessoa normal. Não se lembrava nada das suas explosões de fúria.

Ou mais este caso.

Veio ter com Vanga um jovem escavador. Trabalhando na drenagem de um pântano, na lama e na água fétida, arranhou o joelho. A ferida infecionou, a perna inchou e ficou negra; os médicos disseram que teriam de amputar. Mas Vanga aconselhou outra coisa: apanhar um sapo, de preferência exatamente no lugar onde o jovem se feriu, arrancar-lhe a pele e aplicar a pele de sapo no local doente. Os pais do jovem fizeram tudo como a minha tia dissera.

A dor acalmou imediatamente, o rapaz adormeceu e dormiu profundamente dois dias inteiros (durante a doença tomava fortes doses de sedativos). Quando acordou e tirou a ligadura, nela ficou o pus do abcesso. Uma semana depois a ferida sarou completamente, e a perna foi salva. O remédio proposto por Vanga naquela ocasião surpreendeu-me muito, mas mais tarde li que a pele dos sapos contém substâncias que neutralizam até veneno de cobra. Assim, talvez não haja nada de terrível nesse «receituário», é apenas desconhecido da medicina oficial.

Eis como Vanga me tratou a mim próprio. Durante muito tempo sofri de dores no ombro esquerdo. O médico diagnosticou depósito de sais. O

tratamento seria doloroso e muito longo. Sabendo como a tia se cansava com os atendimentos diários de doentes, demorei muito a decidir-me a recorrer a ela. Finalmente, quando a dor se tornou insuportável, pedi-lhe conselho. Vanga mandou-me pegar dois pacotinhos de incenso, reduzi-los a pó e misturá-los com cinquenta gramas de vinagre de maçã. Untar a mistura numa ligadura espessa e aplicar no local doente durante três noites seguidas. Nem preciso dizer que fiz tudo imediatamente como me mandaram. A dor desapareceu, esqueci-me dela.

O meu amigo de Petrich sofria do mesmo mal, mas a Vanga aconselhou-lhe um tratamento completamente diferente. Mandou-lhe molhar um pano de lã em gasolina, colocar no local doente e, por cima, comprimir com um prato de cobre bem aquecido. Fazer três sessões. E a dor dele também desapareceu.

A nossa conhecida M. T. de Petrich tinha uma verruga na mão que muito a incomodava. Uma vez arrancou-a. E uma semana depois apareceram verrugas por todo o corpo. Vanga aconselhou à mulher colher esporão (uma erva), secá-la, reduzi-la a pó e polvilhar qualquer verruga. A mulher assim fez — todas as verrugas desapareceram.

K. S. de Ruse sofreu durante longos anos de hemorragia intestinal interna, não conseguia curar-se. Vanga mandou-lhe encontrar visco branco (planta parasita) que cresce em pinheiros, esmagar os rebentos da planta, mergulhá-los numa chávena de água e beber essa infusão de manhã. O tratamento revelou-se muito eficaz.

A. I. de Sandanski curou-se da forma inicial de diabetes fazendo o que Vanga lhe aconselhou. Trouxe-lhe cerca de três quilos de figos maduros; ela segurou-os um pouco nas mãos e depois mandou cozer os figos e beber o caldo: uma chávena todas as manhãs em jejum. Os sofrimentos cessaram e nunca mais voltaram.

A minha mãe tem uma verdadeira enciclopédia: casos de cura de diferentes doenças por Vanga, bem como os seus conselhos. Aqui vão alguns deles.

No verão, aconselha Vanga, andem descalços o mais possível, para não se interromper a ligação com a terra. Deixem as crianças andarem descalças e sem roupa no verão, deixem-nas brincar e rolar na terra — isso protege-as

das doenças que as esperam no inverno. A comida das crianças deve ser líquida. Não se deve permitir que comam a seco.

Além de banhos no rio, no lago, no tanque, é obrigatório lavar os pés à noite com «água natural» (do rio, do poço).

Às vezes Vanga dá-nos verdadeiras lições de botânica. Passamos pelos campos, e ela, como professora, guia-nos com a mão e aponta para esta ou aquela planta, dizendo o que ela pode dar. Não sei como nem o quê ela «vê», mas às vezes até aponta com o dedo para onde devemos olhar.

— Sabes que erva cresce ali onde estás? — pergunto. — Sei — respondo —, é o pé-de-galinha. — Sim — continua Vanga —, é o pé-de-galinha. Dêem-no às crianças que sofrem de anemia. E ali, vejam, o trevo. Essa planta não deixa dormir em paz quem a cultiva em casa; os pobres são atormentados por pesadelos. Especialmente venenoso é o trevo na época da floração. E ali, aquela planta com flores em forma de campainha, veio de um país onde agora há muita inquietação, lá grassam guerras. Sinto o cheiro do aipo, remédio maravilhoso contra o reumatismo. Colhe-o bastante e prepara uma salada para o pequeno-almoço. Agora vais pisar uma planta que ajuda muito a cicatrizar feridas difíceis.

Tantas coisas contam as flores e as ervas, mas são tantas que não consigo memorizar tudo. Lembro-me bem de que Vanga curou um médico que estava coberto de furúnculos, mandando-lhe beber chá de milefólio durante vinte dias.

Ela considera que contra a icterícia há um remédio muito simples, que cura completamente em três dias. Assim que a doença se manifestar, durante três dias, de manhã em jejum, beber o sumo de um limão com uma colher de bicarbonato de sódio.

A um jovem com leucemia Vanga aconselhou beber decocção de grãos de trigo, milho, aveia, centeio e milho-miúdo. Passado algum tempo, o jovem informou que se sentia bem e até ganhara cinco quilos.

Quando éramos pequenos — conta a mãe —, adoecíamos muitas vezes de malária. Vanga tratava-nos da seguinte maneira: colocava num prato de esmalte limpo um ovo fresco de galinha e deitava-lhe 200 gramas de vinagre de vinho; deixava o prato ao sol no pátio. No dia seguinte a casca do ovo dissolvia-se. Então Vanga mexia bem tudo e dava-nos a beber em jejum. A doença recuava.

Em caso de intoxicação por peixe, Vanga aconselha beber o mais depressa possível uma colher de sopa de mastika (aguardente de anis) misturada numa chávena de água. Uma vez intoxiquei-me gravemente. Sentia-me muito mal, pensei que ia morrer. Passei a noite inteira a vomitar, e de manhã perdi os sentidos. Ao saber do ocorrido, Vanga mandou-me beber mastika com água. Cinco minutos depois senti-me melhor, e em breve recuperei-me completamente.

Não sei como atuam as ervas medicinais nas pessoas e não me dedico à homeopatia, por isso termino aqui o meu relato sobre o tratamento com ervas praticado por Vanga. Poderia citar milhares de casos que confirmam as surpreendentes capacidades de Vanga. Descrevê-los é tarefa para especialistas, descrever e descobrir o grão racional na sua prática curativa.

Uma vez perguntei a Vanga o que deve fazer uma pessoa para conservar um dom tão precioso como a saúde; haverá receitas universais?

— Como? — pergunta ela. — Muito simples! Não tenho conselhos nem desejos especiais. Cada um de nós sabe o que não deve fazer.

Embora não diga nada de novo, repito as regras básicas. Antes de mais, não se deve comer em excesso. Os produtos hoje estão tão adulterados com substâncias químicas que se pode intoxicar com eles. Além disso, comer em demasia sobrecarrega todos os órgãos humanos. Provavelmente o Altíssimo ter-nos-ia dado dois estômagos se pudesse prever que comeríamos tanto.

Se me perguntassem o que semear nos campos, eu diria: o máximo possível de centeio. As pessoas devem comer mais pão de centeio para conservar a saúde. Hoje, mais do que nunca, o valor do centeio na alimentação é grande.

Deve-se beber mais chá de ervas. Reduzir o teor de gorduras na comida. Os que estão saudáveis devem diminuir gradualmente a quantidade de pratos de carne, e seria melhor abandonar a carne por completo. Pelo menos uma vez por semana deve-se comer centeio cozido e beber água pura. Isso dará ao homem forças para combater várias doenças.

Não fumem. O tabaco é um assassino lento, voluptuoso. Atua com certeza e mata friamente.

Deitem-se cedo — às 22 horas — e levantem-se cedo — às 5-6 horas. São precisamente essas horas que permitem ao corpo e ao cérebro descansar melhor, acalmar os nervos, aliviar a tensão muscular.

Façam da limpeza um culto. Não se deve tomar banho com água muito quente, é melhor usar sabão caseiro.

A ansiedade de Vanga transmitiu-se também a Liubka, e ambas não conseguiram dormir até de manhã.

A 8 de abril de 1941, tal como Vanga previra um ano antes, as tropas alemãs atravessaram a fronteira jugoslava. De madrugada, todos os habitantes de Strumitsa abandonaram as suas casas e esconderam-se: uns nos porões e nas arrecadações, outros na floresta, perto da cidade. Só Vanga e Liubka ficaram em casa. De repente, os vidros das janelas tilintaram e da rua ouviu-se o ronco de motores pesados. Tanques alemães entraram na cidade. Ouviram-se vozes estranhas e o tropel de botas — os alemães revistavam as casas, procuravam gado, aves, saqueavam. À porta de Vanga e Liubka apareceu um soldado. As duas irmãs, pálidas como a morte de medo, estavam no pátio vazio. Muitos dos vizinhos, preocupados com o destino das duas órfãs, reuniram-se junto à porta.

Quem chegou mais tarde juntou-se ao grupo. A cara de Vanga era irreconhecível. Em poucas horas transformara-se completamente. Estava de pé num canto do quarto, diante da lamparina acesa, e falava com voz alta, forte e segura (uma enorme tensão interior transparecia em cada palavra e em cada movimento). Os olhos cegos permaneciam os mesmos, mas o rosto estava tão mudado e inspirado que parecia irradiar uma luz intensa. Das suas palavras saía uma voz que não era a dela, uma voz estranha, que com espantosa precisão dizia nomes, lugares, acontecimentos.

Nessa altura, quase todos os homens da cidadezinha já tinham sido mobilizados ou levados para trabalhos forçados na Alemanha, e ela falava de cada um: se estava vivo, quando regressaria, o que lhe aconteceria. O espetáculo era tão impressionante que muitos sentiram vontade de cair de joelhos diante dela, como diante de uma santa. E aqueles a quem ela previra um regresso rápido regressaram realmente no prazo que indicara.

A fama de Vanga como vidente espalhou-se rapidamente por toda a cidade. Multidões começaram a acorrer à sua casa. Eis uma das suas primeiras predições.

A mulher do vizinho Milan Nartenov estava sentada no pátio de Vanga e chorava, pois há muito tempo não tinha notícias do marido. Chorava amargamente pelos seus quatro filhos, pois pensava que tinham ficado órfãos. Vanga olhou para ela e disse:

— Não chores, ocupa-te antes do jantar e prepara roupa para o teu marido, porque o teu Milan regressará a casa tarde da noite, só de roupa interior. Eu vejo-o. Está escondido num barranco perto da cidade.

A mulher pensou que Vanga dizia aquilo por pena, mas foi para casa. Preparou o jantar, tirou roupa do marido, esperou e esperou, e acabou por adormecer sem o ver. Perto da meia-noite, alguém bateu baixinho à janela; ao espreitar, a mulher quase desmaiou de emoção. No pátio estava o seu Milan, realmente só de roupa interior, com que fugira do cativeiro. Tinha passado tanta fome que comia tudo o que via, sem escolher, e só se admirava de a mulher o estar à espera, de saber que ele chegaria. «Ninguém podia saber disso, eu próprio não sabia se conseguiria regressar. Temia uma emboscada», repetia Milan sem parar.

Ainda no início da guerra, Vanga disse a uma velhinha vizinha, mãe de Hristo Pyrvanov, que o filho estava vivo, mas que regressaria só mais tarde. A noiva de Hristo não acreditou nessa predição tão vaga e casou-se com outro. Um ano depois, Hristo regressou vivo e saudável, e a primeira pessoa que viu foi a antiga noiva. De espanto, ela perdeu os sentidos. As crianças correram a contar a novidade à mãe de Hristo, cujo coração quase rebentou de alegria.

Estes dois casos foram muito discutidos não só na cidade, mas também nas aldeias vizinhas, o que, na verdade, foi o início da peregrinação de pessoas à casa de Vanga. Cada um queria saber sobre os seus entes queridos, e Vanga contava a todos. E passado algum tempo, o que previra cumpria-se.

Para ela, os problemas mais complicados da vida não tinham segredos; respondia a todos.

Vanga ficou famosa também como hábil curandeira das mais diversas doenças, curando principalmente com ervas medicinais. É interessante que os seus conhecimentos confundiam até os mais experientes homeopatas, pois recomendava aos doentes os remédios mais simples ou as ervas mais comuns, que, segundo os médicos, não tinham propriedades curativas. Mesmo assim, os seus tratamentos davam resultados surpreendentes e rápidos. Assim, curou uma mulher que sofria de perturbações mentais,

mandando aos familiares que colhessem a erva que crescia em abundância na água do riacho mais próximo e regassem a doente com a infusão dessa erva do rio. A mulher acalmou-se; hoje tem 80 anos, alegra-se com a vida e cuida dos netos.

Vanga dizia aos camponeses que a visitavam, com absoluta exatidão, o que os preocupava, e aconselhava como aliviar o seu sofrimento.

A um camponês que roubara um leitão a uma pobre viúva, Vanga contou publicamente toda essa história feia. O homem foi-se embora, atormentado pela vergonha, e no dia seguinte a viúva encontrou o leitão à porta de casa.

Claro que casos tão impressionantes foram muito comentados em Strumitsa. Ao profundo respeito com que os vizinhos agora tratavam Vanga, juntou-se também uma espécie de veneração. Em pouco tempo, conquistou uma enorme autoridade em toda a região. As pessoas consultavam-na sobre as mais variadas questões, e ela ajudava a resolver antigas e profundas desavenças. Muitos atribuíam-lhe poderes sobrenaturais, abraçavam-na em lágrimas, beijavam-lhe as mãos, chamavam-lhe «bíblica profetisa».

Todos concordavam que Vanga conquistara o amor e o respeito das pessoas; muitos viam nela a sua proteção e apoio. Esse respeito sincero acompanha-a até hoje. Convidam-na constantemente para ser madrinha de recém-nascidos, para estar presente em casamentos — e não só no distrito de Petrich, mas literalmente em todo o país. Convidam-na também para vários rituais familiares. As pessoas acreditam que a presença de Vanga na sua casa traz bênçãos e harmonia à família.

«A 8 de abril de 1942» — conta Liubka —, veio ter connosco a avó Tina, nossa antiga amiga, e disse que hoje nos visitaria um hóspede importante. Explicou apenas que em 1918 ele se hospedara em sua casa. Saiu e, passado algum tempo, regressou com um homem de estatura média, olhos azuis, bigode bem tratado, vestido com um uniforme cinzento e calças de montar. Perguntou a Vanga se ela poderia dedicar-lhe algum tempo. A avó Tina sussurrou-me: olha bem para ele, é o rei búlgaro Boris.

Fiquei admirada; nunca me passara pela cabeça que o nosso casebre pudesse ser visitado por um rei. E Vanga, levantando-se para o seu lugar habitual no canto do quarto, antes mesmo de o hóspede ter tempo de perguntar algo, começou a falar com voz severa: «O teu reino cresce,

estende-se amplamente, mas prepara-te para em breve teres de conter as tuas possessões dentro de uma casca de noz.» E repetiu: «Prepara-te.» Depois de um silêncio, acrescentou: «Lembra-te da data — 28 de agosto!»

O rei, sem perguntar nada, saiu muito perturbado. Morreu a 28 de agosto de 1943.

Após a sua morte, três mulheres de Sófia vieram ter connosco a Strumitsa. Vinha com elas outra mulher de Petrich. Explicaram que eram parentes do rei e pediram a Vanga que lhes dissesse o que esperava a família real. Ela respondeu: «Quando regressarem, amarrem uma fita vermelha sobre a cama real.» — «E não pode ser uma fita rosa ou branca?», perguntou uma delas. — «Não — respondeu Vanga —, só vermelha.» As mulheres foram-se embora e nunca mais voltaram. E a 9 de setembro de 1944, a bandeira vermelha da vitória foi hasteada sobre o antigo palácio real.

O HOMEM E A SUA SAÚDE ESPIRITUAL

Vanga considera que, antes de tudo, o homem deve cuidar da sua saúde espiritual. Eis o que ela diz sobre isso:

— Todo o ser vivo, toda a terra e o Universo inteiro estão submetidos a um único ritmo e ordem cósmica estritamente definidos. A violação dessa ordem, mesmo no grau mais insignificante, leva a grandes, por vezes fatais consequências, pelas quais a humanidade cedo ou tarde pagará um preço elevado. E já está a pagar.

— Bom, mas como avançar para essa ordem? — pergunto. — Sem violar a harmonia. — E como viver em sintonia com ela?

— A harmonia com a natureza que nos rodeia, com as pessoas, é alcançada pelo homem bom. A bondade é a principal qualidade do homem. O jardineiro vê que uma das árvores floresce bem, mas dá poucos frutos. O jardineiro não se deixa enganar pelas flores brilhantes; ele corta a árvore desnecessária. Mas as pessoas não têm direito a serem desnecessárias, a não trazerem benefício aos outros; cada pessoa, seja quem for, cumpre uma missão definida na terra.

A preservação da vida é a nossa principal obrigação. Cada vida deve ter a possibilidade de se desenvolver em nome de altos objetivos, dos quais ainda não sabemos nada. E, claro, não temos o direito de negligenciar essa

majestosa responsabilidade. Mas, dando rédea solta ao que há de mau em nós, tornamo-nos involuntariamente no caminho do vício, do mal; travamos o processo de aperfeiçoamento moral.

Quero ilustrar esta afirmação de Vanga sobre a essência do desenvolvimento harmonioso do homem com alguns exemplos.

… Um homem idoso, cansado, modestamente vestido, muda o peso de uma perna para a outra diante de Vanga. Superando a timidez, pergunta:

— Diz-me, irmã, o que hei de fazer? A minha velha morreu, fiquei completamente sozinho.

— Como sozinho? — admira-se Vanga. — Eu vejo os teus sete filhos.

— Sim — responde o velho —, tenho muitos filhos, mas eles têm as suas próprias preocupações, não têm tempo para o pai. Esqueceram-me completamente.

Vanga ficou em silêncio e depois disse:

— Irmão, para aqueles que os filhos esqueceram, o nosso país criou condições que permitem viver tranquilamente até à velhice profunda. O país também cuidará de ti. Sei que tens pela frente muitos anos de vida. Se me ouvires e deixares o Estado cuidar de ti, viverás muito e ainda melhor do que vives agora. Compreendo, és pai, e dói-te ouvir as minhas palavras, mas sabe que os teus filhos pagarão cruelmente pela negligência do dever filial. A indiferença pelo próximo, a surdez perante os seus gemidos não ficarão impunes na nossa vida. Não, não ficarão.

Uma vez uma mulher muito sofredora e desesperada perguntou a Vanga:

— Ensina-me o que fazer para trazer a filha de volta à família; ela desviou-se do caminho. Não nos respeita, a mim e ao pai, não quer voltar para casa.

Vanga respondeu-lhe:

— Trá-la a mim. Mas digo-te já que a culpa é tua. Tu própria estragaste a tua filha. Fazes tudo o que ela quer e exige, esforças-te por protegê-la de todo o trabalho pesado, pensas só em que ela esteja bem e confortável. E o que aconteceu? Entregaste-te a ela, e em troca não recebeste nada. Ah, minha querida, já está na hora de mudar as leis no nosso país: quando

julgarem crianças tão mimadas e desregradas — e muitas vezes elas acabam por cometer crimes —, é preciso ser muito severo com os pais. Talvez eles mereçam mais a prisão do que os filhos.

Uma vez — conta a minha mãe — pedi a Vanga que recebesse uma minha amiga que tinha algo que frequentemente não lhe corria bem. Mas Vanga respondeu com firmeza:

— Ela não está nada doente! É uma pessoa muito má! Pensa que o nosso pobre mundo deve girar só à volta dela e dos filhos. Que se lembre melhor em que barraca miserável cresceu! Agora tem tudo o que a sua ganância desmedida deseja, mas querer ter mais e mais carros, apartamentos, vai acabar por destruir a pobrezinha. Eis a doença que ela tem; contra uma doença dessas não há remédio no mundo!

Uma mulher perguntou a Vanga: conseguirá ter um apartamento em breve? Queixava-se de viver há anos com os filhos num quartinho pequeno, em condições de vida horríveis. E Vanga, batendo com o pé de indignação, respondeu:

— Que apartamento? Tens na consciência duas casas. Vejo-as, agora vivem lá outras pessoas. Tu própria vendeste e desperdiçaste as casas dos teus dois maridos. Então de que te queixas agora? Se dependesse de mim, nunca te daria casa; não o mereces.

Mais uma coisa bastante interessante.

Uma vez vieram ter com Vanga um casal idoso de uma pequena aldeia de Pleven para pedir conselho sobre os seus sofrimentos e doenças. E de repente Vanga, dirigindo-se ao velho, perguntou:

— E tu não te esqueceste da corda?

O velho não entendeu do que se tratava, mas a esposa dele lembrou-se imediatamente daquela maldita corda e contou o seguinte...

Quando ambos eram jovens e saudáveis, cultivavam um grande quintal. Plantavam e vendiam melancias e ganhavam bom dinheiro. Uma vez, enquanto o marido dela seguia de carroça cheia de melancias para o mercado, um menino aproximou-se por trás e roubou uma melancia. O dono ficou furioso e, agarrando uma corda que encontrou à mão, bateu cruelmente no menino. A esposa teve dificuldade em arrancar o rapaz das mãos do marido enfurecido.

— É por causa da tua crueldade que agora estás a pagar — disse Vanga. — Quanto terias ganhado com aquela melancia?

Não há, provavelmente, problemas da vida quotidiana com que as pessoas não viessem à casa de Vanga. Gosto muito do que disse um dos seus admiradores:

— Ela pode não te prever nada, mas vale a pena ir ter com ela só para pedir um conselho. Afinal, ela lê no livro da vida.

Demorei muito tempo a decidir-me a fazer à tia uma pergunta que me atormentava. Tentava abordá-la de várias formas, até que a própria Vanga se virou para mim:

— Estás como uma galinha que chocou o primeiro pintainho: quer levá-lo ao galinheiro, mas tem medo. Fala, o que te preocupa?

— Diz-me, tia, o que é o homem?

Vanga riu-se e respondeu:

— Na própria pergunta já está a resposta: um ser cheio de vaidade que observa constantemente, investiga, procura e encontra não aquilo que procura. Desculpa, é uma brincadeira. Se falarmos a sério, o homem, como parte do imenso Universo, é nada. Uma partícula insignificante na infinitude. Mas há uma centelha divina no homem. Por isso, muitas vezes o homem supera-se a si mesmo: procura incansavelmente, investiga os mistérios da existência, faz descobertas nunca vistas, arrisca-se mortalmente.

O seu olhar decidido está voltado para o céu, não o assustam os espaços cósmicos, ele viu e contou as estrelas. Dentro de 200 anos o homem estabelecerá contactos com irmãos em razão de outros mundos. Os nossos vizinhos húngaros construirão um aparelho com o qual os primeiros captarão sinais do cosmos. Mas os verdadeiros conhecimentos sobre o cosmos devem ser procurados nos livros sagrados antigos.

— E antes disso?

— O mundo passará por muitos cataclismos, fortes abalos. A própria consciência das pessoas mudará. Chegarão tempos difíceis. As pessoas dividir-se-ão segundo o sinal da fé. Regressará a elas o ensino mais antigo — o sábio. Perguntam-me: «Quando chegará esse tempo?» Não será em breve! Ainda a Síria não caiu! (A conversa foi gravada em maio de 1979 e, matem-me, não sei que sentido mágico está contido nas últimas quatro palavras.)

A minha mãe conta:

— Muitas vezes chego a Vanga de manhã cedo, quando ela ainda não começou a receber visitantes. Frequentemente encontro-a muito cansada. Pergunto-lhe porque não dormiu, e normalmente ouço em resposta: «Não consigo dormir porque de noite estive nos pontos mais quentes da Terra, vi cenas terríveis de guerra e de desastres populares. Gostaria de dormir um pouco agora, mas não consigo, pois já me estão a esperar pessoas.»

— Depois da grande inundação em Skopje — conta a mãe —, fomos com Vanga a Strumitsa, visitar o nosso antigo amigo Pande Ashkanov. Ele estava muito abatido, pois a inundação destruíra completamente a sua casa em Skopje. Pande perguntou de passagem a Vanga se valia a pena reparar a casa ou se era melhor juntar dinheiro para construir uma nova. E Vanga respondeu: «Que nova casa! Foge de Skopje, porque em breve acontecerá ali algo muito mais grave do que uma simples cheia do rio. Fica aqui, em Strumitsa.»

Uma semana depois, um terramoto terrível destruiu Skopje por completo; muitas pessoas morreram e ficaram gravemente feridas.

Quero dizer que no início de 1968 Vanga caiu várias vezes em transe e repetia sempre: «Lembrem-se de Praga! Lembrem-se de Praga! As nuvens acumulam-se sobre a cidade e das nuvens troveja uma voz: "Guerra!" Praga em breve se transformará num aquário onde os loucos começarão a pescar peixes! Sim, sim, exatamente assim.»

Não escondo que era simplesmente assustador ouvir e escutar. Há muitas testemunhas que, como eu, ouviram Vanga naquela altura; todas podem confirmar.

Em breve, todo o mundo foi testemunha dos trágicos acontecimentos na Checoslováquia. Mas o que Vanga queria dizer ao repetir que Praga se transformaria num aquário onde se pescariam peixes, ninguém, segundo me parece, compreendeu até hoje. Normalmente, Vanga não explica nem interpreta o que diz, especialmente quando se trata de grandes acontecimentos fatais. Dela pode-se ouvir que ela própria não compreende muito bem o que diz. A sua tarefa é transmitir o que ouviu. Como e de quem ouviu — é sempre a mesma pergunta.

Vanga evita falar de política, e tem razões para isso, pois as suas palavras podem ser interpretadas das formas mais diversas. Mas às vezes,

embora muito pouco, fala também sobre esses temas. Acho que uma conversa bastante interessante teve lugar com o jornalista libanês Abdel Amir Abdala há alguns anos. Numa revista política semanal «Al Kitab al Arabi» o jornalista partilhou as suas impressões com os leitores. A sua narrativa foi traduzida para búlgaro e publicada na revista «Bulgaria d'Oji», no segundo número de 1982. Penso que nem todos os interessados em Vanga conseguiram lê-lo, por isso permito-me citar alguns excertos.

«A sala de Vanga é como milhares de outras. No centro há uma estufa elétrica. Vanga estava sentada num sofá coberto com um tapete de fitas azuis e cor de laranja. Enquanto falava com ela, esforçava-me por concentrar as minhas forças espirituais nos meus pensamentos, para não cair sob a influência desta mulher. Tirei os óculos e olhei para os rostos das outras três mulheres sentadas num canto da sala. Tudo ficou gravado com clareza na minha consciência. Reinava o silêncio. Era irradiado pelo rosto de Vanga. Ela ergueu a cabeça e disse com voz forte e segura:

— Jornalista libanês, aproxima-te e senta-te aqui. Que o motorista saia.

Foi o primeiro sinal que me revelou a força de Vanga. Como adivinhou que o motorista estava na sala?

— Dá-me um pedaço de açúcar, jornalista libanês.

Tirei do bolso um pedaço de açúcar e coloquei-o na mesa para ver como ela o pegaria. Sem qualquer esforço, estendeu a mão e pegou no pedaço de açúcar. Começou a palpá-lo. A sua mão era muito segura.

Voltou-se para mim e pareceu-me que olhou diretamente para a minha alma. Vanga disse:

— Tens uns óculos que usas nas reuniões e circunstâncias mais importantes. Porque os tiraste agora?

Foi o segundo golpe que Vanga desferiu na minha desconfiança em relação ao poder da sua visão interior.

— Ouve — disse ela —, os teus pais estão vivos, vivem no Líbano. Neste momento a tua mãe está em casa, o teu pai não está. Talvez esteja a trabalhar no campo. Tu vives na cidade e és jornalista há doze anos. Escreves sobre os problemas do vosso serviço, mas às vezes também sobre política. Mas o teu contributo nessa área é pequeno, pois escreves sobre política raramente. Os anos 1982-1983 trar-te-ão grandes sucessos no trabalho. Com o

tempo terás sete filhos, e quando chegares aos quarenta e dois anos serás testemunha de uma grande guerra, mas não te direi quem a começará.

Nas palavras nem sempre muito coerentes ouvia-se ora admiração, ora notas de ferro de ordem.

— És muçulmano. Observa rigorosamente as festas do calendário muçulmano. Tendes um grande texto sagrado — o Alcorão. Tens de o ler atentamente. Especialmente os capítulos do nono ao décimo segundo.

Após um breve silêncio, Vanga continuou:

— Em 1984 começará uma grande guerra na Síria, pois os seus assuntos internacionais complicar-se-ão. Já estiveste em Jerusalém? Agora vejo Bagdade. Que cidade é Bagdade? Em breve irás para lá.

Ela continuou a falar, sem me dar oportunidade de fazer perguntas:

— O Líbano terá problemas a norte e a sul, a leste e a oeste. Vejo o Nilo. O enorme rio Nilo. Estarás nas suas margens. Tens muitos caminhos à tua frente.

E depois de uma pausa:

— Ouve, jornalista, deves respeitar a tua mãe, ela espera grandes feitos de ti.

Nova pausa e fala pausada:

— O Líbano está cercado de fogos. Vejo muitas chamas vermelhas e muita água. Mas no vosso país não há nem haverá petróleo.

— Quem foi o vosso profeta? Aquele que pregava com igual humildade aos ricos e aos pobres e via ao mesmo tempo três planetas? Agora a sua alma entra na sala. Quem é Elias Sarkis? É o vosso presidente, cristão, solteiro, de origem árabe. É um bom político. Mas agora há demasiados militares no Líbano. No futuro a sua posição mudará para melhor.

Vanga ficou em silêncio e acrescentou:

— Ouço que agora há guerra em Beirute. O fogo ora se apaga, ora volta a arder. Aprovas esta guerra?

Respondi:

— Não, não aprovo.

A senhora Vanga disse-me tudo isto a 2 de dezembro de 1981, às 8 horas e 45 minutos da manhã.

Ao regressar ao Líbano, encontrei no arquivo materiais que contavam que exatamente nesse dia, na parte ocidental de Beirute, ocorreram confrontos entre duas organizações armadas.

Sei que normalmente Vanga não aborda temas políticos. Muitos mo repetiram. Mas porque falou comigo sobre política? Talvez porque me preocupava muito a situação política e o destino do meu país? Antes do encontro com Vanga pensei muito nisso, e os meus pensamentos secretos talvez tenham ficado de algum modo impressos no pedaço de açúcar que levei. E Vanga, através da química das sensações, soube dos meus pensamentos e tentou dar respostas nas suas profecias às perguntas que me atormentavam.

Ao regressar a Sófia, pensei muito tempo nesta mulher cujo dom é reconhecido pelo Estado. Decidi não publicar o que dizia respeito a mim pessoalmente, nem o que dizia diretamente respeito aos interesses dos meus compatriotas e da minha pátria — o Líbano.

Porquê? Porque, se o que Vanga disse se confirmar, será horrível. Gostaria de acreditar: foram só palavras.»

Em 1978 veio visitá-la um alto responsável da Nicarágua. Falando da situação política do seu país, o hóspede expressou a esperança de que a situação, pelo menos em parte, se normalizasse. Vanga respondeu-lhe:

— Não, ainda correrá muito sangue. Rios de sangue correrão! Vocês nem imaginam o que vos espera.

Numa tarde de 21 de dezembro de 1980. Estamos sentados diante da lareira ao lado de Vanga e olhamos para as brasas que mal se veem na lareira. Há uma velha crença: pelo modo como a lenha arde e pelo calor que dá, pode-se prever como será o ano que se aproxima. Olhamos para a chama que por vezes tremula e ficamos em silêncio. A «mais velha» da nossa família — Vanga — e nós pedimos-lhe que diga se o ano que se aproxima será feliz. Ela, claro, não vê o fogo na lareira, mas graças às suas surpreendentes capacidades «lê» facilmente as letras de fogo. Ela diz:

— Em 1981 o nosso planeta estará sob estrelas muito más, mas daqui a um ano novos «espíritos» o visitarão. Trarão calma e esperança. O ano de

1981 não dará nada às pessoas, mas tomará muito de nós, de todos nós. O ano de 1981 será tão mau como o seguinte. Muitas cidades e aldeias serão destruídas por terramotos e inundações, os cataclismos naturais começarão literalmente a rasgar a terra, o mau dominará sobre o bom, e para ladrões, bêbados, delatores e libertinos haverá vida à solta. Entre as pessoas surgirão frequentemente ligações passageiras e duvidosas, que nascerão e se desfazerão logo no início. Os verdadeiros sentimentos serão muito desvalorizados, e só a paixão falsa, ou melhor, as ambições e o egoísmo determinarão as relações entre as pessoas.

E o ano de 1982 brilhará com nova luz de bem e esperança. Uma luz intensa brilhará em Jerusalém. Virão pessoas não com cultura, mas com conhecimentos. A palavra surpreendente «Volga» brilhará na sua infinita grandeza sobre todo o planeta.

O ano de 1981 trará desgraça a muita gente. Importantes dirigentes sairão dos seus cargos. O ano de 1982 será favorável aos homens da cultura, mas chegará o dia em que as pessoas que trabalham nessa área serão «limpas», como se limpa o trigo do feijão.

O ano de 1982 trará muitas novas sensações fortes e muita bondade. Este ano entrará em vigor a partir de 22 de março. Seguirá o seu curso, como ano de jejuns, reinados e força. Repito, começará na primavera, quando as aves regressam do sul.

Devem esperar-se mudanças sérias; chegarão ao poder novas pessoas, muitos cargos serão ocupados por mulheres, mas esse trabalho não será a sua vocação.

Chegarão também novos ditadores, e os antigos irão para a reforma — de medo irão. Muitos serão varridos como com uma vassoura até ao verão-outono de 1983. Esperem mudanças, grandes mudanças para melhor...

Se perguntarem a Vanga com que pessoas ela mais gosta de conversar, ela responderá:

— Para mim todos os homens são iguais.

Gosta de reforçar esta afirmação com uma antiga parábola:

— Um dia o Senhor Deus ordenou que abrissem todos os túmulos e enviou um anjo para ver o que havia lá. Quando o anjo regressou, Deus perguntou-lhe: «Diz, o que viste? Compreendeste quem é guerreiro, quem é

simples mortal, quem é juiz?» — «Não, Senhor — respondeu o anjo —, vi apenas ossos brancos debaixo da terra.»

Perguntam frequentemente a Vanga: «Não te cansam todas estas pessoas que vêm todos os dias ter contigo?»

— Não — responde ela —, cansam-me apenas as velhas surdas. Repetes-lhes cem vezes, vão-se embora, e pouco depois voltam e pedem: «Repete, não ouvi.» Significa que na centésima primeira vez tens de gritar nos ouvidos surdos, até a boca secar. Aliás, as velhas surdas não são um problema. Não suporto as devassas. Vêm ter comigo, perguntam se encontrarão novos amantes. Eu respondo-lhes: «Fica em casa e aguenta o teu marido.» — «Não quero viver com ele, com esse odioso. Também tenho direito à felicidade!» O que elas entendem por palavra «felicidade» — nem sequer consigo compreender.

Provavelmente, por «felicidade» as pessoas entendem uma situação em que tudo lhes corre bem e não têm problemas. Mas isso não existe! Não há pessoa nascida só para a felicidade. Um é excelente trabalhador, mas infeliz na família; o vizinho tem isto e aquilo, mas não tem saúde; o terceiro tem saúde, mas os filhos adoecem. Em cada homem convivem o bem e o mal — assim está feito o mundo. Acho que a felicidade do homem é ter paciência ilimitada. Perguntam-me: «Porque existe o mal, não se pode passar sem ele?» De facto, porque? Porque a terra espera de nós gratidão por termos vindo ao mundo de Deus e estarmos vivos e de saúde.

À terra temos de pagar «impostos», como pagamos quando alugamos uma casa. Até pelas casas do Estado pagamos dinheiro. Nem sequer há pergunta. Estou convencida das minhas palavras. Durante muitos anos amadureci as minhas convicções.

Com um sorriso sonhador nos lábios, Vanga fala do mais secreto:

— As melhores pessoas vivem alto nas montanhas. O marido leva as ovelhas para o pasto e canta. A mulher pega na roca e começa a fiar; também enquanto trabalha canta. A esposa ama o marido, ele ama-a. Criam os filhos, alegram-se com eles, alegram-se com o sol e a chuva. E nas grandes cidades passa-se algo terrível. Vejo como as pessoas se afundam na lama do quotidiano. Passam diante de mim, e cada um tem uma placa no peito onde está escrito: «Sou ladrão», «Sou hipócrita», «Sou mentiroso», «Sou vil», «Sou traidor». Que imundície há, que vícios não existem nas pessoas! E isso já está

a acontecer, por isso agora muitas pessoas regressam às aldeias, ao ar puro e à pureza dos costumes.

VISITA A VANGA

Vamos tentar separar o fenómeno Vanga da sua personalidade e ver que pessoa ela é. Não esqueçamos que ela é uma de nós, embora dotada de capacidades surpreendentes acima do comum. Vou contar como se desenrola um dia da vida da minha tia.

De manhã cedo, já às 5 horas, Vanga está de pé, embora ela própria admita:

— De noite só o meu corpo descansa, os pensamentos vagueiam por aí. Vejo tantas coisas. No silêncio da noite vejo e ouço especialmente bem como tocam os sinos celestes, marcando cada hora. Tudo o que vive se submete a esse ritmo.

— Como pensas — dirige-se ela a mim —, como é que os galos sabem que horas são para cantar, como sabem as aves quando começar as suas canções, e as flores quando abrir os botões para receber o novo dia? Elas submetem-se àquele ritmo, àquela voz que aos homens não é dado ouvir.

A primeira tarefa da manhã é a limpeza; a limpeza é para ela um verdadeiro culto. Quem já esteve em sua casa em Petrich sabe que tudo está no seu lugar e brilha de limpeza. Alguém pode pensar que aqui há uma espécie de mania, mas Vanga dá outra explicação:

— Todos os dias vem muita gente ter comigo. As pessoas saem daqui purificadas, e as suas doenças, preocupações, más intenções, recordações pesadas, ofensas e dores ficam aqui, na minha casa. Tenho de admitir que é muito pesado para os meus ombros esse fardo diário. Por isso começo a limpar e arrumar a minha casa, não tanto para a limpeza do quarto, mas para aliviar a alma. Só uma alma pura pode entrar em contacto com outra alma.

Vanga nunca se apressa para a mesa da cozinha. Come muito pouco, como uma criança pequena, e dispensa completamente o pequeno-almoço.

No verão encontra sempre tempo para as flores do jardim. Se a limpeza é um culto, as flores são o melhor símbolo de tudo o que é puro e fresco. Depois chega o carro ligeiro atribuído a Vanga pelo conselho municipal, e

Vanga parte para Rupite, a 11 quilómetros da cidade. Ali, na pequena casa com um grande jardim cheio de flores, Vanga recebe os visitantes.

— Uma vez — conta ela — vesti uma blusa vermelha recém-comprada para que as pessoas se alegrassem com a minha roupa nova. Mas de repente ouvi uma voz que disse: «Não te deixes seduzir pela tua roupa!» Tirei a blusa, guardei-a no armário. E nunca mais a tirei.

Vanga recebe frequentemente presentes dos seus visitantes. Guarda só aqueles que lhe são caros como recordação de uma pessoa. O resto distribui. Avalia os objetos não pelo seu custo real, mas pela beleza, pelo trabalho neles investido. Vanga diz-nos frequentemente:

— Não esperem ser favorecidos pelo meu prestígio, pelo meu nome e pelas minhas capacidades. Elas amadureceram no campo doloroso do sofrimento humano. Venham ter comigo como vêm verdadeiros amigos, por mim própria. A cada um responderei com uma palavra calorosa e carinhosa. O que mais alegra a minha alma são as relações humanas sinceras. Todos os dias vêm pessoas estranhas e pedem algo, e raramente alguém pergunta o que eu preciso, do que sofre a minha alma, do que sonho, como me sinto. Mas, claro, isso não é uma desgraça. Fico mal quando vem uma pessoa com intenções e objetivos interesseiros, cujo coração não é puro. Tenho pena de tais pessoas; o seu destino é a inveja constante, a frieza, doenças atormentadoras.

Por volta das 9 horas da manhã Vanga sai para a sala destinada aos seus visitantes e começa as suas sessões. Recebe as pessoas mais variadas. A cada visitante dedica um tempo determinado, pois considera que todos precisam, de forma diferente, das suas palavras e do contacto com ela. A maioria dos seus hóspedes vai-se embora com um sentimento de satisfação. Para aqueles poucos que deixam a sua casa não totalmente confiantes, queremos lembrar que devem prestar atenção até às palavras mais insignificantes de Vanga, pois ela nunca diz nada em vão.

O velho não entendeu do que se tratava, mas a esposa dele lembrou-se imediatamente daquela maldita corda e contou o seguinte...

Quando ambos eram jovens e saudáveis, cultivavam um grande quintal. Plantavam e vendiam melancias e ganhavam bom dinheiro. Uma vez, enquanto o marido dela seguia de carroça cheia de melancias para o mercado, um menino aproximou-se por trás e roubou uma melancia. O dono

ficou furioso e, agarrando uma corda que encontrou à mão, bateu cruelmente no menino. A esposa teve dificuldade em arrancar o rapaz das mãos do marido enfurecido.

— É por causa da tua crueldade que agora estás a pagar — disse Vanga. — Quanto terias ganhado com aquela melancia?

Não há, provavelmente, problemas da vida quotidiana com que as pessoas não viessem à casa de Vanga. Gosto muito do que disse um dos seus admiradores:

— Ela pode não te prever nada, mas vale a pena ir ter com ela só para pedir um conselho. Afinal, ela lê no livro da vida.

Demorei muito tempo a decidir-me a fazer à tia uma pergunta que me atormentava. Tentava abordá-la de várias formas, até que a própria Vanga se virou para mim:

— Estás como uma galinha que chocou o primeiro pintainho: quer levá-lo ao galinheiro, mas tem medo. Fala, o que te preocupa?

— Diz-me, tia, o que é o homem?

Vanga riu-se e respondeu:

— Na própria pergunta já está a resposta: um ser cheio de vaidade que observa constantemente, investiga, procura e encontra não aquilo que procura. Desculpa, é uma brincadeira. Se falarmos a sério, o homem, como parte do imenso Universo, é nada. Uma partícula insignificante na infinitude. Mas há uma centelha divina no homem. Por isso, muitas vezes o homem supera-se a si mesmo: procura incansavelmente, investiga os mistérios da existência, faz descobertas nunca vistas, arrisca-se mortalmente. O seu olhar decidido está voltado para o céu, não o assustam os espaços cósmicos, ele viu e contou as estrelas.

Dentro de 200 anos o homem estabelecerá contactos com irmãos em razão de outros mundos. Os nossos vizinhos húngaros construirão um aparelho com o qual os primeiros captarão sinais do cosmos. Mas os verdadeiros conhecimentos sobre o cosmos devem ser procurados nos livros sagrados antigos.

— E antes disso?

— O mundo passará por muitos cataclismos, fortes abalos. A própria consciência das pessoas mudará. Chegarão tempos difíceis. As pessoas dividir-se-ão segundo o sinal da fé. Regressará a elas o ensino mais antigo — o sábio. Perguntam-me: «Quando chegará esse tempo?» Não será em breve! Ainda a Síria não caiu! (A conversa foi gravada em maio de 1979 e, matem-me, não sei que sentido mágico está contido nas últimas quatro palavras.)

A minha mãe conta:

— Muitas vezes chego a Vanga de manhã cedo, quando ela ainda não começou a receber visitantes. Frequentemente encontro-a muito cansada. Pergunto-lhe porque não dormiu, e normalmente ouço em resposta: «Não consigo dormir porque de noite estive nos pontos mais quentes da Terra, vi cenas terríveis de guerra e de desastres populares. Gostaria de dormir um pouco agora, mas não consigo, pois já me estão a esperar pessoas.»

— Depois da grande inundação em Skopje — conta a mãe —, fomos com Vanga a Strumitsa, visitar o nosso antigo amigo Pande Ashkanov. Ele estava muito abatido, pois a inundação destruíra completamente a sua casa em Skopje. Pande perguntou de passagem a Vanga se valia a pena reparar a casa ou se era melhor juntar dinheiro para construir uma nova. E Vanga respondeu: «Que nova casa! Foge de Skopje, porque em breve acontecerá ali algo muito mais grave do que uma simples cheia do rio. Fica aqui, em Strumitsa.»

Uma semana depois, um terramoto terrível destruiu Skopje por completo; muitas pessoas morreram e ficaram gravemente feridas.

Quero dizer que no início de 1968 Vanga caiu várias vezes em transe e repetia sempre: «Lembrem-se de Praga! Lembrem-se de Praga! As nuvens acumulam-se sobre a cidade e das nuvens troveja uma voz: "Guerra!" Praga em breve se transformará num aquário onde os loucos começarão a pescar peixes! Sim, sim, exatamente assim.»

Não escondo que era simplesmente assustador ouvir e escutar. Há muitas testemunhas que, como eu, ouviram Vanga naquela altura; todas podem confirmar.

Em breve, todo o mundo foi testemunha dos trágicos acontecimentos na Checoslováquia. Mas o que Vanga queria dizer ao repetir que Praga se transformaria num aquário onde se pescariam peixes, ninguém, segundo me parece, compreendeu até hoje. Normalmente, Vanga não explica nem

interpreta o que diz, especialmente quando se trata de grandes acontecimentos fatais. Dela pode-se ouvir que ela própria não compreende muito bem o que diz. A sua tarefa é transmitir o que ouviu. Como e de quem ouviu — é sempre a mesma pergunta.

Vanga evita falar de política, e tem razões para isso, pois as suas palavras podem ser interpretadas das formas mais diversas. Mas às vezes, embora muito pouco, fala também sobre esses temas. Acho que uma conversa bastante interessante teve lugar com o jornalista libanês Abdel Amir Abdala há alguns anos. Numa revista política semanal «Al Kitab al Arabi» o jornalista partilhou as suas impressões com os leitores. A sua narrativa foi traduzida para búlgaro e publicada na revista «Bulgaria d'Oji», no segundo número de 1982. Penso que nem todos os interessados em Vanga conseguiram lê-lo, por isso permito-me citar alguns excertos.

«A sala de Vanga é como milhares de outras. No centro há uma estufa elétrica. Vanga estava sentada num sofá coberto com um tapete de fitas azuis e cor de laranja. Enquanto falava com ela, esforçava-me por concentrar as minhas forças espirituais nos meus pensamentos, para não cair sob a influência desta mulher. Tirei os óculos e olhei para os rostos das outras três mulheres sentadas num canto da sala. Tudo ficou gravado com clareza na minha consciência. Reinava o silêncio. Era irradiado pelo rosto de Vanga. Ela ergueu a cabeça e disse com voz forte e segura:

— Jornalista libanês, aproxima-te e senta-te aqui. Que o motorista saia.

Foi o primeiro sinal que me revelou a força de Vanga. Como adivinhou que o motorista estava na sala?

— Dá-me um pedaço de açúcar, jornalista libanês.

Tirei do bolso um pedaço de açúcar e coloquei-o na mesa para ver como ela o pegaria. Sem qualquer esforço, estendeu a mão e pegou no pedaço de açúcar. Começou a palpá-lo. A sua mão era muito segura.

Voltou-se para mim e pareceu-me que olhou diretamente para a minha alma. Vanga disse:

— Tens uns óculos que usas nas reuniões e circunstâncias mais importantes. Porque os tiraste agora?

Foi o segundo golpe que Vanga desferiu na minha desconfiança em relação ao poder da sua visão interior.

— Ouve — disse ela —, os teus pais estão vivos, vivem no Líbano. Neste momento a tua mãe está em casa, o teu pai não está. Talvez esteja a trabalhar no campo. Tu vives na cidade e és jornalista há doze anos. Escreves sobre os problemas do vosso serviço, mas às vezes também sobre política. Mas o teu contributo nessa área é pequeno, pois escreves sobre política raramente. Os anos 1982-1983 trar-te-ão grandes sucessos no trabalho. Com o tempo terás sete filhos, e quando chegares aos quarenta e dois anos serás testemunha de uma grande guerra, mas não te direi quem a começará.

Nas palavras nem sempre muito coerentes ouvia-se ora admiração, ora notas de ferro de ordem.

— És muçulmano. Observa rigorosamente as festas do calendário muçulmano. Tendes um grande texto sagrado — o Alcorão. Tens de o ler atentamente. Especialmente os capítulos do nono ao décimo segundo.

Após um breve silêncio, Vanga continuou:

— Em 1984 começará uma grande guerra na Síria, pois os seus assuntos internacionais complicar-se-ão. Já estiveste em Jerusalém? Agora vejo Bagdade. Que cidade é Bagdade? Em breve irás para lá.

Ela continuou a falar, sem me dar oportunidade de fazer perguntas:

— O Líbano terá problemas a norte e a sul, a leste e a oeste. Vejo o Nilo. O enorme rio Nilo. Estarás nas suas margens. Tens muitos caminhos à tua frente.

E depois de uma pausa:

— Ouve, jornalista, deves respeitar a tua mãe, ela espera grandes feitos de ti.

Nova pausa e fala pausada:

— O Líbano está cercado de fogos. Vejo muitas chamas vermelhas e muita água. Mas no vosso país não há nem haverá petróleo.

— Quem foi o vosso profeta? Aquele que pregava com igual humildade aos ricos e aos pobres e via ao mesmo tempo três planetas? Agora a sua alma entra na sala. Quem é Elias Sarkis? É o vosso presidente, cristão, solteiro, de origem árabe. É um bom político. Mas agora há demasiados militares no Líbano. No futuro a sua posição mudará para melhor.

Vanga ficou em silêncio e acrescentou:

— Ouço que agora há guerra em Beirute. O fogo ora se apaga, ora volta a arder. Aprovas esta guerra?

Respondi:

— Não, não aprovo.

A senhora Vanga disse-me tudo isto a 2 de dezembro de 1981, às 8 horas e 45 minutos da manhã.

Ao regressar ao Líbano, encontrei no arquivo materiais que contavam que exatamente nesse dia, na parte ocidental de Beirute, ocorreram confrontos entre duas organizações armadas.

Sei que normalmente Vanga não aborda temas políticos. Muitos mo repetiram. Mas porque falou comigo sobre política? Talvez porque me preocupava muito a situação política e o destino do meu país? Antes do encontro com Vanga pensei muito nisso, e os meus pensamentos secretos talvez tenham ficado de algum modo impressos no pedaço de açúcar que levei. E Vanga, através da química das sensações, soube dos meus pensamentos e tentou dar respostas nas suas profecias às perguntas que me atormentavam.

Ao regressar a Sófia, pensei muito tempo nesta mulher cujo dom é reconhecido pelo Estado. Decidi não publicar o que dizia respeito a mim pessoalmente, nem o que dizia diretamente respeito aos interesses dos meus compatriotas e da minha pátria — o Líbano.

Porquê? Porque, se o que Vanga disse se confirmar, será horrível. Gostaria de acreditar: foram só palavras.»

Em 1978 veio visitá-la um alto responsável da Nicarágua. Falando da situação política do seu país, o hóspede expressou a esperança de que a situação, pelo menos em parte, se normalizasse. Vanga respondeu-lhe:

— Não, ainda correrá muito sangue. Rios de sangue correrão! Vocês nem imaginam o que vos espera.

Numa tarde de 21 de dezembro de 1980. Estamos sentados diante da lareira ao lado de Vanga e olhamos para as brasas que mal se veem na lareira. Há uma velha crença: pelo modo como a lenha arde e pelo calor que dá, pode-se prever como será o ano que se aproxima. Olhamos para a chama que por vezes tremula e ficamos em silêncio. A «mais velha» da nossa família — Vanga — e nós pedimos-lhe que diga se o ano que se aproxima será feliz. Ela,

claro, não vê o fogo na lareira, mas graças às suas surpreendentes capacidades «lê» facilmente as letras de fogo. Ela diz:

— Em 1981 o nosso planeta estará sob estrelas muito más, mas daqui a um ano novos «espíritos» o visitarão. Trarão calma e esperança. O ano de 1981 não dará nada às pessoas, mas tomará muito de nós, de todos nós. O ano de 1981 será tão mau como o seguinte. Muitas cidades e aldeias serão destruídas por terramotos e inundações, os cataclismos naturais começarão literalmente a rasgar a terra, o mau dominará sobre o bom, e para ladrões, bêbados, delatores e libertinos haverá vida à solta. Entre as pessoas surgirão frequentemente ligações passageiras e duvidosas, que nascerão e se desfazerão logo no início. Os verdadeiros sentimentos serão muito desvalorizados, e só a paixão falsa, ou melhor, as ambições e o egoísmo determinarão as relações entre as pessoas.

E o ano de 1982 brilhará com nova luz de bem e esperança. Uma luz intensa brilhará em Jerusalém. Virão pessoas não com cultura, mas com conhecimentos. A palavra surpreendente «Volga» brilhará na sua infinita grandeza sobre todo o planeta.

O ano de 1981 trará desgraça a muita gente. Importantes dirigentes sairão dos seus cargos. O ano de 1982 será favorável aos homens da cultura, mas chegará o dia em que as pessoas que trabalham nessa área serão «limpas», como se limpa o trigo do feijão.

O ano de 1982 trará muitas novas sensações fortes e muita bondade. Este ano entrará em vigor a partir de 22 de março. Seguirá o seu curso, como ano de jejuns, reinados e força. Repito, começará na primavera, quando as aves regressam do sul.

Devem esperar-se mudanças sérias; chegarão ao poder novas pessoas, muitos cargos serão ocupados por mulheres, mas esse trabalho não será a sua vocação.

Chegarão também novos ditadores, e os antigos irão para a reforma — de medo irão. Muitos serão varridos como com uma vassoura até ao verão-outono de 1983. Esperem mudanças, grandes mudanças para melhor...

Se perguntarem a Vanga com que pessoas ela mais gosta de conversar, ela responderá:

— Para mim todos os homens são iguais.

Gosta de reforçar esta afirmação com uma antiga parábola:

— Um dia o Senhor Deus ordenou que abrissem todos os túmulos e enviou um anjo para ver o que havia lá. Quando o anjo regressou, Deus perguntou-lhe: «Diz, o que viste? Compreendeste quem é guerreiro, quem é simples mortal, quem é juiz?» — «Não, Senhor — respondeu o anjo —, vi apenas ossos brancos debaixo da terra.»

Perguntam frequentemente a Vanga: «Não te cansam todas estas pessoas que vêm todos os dias ter contigo?»

— Não — responde ela —, cansam-me apenas as velhas surdas. Repetes-lhes cem vezes, vão-se embora, e pouco depois voltam e pedem: «Repete, não ouvi.» Significa que na centésima primeira vez tens de gritar nos ouvidos surdos, até a boca secar. Aliás, as velhas surdas não são um problema. Não suporto as devassas. Vêm ter comigo, perguntam se encontrarão novos amantes. Eu respondo-lhes: «Fica em casa e aguenta o teu marido.» — «Não quero viver com ele, com esse odioso. Também tenho direito à felicidade!»

O que elas entendem por palavra «felicidade» — nem sequer consigo compreender. Provavelmente, por «felicidade» as pessoas entendem uma situação em que tudo lhes corre bem e não têm problemas. Mas isso não existe! Não há pessoa nascida só para a felicidade. Um é excelente trabalhador, mas infeliz na família; o vizinho tem isto e aquilo, mas não tem saúde; o terceiro tem saúde, mas os filhos adoecem.

Em cada homem convivem o bem e o mal — assim está feito o mundo. Acho que a felicidade do homem é ter paciência ilimitada. Perguntam-me: «Porque existe o mal, não se pode passar sem ele?» De facto, porque? Porque a terra espera de nós gratidão por termos vindo ao mundo de Deus e estarmos vivos e de saúde. À terra temos de pagar «impostos», como pagamos quando alugamos uma casa. Até pelas casas do Estado pagamos dinheiro. Nem sequer há pergunta. Estou convencida das minhas palavras. Durante muitos anos amadureci as minhas convicções.

Com um sorriso sonhador nos lábios, Vanga fala do mais secreto:

— As melhores pessoas vivem alto nas montanhas. O marido leva as ovelhas para o pasto e canta. A mulher pega na roca e começa a fiar; também enquanto trabalha canta. A esposa ama o marido, ele ama-a. Criam os filhos, alegram-se com eles, alegram-se com o sol e a chuva. E nas grandes cidades

passa-se algo terrível. Vejo como as pessoas se afundam na lama do quotidiano. Passam diante de mim, e cada um tem uma placa no peito onde está escrito: «Sou ladrão», «Sou hipócrita», «Sou mentiroso», «Sou vil», «Sou traidor». Que imundície há, que vícios não existem nas pessoas! E isso já está a acontecer, por isso agora muitas pessoas regressam às aldeias, ao ar puro e à pureza dos costumes.

Vamos tentar separar o fenómeno Vanga da sua personalidade e ver que pessoa ela é. Não esqueçamos que ela é uma de nós, embora dotada de capacidades surpreendentes acima do comum. Vou contar como se desenrola um dia da vida da minha tia.

De manhã cedo, já às 5 horas, Vanga está de pé, embora ela própria admita:

— De noite só o meu corpo descansa, os pensamentos vagueiam por aí. Vejo tantas coisas. No silêncio da noite vejo e ouço especialmente bem como tocam os sinos celestes, marcando cada hora. Tudo o que vive se submete a esse ritmo.

— Como pensas — dirige-se ela a mim —, como é que os galos sabem que horas são para cantar, como sabem as aves quando começar as suas canções, e as flores quando abrir os botões para receber o novo dia? Elas submetem-se àquele ritmo, àquela voz que aos homens não é dado ouvir.

A primeira tarefa da manhã é a limpeza; a limpeza é para ela um verdadeiro culto. Quem já esteve em sua casa em Petrich sabe que tudo está no seu lugar e brilha de limpeza. Alguém pode pensar que aqui há uma espécie de mania, mas Vanga dá outra explicação:

— Todos os dias vem muita gente ter comigo. As pessoas saem daqui purificadas, e as suas doenças, preocupações, más intenções, recordações pesadas, ofensas e dores ficam aqui, na minha casa. Tenho de admitir que é muito pesado para os meus ombros esse fardo diário. Por isso começo a limpar e arrumar a minha casa, não tanto para a limpeza do quarto, mas para aliviar a alma. Só uma alma pura pode entrar em contacto com outra alma.

Vanga nunca se apressa para a mesa da cozinha. Come muito pouco, como uma criança pequena, e dispensa completamente o pequeno-almoço.

No verão encontra sempre tempo para as flores do jardim. Se a limpeza é um culto, as flores são o melhor símbolo de tudo o que é puro e fresco.

Depois chega o carro ligeiro atribuído a Vanga pelo conselho municipal, e Vanga parte para Rupite, a 11 quilómetros da cidade. Ali, na pequena casa com um grande jardim cheio de flores, Vanga recebe os visitantes.

— Uma vez — conta ela — vesti uma blusa vermelha recém-comprada para que as pessoas se alegrassem com a minha roupa nova. Mas de repente ouvi uma voz que disse: «Não te deixes seduzir pela tua roupa!» Tirei a blusa, guardei-a no armário. E nunca mais a tirei.

Vanga recebe frequentemente presentes dos seus visitantes. Guarda só aqueles que lhe são caros como recordação de uma pessoa. O resto distribui. Avalia os objetos não pelo seu custo real, mas pela beleza, pelo trabalho neles investido. Vanga diz-nos frequentemente:

— Não esperem ser favorecidos pelo meu prestígio, pelo meu nome e pelas minhas capacidades. Elas amadureceram no campo doloroso do sofrimento humano. Venham ter comigo como vêm verdadeiros amigos, por mim própria. A cada um responderei com uma palavra calorosa e carinhosa. O que mais alegra a minha alma são as relações humanas sinceras. Todos os dias vêm pessoas estranhas e pedem algo, e raramente alguém pergunta o que eu preciso, do que sofre a minha alma, do que sonho, como me sinto. Mas, claro, isso não é uma desgraça. Fico mal quando vem uma pessoa com intenções e objetivos interesseiros, cujo coração não é puro. Tenho pena de tais pessoas; o seu destino é a inveja constante, a frieza, doenças atormentadoras.

Por volta das 9 horas da manhã Vanga sai para a sala destinada aos seus visitantes e começa as suas sessões. Recebe as pessoas mais variadas. A cada visitante dedica um tempo determinado, pois considera que todos precisam, de forma diferente, das suas palavras e do contacto com ela. A maioria dos seus hóspedes vai-se embora com um sentimento de satisfação. Para aqueles poucos que deixam a sua casa não totalmente confiantes, queremos lembrar que devem prestar atenção até às palavras mais insignificantes de Vanga, pois ela nunca diz nada em vão.

Caminho pela terra (mas afinal isto não é a terra!), semeada de estrelas. Parece que as piso. Aqueles que me guiam deslocam-se muito depressa, aos saltos. Afastam-se e regressam. No planeta deles tudo é muito belo, simplesmente não consigo descrever. Por qualquer motivo, em lado nenhum vejo habitações. Estes seres são muito severos. Quando falam, as suas vozes ecoam como um eco. Por vezes colocam-me nos ouvidos algo semelhante a

auscultadores. Porquê? Não sei. Trabalham muito, de forma precisa e organizada; dizem que há muito poucas pessoas através das quais estabelecem ligações diretas com a Terra. Eles controlam-nos. Não me permitem contar o que ouço e vejo junto deles.

Eis o que ouvi recentemente: «Nós vimos por um instante — temos de regressar depressa. Não esperes muito de nós, não perguntes — está-nos proibido falar».

Uma vez instalaram na Terra duas esculturas, aparentemente de alguns dos seus cidadãos mais destacados. Eu sei exatamente o local, mas não vo-lo posso mostrar. Uma das esculturas é assim: um homem sentado numa pedra plana, pensativo, com a cabeça apoiada na mão. A outra: um homem de pé a olhar para o longe, segurando na mão direita um objeto que se assemelha vagamente a uma pistola.

Quando estavam a instalar as esculturas, um deles disse: «Talvez devêssemos deslocar um pouco as figuras para o lado, para que as pessoas não as vejam?» Outro respondeu: «Não tenhas medo, não vês que eles são cegos?»

Alguns anos mais tarde… Uma vez, quando nos preparávamos para regressar a casa de Rupite, a minha mãe estava a contar qualquer coisa junto ao portão e, por acaso, bateu com força com o portão. Vanga disse imediatamente:

— Não fales tão alto e não faças barulho, há muita gente em casa.

Naturalmente, a minha mãe não viu ninguém; em casa estava escuro, silencioso e deserto. A minha mãe afirma que a casa fica assim quando Vanga não está. Eis, porém, o que a própria Vanga conta:

— Naquela ocasião entrei em casa e sentei-me numa cadeira no meio da divisão, e eles sentaram-se à minha volta. Eram homens idosos, antes anciãos, vestidos com roupas ofuscantemente brilhantes — o quarto parecia iluminado pelo sol. Um deles disse-me: «Levanta-te e ouve, que nós te vamos contar algumas coisas sobre o futuro. Não tenhas medo de nada, porque à tua porta há um guarda. Eis o que é: o mundo espera muitas mudanças, vai renascer e voltar a destruir-se. O equilíbrio chegará quando começarmos a falar com as pessoas!»

Ou outra das suas declarações, que me parece não menos interessante:

— Vocês não veem, mas neste momento há no céu uma multidão de estranhos aparelhos voadores. Eu vejo dentro de cada um deles três «pessoas» (evidentemente, a palavra «pessoa» entre aspas). Ouço as palavras: «Prepara-se um grande acontecimento!» Que acontecimento é esse, não mo explicam!

Disseram-me uma vez que Gagarin não se queimou no avião nem morreu, mas foi «levado». Por quem, porquê, para onde — não explicam.

A definição que Vanga dá do tempo: existe o «grande tempo», simplesmente o «tempo» e os «tempos».

— Com grande interesse — diz ela — observei os cosmonautas da Terra quando eles aterraram na Lua. Mas eles não viram nem a milésima parte do que eu vi…

Então, que seres são estes que comunicam com Vanga e visitam a sua casa? Na opinião dela, existe uma hierarquia rigorosa, há os seus «chefes», que aparecem mais raramente e normalmente só quando é necessário anunciar acontecimentos excecionais ou quando se esperam graves catástrofes naturais.

Ao tomar conhecimento de uma desgraça iminente, a minha pobre tia empalidece, desmaia, da sua boca saem palavras desconexas, e a voz nesses momentos nada tem a ver com a sua voz habitual. É muito forte, de outro timbre, como se vibrasse de tensão. E as palavras soam completamente diferentes, sem nada em comum com o vocabulário quotidiano de Vanga; a mim parecem-me desconexas. Como se uma inteligência estranha se instalasse nela para anunciar acontecimentos fatídicos. A ela chama-lhe «a grande força» ou «o grande espírito».

Vejo sorrisos céticos nos rostos dos leitores e quero esclarecer que todas as definições de Vanga devem ser tomadas como convencionais. Na realidade, nem sequer temos termos para designar as imagens e os fenómenos que se lhe revelam. Imaginem como vocês ou os vossos amigos se comportariam no lugar de Vanga… É evidente que ela encontrou palavras que compreendia, as mais próximas das suas noções e da sua perceção.

A «voz» que lhe transmite algo também deve ser tomada como convencional, pois soa dentro dela própria, «na minha cabeça», como diz Vanga. De resto, ela ouve-a, compreende-a, responde-lhe mentalmente. Como isso acontece, ela não consegue explicar, mas a comunicação flui com

facilidade e naturalidade, sem qualquer esforço da sua parte. Ela não procura muito esse tipo de comunicação e, se quiser, pode evitá-la.

Vanga explica que estas «forças» (volto a usar o termo dela, é difícil encontrar outro mais expressivo) se elevaram da Terra para o ar porque «a Terra está agora impura».

Não é difícil supor que um cientista, se compreendesse o que se passa e o que Vanga vê com tanta clareza, encontraria termos completamente diferentes e daria outras explicações, mas para Vanga bastam as suas próprias explicações. Quero sublinhar mais uma vez que o leitor não deve tomar como «verdade última» as declarações bastante diretas de Vanga sobre a «entrada de um espírito no seu corpo», sobre «forças» que circulam no ar ou sobre «vozes» que ela ouve e compreende. Mas também não se deve considerar que estamos perante uma manifestação de misticismo ou, pior ainda, de sintomas doentios.

O facto de ela, uma mulher pouco instruída e já idosa, tentar enquadrar as suas sensações, sem dúvida grandiosas, em molduras convencionais e vesti-las com palavras que conhece, de modo algum a diminui, nem simplifica a tarefa, cuja condição talvez nunca consigamos compreender, quanto mais resolvê-la. Esta é a minha opinião; os cientistas provavelmente pensam de forma diferente.

Aqui está a continuação da tradução para português europeu (PT-EU), em conformidade com o Acordo Ortográfico de 1990 em vigor:

De manhã o céu clareou, instalámo-nos ao pé da rocha e, com impaciência, começámos a esperar os primeiros raios de sol.

Não sei por que razão nos colocámos exatamente ali; provavelmente teve influência a «descoberta» feita na véspera: na superfície da rocha, ao nível dos nossos rostos, havia três reentrâncias do tamanho de um pires e da mesma forma. Elas formavam um triângulo isósceles, cujo vértice apontava para o chão.

Passou meia hora, mas nada de interessante aconteceu. O sol subia lentamente. E de repente um raio solar iluminou o dente aguçado da rocha, desceu, atingiu o triângulo e começou a rastejar devagar da esquerda para a direita, exatamente pelas reentrâncias na rocha. Observámos este fenómeno durante cerca de vinte minutos e, depois, toda a rocha se iluminou de repente com uma luz solar intensa e brilhante. Não sei se esta brincadeira dos

raios solares na rocha foi casual ou se fomos testemunhas de algum fenómeno interessante, mas o facto permanece facto: a 5 de maio um raio solar desenhou na rocha um triângulo que alguém antes de nós tinha notado (e marcado!). Foi-nos dado um sinal. Por quem e qual, não sabemos.

Passámos o dia inteiro a discutir o que acontecera, a examinar a rocha, os círculos que formavam o triângulo, e esperávamos com impaciência a noite para ver o que a «irmã» do Sol — a Lua — nos mostraria.

Mas à noite começou a chover. Novamente chuva. Mais uma vez ficámos encharcados até aos ossos e secámo-nos junto à fogueira, olhando desesperançados para o céu sombrio e pouco acolhedor. No entanto, agora sentíamo-nos um pouco melhor do que na véspera. Acreditávamos em Vanga e esperávamos um milagre. Perto da meia-noite ocupámos o nosso posto matinal junto à rocha. E o que aconteceu? As nuvens dispersaram-se gradualmente; meia hora depois surgiram as primeiras estrelas no céu e, pouco depois, a Lua apareceu. Estava tão silencioso como na noite anterior. A nossa emoção crescia, não tirávamos os olhos da rocha.

E de repente um raio lunar — nem sequer percebemos de onde veio — repetiu o jogo de luz do raio solar. Tocou no topo da rocha, depois, tocando várias vezes nas reentrâncias rochosas, durante quinze minutos descreveu da esquerda para a direita um triângulo com o vértice apontado para o chão e, depois, desapareceu. Ficámos imóveis a dois ou três metros da rocha escura. Ninguém disse uma palavra, mas todos pensávamos a mesma coisa: «Será casual este jogo de luz na rocha, neste triângulo? Coincidência?» Improvável, muito improvável.

No entanto, o inacreditável mal começara. Alguns minutos depois, o lado sul liso da rocha começou a tremeluzir com uma luz cinzenta clara, como o ecrã de um enorme televisor. E num instante surgiram duas figuras no «ecrã». Pareciam enormes e ocupavam quase todo o espaço iluminado — a parede lisa tinha não menos de 5 metros de altura e cerca de 3-4 metros de largura. As figuras eram visíveis com nitidez e destacavam-se de forma tão relevada que tive a sensação de que a qualquer momento poderiam separar-se da parede e dirigir-se a nós. Ficámos literalmente petrificados de espanto e, sim, de medo. Tenho a certeza de que nunca esquecerei tal espetáculo enquanto viver.

Assim, à esquerda no nosso «ecrã» vimos um homem idoso, mais provavelmente um ancião, com cabelos até aos ombros e vestes longas até

ao chão. A mão esquerda estava baixa e na direita, estendida para a frente, segurava um objeto redondo como uma bola, mas obviamente não era uma bola, e sim um aparelho de finalidade desconhecida.

Um pouco mais afastada, mais acima e à direita, encontrava-se a segunda figura, de um homem muito jovem. Estava sentado numa cadeira, com as mãos nos apoios de braços. O olhar fixo ao longe, o rosto tenso. Na cabeça tinha um chapéu alto e, por cima dele, algo semelhante a uma antena.

O «ecrã» permaneceu iluminado durante bastante tempo; conseguimos ver bem e memorizar tanto o velho como o jovem. Depois tudo à volta mergulhou numa escuridão impenetrável.

Quando recuperámos e, iluminando com a lanterna, olhámos para o relógio, verificámos que tínhamos observado aquela estranha imagem durante cerca de vinte minutos. Em silêncio fomos para as tendas, como por ordem, começámos a recolher apressadamente a bagagem e, na escuridão total, iluminando o caminho com a lanterna, tropeçando em raízes e pedras, fomos em silêncio e rapidamente para casa. Algures duas horas depois vimos as primeiras luzes da cidade e suspirámos de alívio.

Só em casa, já completamente acalmados, recuperámos a fala e, de forma confusa, tropeçando uns nos outros, começámos a contar o que tínhamos visto. Verificou-se que os cinco tínhamos visto a mesma coisa. As nossas descrições não diferiam umas das outras. Lembrou-se a frase de Vanga: o mais importante pode ser visto à luz da Lua, bem como nos primeiros raios do Sol.

Como somos parentes de Vanga, alguém pode pensar que eu estava psicologicamente preparada para algum acontecimento, mesmo sem saber exatamente qual. Está bem, admitamos isso, mas e os outros, os que estavam comigo? Nós, os cinco, diferentes em idade, educação e, finalmente, convicções. E sobre as esculturas «vistas» por Vanga, instaladas por desconhecidos visitantes, eu não tinha dito nada aos meus companheiros. Simplesmente me esquecera delas e só me lembrei quando me sentei a escrever o livro sobre Vanga e tirei da pasta as notas que fizera na biblioteca ainda em 1979. Portanto, não se pode falar seriamente de alguma sugestão. O que foi então? E por que razão Vanga nos enviou a 5 de maio exatamente para este «ecrã» na rocha?

No dia seguinte fui ter com Vanga e contei-lhe tudo em pormenor. A tia ouviu com interesse, mas absteve-se de comentários.

O que vimos não nos deixa em paz até hoje. Fomos lá mais algumas vezes de manhã e à tarde, mas não vimos mais nada. Decidimos não contar a ninguém este caso extraordinário, quase fantástico. Lembro-me das palavras de Vanga: «Virá o tempo dos milagres, a ciência fará grandes descobertas na área do imaterial. Em 1990 seremos testemunhas de descobertas arqueológicas surpreendentes, que mudarão radicalmente as nossas ideias sobre os mundos antigos. Todo o ouro escondido virá à superfície da terra, mas a água esconder-se-á. Assim está predeterminado».

Acredito profundamente no que Vanga disse sobre as futuras descobertas da ciência moderna. Espero também que um dia ela me dê a mim e aos meus amigos a chave para o estranho enigma que marcou as nossas vidas com um toque do sobrenatural e que mudou de forma tão categórica as nossas ideias sobre o mundo real. O que é realmente real no mundo e o que é irreal? E onde está a fronteira entre eles, se é que existe?

Não sei se conseguiremos encontrar respostas para estas perguntas. Não sei se conseguirei compreender o que representa o fenómeno Vanga.

Mas, sem nos precipitarmos para o futuro, voltemos ao presente e escutemos o que mais a minha sábia Vanga poderia dizer-nos sobre a nossa terra, sobre o nosso tempo. Recorda a minha mãe:

— Foi em 1918. Vanga disse-me: «Lembra-te das minhas palavras, agora nos Balcãs está inquieto, mas virá o dia em que todas as capitais balcânicas se derem as mãos — a mão da ajuda e da amizade. Grandes líderes de Sófia e Bucareste, de Belgrado, de Atenas e de Ancara reunir-se-ão juntos, conversarão calmamente e dignamente para encontrar o caminho para a compreensão mútua. Muito estranho, mas parece-me que os seus caminhos se cruzam em Petrich».

A profecia feita por Vanga há 40 anos parece-me interessante. Afinal, está a começar a realizar-se. Quando me sentei a escrever este livro, começou a reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países balcânicos, realizada em Belgrado. Ali decorria a discussão sobre os caminhos para alcançar relações de boa vizinhança e uma paz duradoura. Vanga repete:

— Lutar pela paz não é obrigatório com a arma na mão. Se inspirares nos homens bons pensamentos — darás um passo sério para a conquista da

paz. Muitos líderes de diferentes países dirigem os seus esforços exatamente nessa direção. Não há outra saída. É preciso tratar uns aos outros com bondade e amor, para nos salvarmos. Todos nos salvarmos. Juntos. Se não compreendermos esta simples verdade com a nossa razão, as leis inexoráveis do cosmos obrigar-nos-ão a compreendê-la. Mas então será tarde e o esclarecimento custar-nos-á demasiado caro.

A minha nota de 1987, registada a partir das palavras de Vanga:

— As pessoas inventam novas leis — cosem roupa de novo corte. Mas ainda passará muito tempo antes de criarmos um tecido forte. Precisamos não de roupa artificial, mas natural, da qual irradie calor. Sim, passarão muitos anos até aparecer um homem alto, um forasteiro, que será um bom alfaiate e um bom costureiro…

E outra nota, datada de janeiro de 1988:

— Somos testemunhas de acontecimentos fatídicos. Dois dos maiores líderes do mundo apertaram as mãos um ao outro para provar que é possível e necessário dar o primeiro passo para a conquista da paz universal. Mas ainda passará muito tempo, muita água correrá, até que venha o Oitavo — ele assinará a paz definitiva no planeta.

Se excluirmos agora aquelas frases cujo sentido não nos é totalmente claro («virá o Oitavo» — quem é ele, de que país ou de que planeta?), só podemos admirar a capacidade de Vanga se expressar em linguagem tão bela e poética.

Imaginemos por um momento quanta coisa maravilhosa e em que forma requintada ela nos poderia contar se tivesse recebido a tempo a educação e a instrução dignas da sua alma sensível e do seu belo coração.

De que serve sonhar e suspirar. Tudo no mundo acontece como deve ser. E nós assumimos a ousadia de colocar acentos. Da posição de uma vida humana é difícil determinar o que é verdadeiramente bom e o que é realmente mau.

… Percorri um caminho difícil até chegar a estas páginas. Guiada por um amor puro e sincero, procurei olhar convosco para o mundo misterioso chamado Vanga, mostrar a própria Vanga tal como ela é na realidade, contar sobre a ampla gama dos seus interesses, o seu exemplo moral digno de

imitação, a sua elevada moral humana, bem como sobre a difícil missão de nos indicar o caminho para o bem, o amor e a fraternidade.

Volto a citar as suas palavras: «Fui colocada aqui e meço estritamente o tempo determinado da minha permanência na terra. Dou a mão aos desesperados e indico-lhes para onde ir». «Não será este o único caminho que nos leva a um futuro luminoso? Não será esta a nossa predestinação terrena, dar a mão aos desesperados?» E ainda: «É preciso ser bom e amar uns aos outros para nos salvarmos! O futuro pertence às pessoas boas, elas viverão num belo mundo que agora nos é difícil imaginar».

Quanta esperança e confiança nos transmite Vanga! Nestes dias inquietantes é especialmente reconfortante ouvir que a vida na terra não perecerá, porque «virá o tempo do trabalho inspirado, do amor e da fraternidade entre todos os homens no planeta». A esta bela e única vida Vanga serve há já meio século. Podemos acreditar nela porque diariamente nos convence da veracidade das suas previsões.

Guiada pelo seu incrível dom, Vanga supera categoricamente todo o nosso ceticismo, desconfiança e rejeição. Seríamos mais pobres sem Vanga; o seu dom é-nos necessário, apesar da nossa incompreensão. Tenho a certeza de que não foi por acaso que ele se manifestou exatamente agora, no nosso tempo. Ainda não conseguimos compreender — pela escassez de conhecimentos ou de imaginação — a essência do seu dom, mas Vanga repete frequentemente: «Virá, virá o tempo dos "milagres", a ciência fará grandes descobertas na área do imaterial. Muitos mistérios serão decifrados».

… Sobre Rupite desce a escuridão. A cumeada da montanha Kozhukh delineia-se nitidamente no fundo do céu lilás pálido, e o vapor quente das fontes minerais, que se eleva ao pé da montanha, torna toda a imagem mística e irreal. De algum lugar distante chegam os sons da vida urbana habitual: buzinas de automóveis, vozes de pessoas, risos, mas eles não conseguem perturbar o silêncio e a tranquilidade do vale de Rupite, onde o tempo, parece, parou para sempre.

E o murmúrio das correntes tranquilas do rio Struma anima sons completamente diferentes: ouvem-se os passos calmos e sem pressa das pessoas de outrora, quando a doce melodia da flauta de pastor saturava o ar com encanto paradisíaco, quando o vento cantava baixinho nos ramos das árvores e na erva alta os pássaros cantavam de amor e felicidade. Houve

alguma vez tal tempo ou apenas nos parece paraíso aquela vida há muito passada? Não sei.

No paciente esperar de algum «grande acontecimento» (como ela se expressa), entre as suas flores preferidas no jardim, senta-se a minha Vanga. Ela encaixa-se tão harmoniosa e naturalmente nesta bela imagem que parece que sempre esteve aqui. Por vezes o seu rosto imóvel, concentrado no intenso trabalho da alma, anima-se e os olhos cegos abrem-se muito. O que vê ela com a sua visão sobrenatural numa noite tão terna? Viaja em pensamento para épocas há muito passadas ou espreita para além da barreira, para o futuro?

Folheia as páginas da existência humana ou são as próprias estrelas que lhe contam sobre outros mundos distantes e desconhecidos, cujas mensagens ela decifra com tanta facilidade como nós lemos o jornal da manhã? O que nos trará amanhã? E como receberemos as suas novas revelações? Queremos acreditar que com bondade e amor, com a dignidade das pessoas da futura vida feliz e justa. É a ordem do tempo, assim pensa também Vanga.

Agora voltam-me à memória as suas palavras, ditas há muito tempo: «Um livro assim não pode ser escrito agora». De facto, não pode. Um livro assim deve ser criado continuamente, dia após dia, e o ponto final será posto ainda não em breve. O que sabemos sobre Vanga? Dolorosamente pouco. É preciso comparar pontos de vista iniciais, opiniões diferentes, investigar, estudar; talvez com o tempo consigamos penetrar no mistério chamado Vanga.

A revelação da vidente é a nossa esperança e apoio na vida cheia de acasos, sinais secretos do cosmos. Escutemos. «Quem tem ouvidos, ouça».